

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

IONE APARECIDA OSHIDA DOS SANTOS

**UTILIZAÇÃO DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS
NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

SANTOS

2019

IONE APARECIDA OSHIDA DOS SANTOS

**UTILIZAÇÃO DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS
NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Metropolitana de Santos, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Orientadora: Dra. Renata Barrocas

**SANTOS
2019**

Santos, Ione Aparecida OSHIDA dos
**UTILIZAÇÃO DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS
NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Ione Aparecida OSHIDA dos Santos, Santos, 2019,
fls. 131

Orientadora: prof^a. Dra. Renata Barrocas

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas Docentes no
Ensino Profissional)

UTILIZATION OF ICONOGRAPHIC LANGUAGES IN
GEOGRAPHY EDUCATION

**1. Geografia Escolar. 2. Paisagem. 3. Lugar.
4. Iconografia. 5. Benedito Calixto**

A Dissertação de Mestrado intitulada “**UTILIZAÇÃO DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**”, foi apresentada e aprovada em 24/05/2019, perante banca examinadora composta por Prof^a. Dr^a. Jerusa Vilhena Moraes; Prof^o. Dr. Alberto Luiz Schneider.

Prof. Dra. Renata Barrocas
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dra. Luana Carramillo Going
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação

Programa: Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.
Área de Concentração: Práticas Docentes no Ensino Fundamental Linha de Pesquisa: Ensino aprendizagem no Ensino Fundamental

AGRADECIMENTOS

Gratidão...

A Deus por me conceder saúde.

A minha orientadora Prof^a.Dr^a. Renata Barrocas que esteve ao meu lado direcionando, lendo, corrigindo até mesmo de madrugada.

Aos professores que ministraram as aulas esclarecendo dúvidas e abrindo um caminho maravilhoso.

À banca que teve um olhar criterioso e generoso compartilhando seus conhecimentos e experiências.

A equipe escolar que acolheu a pesquisa participou demonstrando que o chão de uma escola pública vai além de verbas.

Aos responsáveis que permitiram que meus alunos participassem da pesquisa, da saída de campo e que escreveram páginas lindas na minha vida profissional.

Aos meus amigos e amigas que sempre acreditaram nos meus estudos e nos momentos difíceis me presentearam com sorrisos, abraços e incentivos.

A minha família que respeitou minha ausência, pois meu coração sempre esteve presente com cada um.

SANTOS, Ione Aparecida OSHIDA dos. **“UTILIZAÇÃO DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA”**. Projeto de Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar um estudo por meio das obras de Benedito Calixto e imagens aéreas de Sérgio Furtado como recursos didáticos para a discussão das categorias de paisagem e lugar. A metodologia é bibliográfica, documental e de pesquisa ação a partir da aplicação de sequências didáticas e saídas de campo. As categorias de paisagem e lugar foram discutidas com suporte da Base Nacional Comum Curricular. A etapa prática da pesquisa foi aplicada numa escola santista, onde os sujeitos são alunos do oitavo ano do ensino fundamental II. Para complementar a sequência didática foi realizada saída de campo à Pinacoteca Benedito Calixto para que os alunos conheçam as obras originais do autor abordado. Os resultados da pesquisa mostraram que os alunos interpretam a paisagem de diferentes momentos da história santista de modo satisfatório embora grande parte dos participantes desconheça a presença das obras do autor Calixto e a presença de uma pinacoteca a poucas quadras da escola onde estudam. Com a sequência didática fica evidenciada a necessidade de reforçar entre os sujeitos discussões e reflexões sobre os conceitos de lugar e paisagem.

Palavras Chave: Geografia Escolar. Paisagem. Lugar. Iconografia. Benedito Calixto

SUMMARY

The present work has the objective of presenting a study through the works of Benedito Calixto and aerial images of Sérgio Furtado as didactic resources for the discussion of landscape and place categories. The methodology is bibliographical, documentary and action research from the application of didactic sequences and field exits. The categories of landscape and place were discussed with support of the National Common Curricular Base. The practical phase of the research was applied in a Santos school, where the subjects are eighth grade students of elementary school II. In addition to the didactic sequence, a field trip to the Pinacoteca Benedito Calixto was carried out, so that the students know the original works of the author approached. The partial results of the research showed that the students interpret the landscape of different moments of the history of Santista in a satisfactory way, although most of the participants do not know the presence of the works of the author Calixto and the presence of a pinacoteca a few blocks from the school where they study. With the didactic sequence it is evidenced the need to reinforce among the subjects discussions and reflections on the concepts of place and landscape.

Keywords: School Geography. Landscape. Place. Iconography. Benedito Calixto

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Autorretrato Benedicto Calixto	28
Figura 2	Fotógrafo Sérgio Furtado	29
Figura 3	“ Longe do Lar”	30
Figura 4	Enchente na Várzea do Carmo 1892	31
Figura 5	Esquema de Estudo obra Porto de Santos 1888/1890	33
Figura 6	Obra de Benedito Calixto 1898 base para foto de Furtado 2014	35
Figura 7	Sondagem inicial	54
Figura 8	Santos 1922	58
Figura 9	Porto de Santos 1922	62
Figura 10	Porto de Santos 1822	62
Figura 11	Imagem aérea do Porto de Santos	63
Figura 12	Atividade comparativa	64
Figura 13	Alunos em grupo comparando obras	65
Figura 14	Imagem do trajeto escola – Pinacoteca	68
Figura 15	Pinacoteca Benedicto Calixto	69
Figura 16	Contação de história de Calixto na saída de campo	70
Figura 17	Alunos em monitoria na Pinacoteca	71
Figura 18	Alunos conhecem a máquina fotográfica de Calixto	72
Figura 19	Desenho do aluno “A”	74
Figura20	Registro fotográfico do aluno “A” onde mora	75
Figura 21	Desenho aluna “B”: Meu lugar favorito	76
Figura 22	Imagem da paisagem pesquisada da aluna “C”	77
Figura 23	Releitura da paisagem realizada pela aluna “C”	78
Figura 24	Porto de Santos 1922	80
Figura 25	Porto de Santos 1822	84
Figura 26	Imagem aérea do Porto de Santos	85
Figura 27	Hipótese de ângulo de visão de Calixto	86
Figura 28	Hipótese de ângulo de visão de Furtado	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Conceito de lugar e localização espacial	81
Tabela 2	Elementos que compõem a paisagem	82
Tabela 3	Leitura da paisagem e reconhecimento de elementos	84
Tabela 4	Leitura da paisagem e evolução urbana comparativa por meio das obras de Benedito Calixto - Porto de Santos 1822 e imagem aérea de Sérgio Furtado de 2014	87

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1	Descrição dos princípios do raciocínio geográfico	42
Quadro 2	Objetos de conhecimento	44
Quadro 3	Mapa conceitual Rudnick	49
Quadro 4	Etapas de construção dos resultados	52
Quadro 5	Relação de perguntas feitas em relação às variáveis para a construção de um ICD(Instrumento de Coleta de Dados	55
Quadro 6	Descrição dos sujeitos participantes	56
Quadro 7	Objetos de estudo	57
Quadro 8	Desenvolvimento do estudo	57
Quadro 9	Análise da obra Porto de Santos 1922	80
Quadro 10	Mapa conceitual Rudnick	90

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	14
2 Capítulo 1 IMAGENS E FOTOGRAFIAS COMO RECURSOS DIDÁTICOS	16
1.1 Diferentes Linguagens e a Aula de Geografia.....	21
1.2 A paisagem santista representada por Calixto e Furtado.....	27
1.3 Um pouco de Calixto	29
1.4 Um pouco de Furtado.....	34
1.5 A leitura fotográfica.....	36
3 Capítulo 2 A PAISAGEM E O LUGAR NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR	40
2.1 Interdisciplinaridade nas obras de Calixto	45
2.2 História e Geografia nas obras de Calixto	47
2.3 Transposição Didática.....	48
2.4 Desenvolvimento sondagem inicial	53
2.5 Descrição e Resultados Obtidos na Sequência Didática	58
4 Capítulo 3 RESULTADOS DA PESQUISA	
3.1 Categorização das respostas aplicadas na sequência didática.....	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
6 PRODUTO DA PESQUISA	93
7 REFERÊNCIAS	123
8 APÊNDICES	130

APRESENTAÇÃO - MEMORIAL

Aluna egressa desta Universidade, em 2006 cursei Pedagogia, onde participei do grupo de estudos da modalidade Iniciação Científica. Esta experiência acadêmica auxiliou-me na questão de leitura e escrita quando os professores envolvidos expunham suas interpretações e opiniões embasadas em outros autores e, assim pude aprender a dedicar meu tempo à leitura e aos estudos.

Na prática, como estagiária atendia as crianças que moravam no entorno do campus em atividades na Brinquedoteca. Além disso, passei a ministrar aulas de reforço aos filhos dos moradores nos cortiços do centro da cidade de Santos, SP.

Durante a graduação participei do Projeto Rondon, oferecido pelo Governo Federal e que promoveu um aprendizado que levarei em toda experiência como professora. Foram quinze dias em São João da Lagoa, norte do estado de Minas Gerais; nenhum livro passou tanto conhecimento como a vivência com comunidades quilombolas. No mesmo ano em que me formei, passei no concurso público em Praia Grande/SP, onde atuei em classes de alfabetização durante três anos. Desta experiência, atualmente entendo o porquê surgiu um intenso interesse em seguir meus estudos direcionando-os a conhecer mais sobre a sociedade, o espaço onde vivem e como vivem.

Em 2008, iniciei uma segunda graduação na UNIMES, na licenciatura em Geografia. Novas experiências foram aprendidas através dos estudos do meio, laboratório de maquetes que enriqueciam diariamente meu aprendizado pessoal e profissional. Quando a conclui, atuava como docente em projetos ambientais voltados ao ensino em dois municípios da Baixada Santista, Praia Grande e São Vicente. Como especialista em Educação Ambiental era uma multiplicadora nas comunidades, praticando ações ambientais em vários ecossistemas da nossa região, principalmente nos manguezais.

No decorrer dos anos sempre observei a ausência do ensino de Geografia nos anos iniciais. Após concluir minha segunda graduação e ingressar como docente em escolas públicas estaduais constatei que essa fragilidade se estendia para os anos finais do ensino fundamental e também no Ensino Médio. Muitos alunos não conheciam o próprio bairro, além de não terem desenvolvido competências e habilidades suficientes que os conduzissem a um raciocínio

geográfico reflexivo. Dentro deste contexto passei a planejar aulas desafiadoras, com saídas ao redor da escola e percebi que a falta de curiosidade na verdade era um reflexo da aprendizagem.

Em Santos, minha carreira docente na rede municipal iniciou-se com as séries de sextos e sétimos anos e com os alunos da antiga Educação de Jovens e Adultos (EJA). Particpei como tutora de uma projeto com alunos a partir de 15 anos, em formato de Ensino a distancia. A Prefeitura desenvolveu um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e com o passar dos bimestres passei de tutora à professora deste grupo, elaborando materiais didáticos.

Toda trajetória em sala de aula, traçava um caminho único: o professor não deve parar de estudar, a formação é essencial.

Em 2018, fui convidada pelo Setor de Formação da Prefeitura (SEFORM), para trabalhar com um projeto de formação com os professores de Geografia que atuavam na Educação de Jovens e Adultos, com um encontro mensal. Foi uma experiência interessante embora no início alguns professores apresentavam resistência com relação à leitura de textos, uso de vídeos e aos estudos. O importante é que no resultado deste projeto os participantes perceberam a necessidade de formação e da troca de experiências, sendo fundamental para a qualidade das aulas.

Em 2017, ao iniciar o Mestrado Profissional, retomei leituras com novos professores que apresentam outra perspectiva enriquecedora principalmente à prática na sala de aula e, sobretudo, por acreditar que a geografia deve ser ensinada por várias linguagens.

“Como resultado, temos a apresentação de uma dissertação UTILIZAÇÃO DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA”, baseada nas obras de Benedito Calixto tendo como comparativo contemporâneo o fotógrafo Sérgio Furtado.

O tempo de estudo do Mestrado é denso e curto, portanto as participações em congressos são importantes, porque oportunizam a vivência em vários polos de conhecimento. O XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, XIX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) e o I Encontro de Pesquisa e Iniciação Científica (EPIC), agregaram desde metodologia até o contato com outros mestrados e, palestrantes, deixando clara a mensagem de que a formação é permanente.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de inquietações em sala de aula na questão da transposição dos conceitos dos conteúdos curriculares, tantas vezes abstratos para os nossos alunos, diante disso a busca por metodologias e práticas diferenciadas.

Outro aspecto observado nas séries iniciais do fundamental II é a lacuna que os estudantes apresentam referente à disciplina de Geografia, para eles trata-se somente de pintura de mapas. A relevância do estudo da disciplina tem que ficar mais explícita para que os alunos sintam a necessidade de aprender para chegarem às séries finais com mais propriedade, já que no ano seguinte estarão no Ensino Médio.

Nesse sentido, a Geografia como uma disciplina interdisciplinar, apresenta o objetivo deste trabalho: apresentar um estudo por meio das obras de Benedito Calixto e imagens aéreas de Sérgio Furtado como recursos didáticos para a discussão das categorias de paisagem e lugar.

Como metodologias foram utilizadas os procedimentos bibliográficos e documentais e pesquisa-ação. Este último vai de encontro com a transposição didática utilizada que foi uma sequência didática, por ter um roteiro, onde foram oportunizados vários momentos de aprendizagens partindo da observação e percepção das paisagens e imagens apresentadas até a saída de campo.

Os sujeitos da pesquisa fazem parte do 8º "A" de uma escola pública Estadual localizada em Santos. A aplicação da sequência foi realizada de 21 a 28 de novembro 2018, totalizando seis aulas. Além disso, realizamos uma saída de campo a Pinacoteca Benedito Calixto ainda em novembro de 2018 durante o período de aula dos alunos.

Informamos que o instrumento de medida desta pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética desta Universidade em dezembro de 2018, conforme os Anexos: A – Aprovação do Comitê de Ética; B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Instituição; C – Termo de consentimento Livre e Esclarecido aos Professores e o D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Pais ou Responsáveis. O número do CAAE é 08111018.0.0000.5509 conforme consta no comprovante de envio do projeto.

O estudo por meio das obras de Calixto objetivou alicerçar o contexto histórico e a intencionalidade dos registros da paisagem santista em suas obras no

final do século XIX. Em contraponto, as imagens aéreas da segunda década do presente século, fotografadas por Furtado, foram utilizadas como comparativo de estudo na transformação do espaço geográfico.

Para a construção do conceito paisagem e lugar e a sua importância humanística apresentamos as contribuições de Claval (2006) e Tuan (1974). Estes autores serviram de embasamento teórico para construirmos os objetivos desta pesquisa que discute a utilização de diferentes linguagens para o ensino das categorias de paisagem e lugar nas aulas de Geografia.

No primeiro capítulo a discussão conceitual está em torno das teorias que envolvem a Geografia Humanística, difundida por Tuan nos anos de 1960. Nosso propósito foi realizar a transposição didática desta construção teórica para sua aplicação na sala de aula e, para tal condição, utilizamos a paisagem santista.

No segundo capítulo apresentamos a nova legislação a BNCC – Base Nacional Comum Curricular e todo direcionamento que a legislação descreve abrangendo o aluno com uma educação integral e atuante politicamente.

Neste capítulo também traz considerações a interdisciplinaridade da geografia com a história da arte, a descrição e os resultados obtidos na sequência didática

O terceiro capítulo apresenta Categorização das respostas aplicadas na Sequência didática

Finalizamos com a proposta do produto para este Mestrado Profissional, que é idealizado para os professores terem exemplos de construção de atividades: Revista Digital e um aplicativo para celular, recursos tecnológicos que inovam e aproximam o objetivo proposto da realidade do aluno.

2 Capítulo 1 IMAGENS E FOTOGRAFIAS COMO RECURSOS DIDÁTICOS

Para a apresentação deste capítulo faremos um recorte temporal da epistemologia geográfica e apresentaremos as contribuições de Claval (2012) e Tuan (1980) para a construção do conceito de paisagem e lugar e a importância da Geografia Humanística nesta análise. Estes autores serviram de embasamento teórico para construirmos os objetivos desta pesquisa que discute a utilização de diferentes linguagens para o ensino das categorias de paisagem e lugar nas aulas de Geografia.

Em virtude da vivência cotidiana em sala de aula, percebemos o quanto a arte pode colaborar para que o aluno compreenda os conceitos que envolvem as categorias geográficas. E, justamente para representar sua importância, foram escolhidos dois personagens da história santista que contribuíram para o registro da paisagem em diferentes momentos, o artista Benedito Calixto e o fotógrafo Sérgio Furtado, respectivamente. O primeiro representou em suas telas as paisagens de Santos durante o século XIX; e o segundo registra pela fotografia os mesmos ângulos que Calixto eternizou em suas telas. A ideia de Furtado foi a de apresentar a evolução da cidade de Santos partindo das referências das obras do pintor e os resultados, por serem surpreendentes, servem como recursos para a organização e o ensino dos conceitos geográficos.

O objetivo do presente trabalho é apresentar um estudo por meio das obras de Benedito Calixto e imagens aéreas de Sérgio Furtado como recursos didáticos para a discussão das categorias de paisagem e lugar da cidade de Santos, SP.

Dentro deste contexto nosso propósito é discutir a contribuição que diferentes linguagens promovem para que os alunos construam as categorias geográficas de forma interdisciplinar, com uma leitura da paisagem local e a construção do conceito sobre o lugar. Para isto, faremos um recorte tempo-espacial das contribuições dos autores mencionados e sua importância para que esta corrente de pensamento, a da Geografia Cultural, colabore para a construção de conceitos nas aulas de Geografia.

No tocante ao ensino-aprendizagem, a contribuição das linguagens artísticas e imagéticas de ícones urbanos da cidade de Santos, promove significados aos conceitos de paisagem e lugar presentes nas aulas de Geografia.

Atentando para o fato de que o homem expressa-se pela linguagem, ou seja, por meio de um sistema de signos responsáveis por armazenar a cultura e transmiti-la, e que é também por meio da linguagem (verbal e não verbal) que o conhecimento é construído e transmitido, é imprescindível, assim, o domínio da habilidade de leitura, principalmente a de mundo, conforme Paulo Freire (1985):

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e o seu contexto (FREIRE, 1985, p. 11-12)

Com o intuito de esclarecermos os conceitos das linguagens estudadas buscamos embasamento para as linguagens imagéticas primeiramente.

Gouvêa e Martins (2001) acreditam que a leitura de imagens é uma atividade profundamente influenciada por princípios que organizam possibilidade de representação e significação numa dada cultura. Eles dizem que da mesma forma que a leitura do escrito, a leitura das imagens não se restringe à simples leitura de signos, fazendo-se necessário, assim, um aprendizado de leitura de imagens. Nessa perspectiva, o visual é visto não como subordinado ou menos importante, mas como um modo semiótico que coopera com o linguístico.

Daí o suporte da necessidade de que os sujeitos-leitores contemporâneos têm de dominar o universo da linguagem, isto é, a necessidade de sermos bons leitores: saber ler as palavras é imprescindível para uma boa leitura das imagens. Saber ler o texto, suas entrelinhas, o contexto social, econômico, cultural e religioso retratados pelo autor, ou seja, para sermos bons leitores é preciso que nos tornemos coautores do que estamos lendo, aceitando o convite feito pelo autor para caminhar no universo representado por ele. Esse exercício, com certeza, facilita a leitura das imagens.

As linguagens artísticas segundo Weber¹ (2015) estão sugeridas em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro. Dentro destas divisões podemos inserir vários tipos de materiais e linguagens como literatura, música, poema, fotografia, filme, vídeo clipe e jogos.

A discussão que permeia esta pesquisa está em torno das teorias que envolvem a Geografia Humanística, difundida por Tuan nos anos de 1960. Nosso propósito será realizar a transposição didática desta construção teórica para sua aplicação na sala de aula e, para tal condição, utilizaremos as linguagens artísticas e imagéticas da paisagem santista.

Nossa proposta não é a da discussão filosófica da Geografia Humanística, mas a de apresentar, aos interessados na docência estratégias que colaborem ao ensino das categorias geográficas da paisagem e lugar utilizando esta corrente de pensamento geográfico.

A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica, conforme aponta Claval (2006):

O homem apreende o mundo através dos seus sentidos: ele observa as formas, escuta os barulhos e sente os odores daquilo que o envolve. Os movimentos do seu corpo constituem uma experiência direta do espaço. O gosto lhe revela, quando ele come ou bebe, outras propriedades do mundo que o envolve. O homem age primeiramente em função das indicações que ele recebe dos seus sentidos (CLAVAL, 2006, p. 93).

A paisagem é uma realidade que cotidianamente percebemos e sentimos constituindo-se uma das categorias da ciência geográfica. Segundo Claval (2006 p.93) a paisagem possui memória e ajuda a desenvolver o sentimento de pertencimento do lugar.

Alguns geógrafos compreendem a paisagem a partir de duas vertentes, seja como a expressão do visível e dos processos que materializam a partir das relações entre o homem e a natureza. Nela podem ser materializadas das

¹Dorcas Janice Weber, Artigo publicado na Revista REVISTA DE ESTUDIOS E INVESTIGACIÓN EN PSICOLOGÍA Y EDUCACIÓN. ISSN: 2386-7418, 2015, Vol. Extr., No.6 XIII Congreso Internacional G-P de Psicopedagogía. Área 6: FORMACIÓN DE PROFESORES Y AGENTES EDUCATIVOS. Campus de Elviña, Edificio Xoana Capdevielle. 15008 A Coruña - España
Integração das linguagens artísticas: formação continuada de professores da Educação Básica.

condições sociais, persistindo os elementos naturais embora já transfigurados pela ação humana.

Para Suertegaray (2001, p. 5) o conceito de paisagem “nos permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais”.

Yi-Tu Tuan em seu livro *Topofilia* (1980), parte da percepção do espaço para entender as interações entre os homens e o meio. Para ele:

A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1980, p.160).

Tuan também fez considerações relevantes a respeito da paisagem, partindo de uma construção holística contendo tanto elementos materiais quanto os simbólicos. Para o autor, a paisagem havia sido considerada pelos homens como um pano de fundo, sem valorização de seus símbolos, que para ele eram muito importantes para a sua compreensão por considerar sua gama de representações.

Um símbolo é um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que acumularam através do tempo. As experiências profundas muitas vezes tem um caráter sagrado, extraterreno, mesmo quando se originam na biologia humana. Quando os símbolos dependem de acontecimentos singulares, eles devem variar de um indivíduo para outro e de uma cultura para outra (TUAN, 1980, p. 166).

Enfim, trata-se da apresentação do objeto em seu contexto geográfico e histórico, levando em conta a configuração social e os processos naturais e humanos.

A paisagem é um dos conceitos fundamentais da análise geográfica e significa a expressão visual do modo de ser característico de certo espaço, um sítio

ou região, cujo aspecto é dado pela disposição e articulação particular dos elementos geográficos.

Segundo Besse (2006, p. 63), tal aspecto visível na abordagem geográfica, revela algo não sendo, portanto reduzido a uma representação. A realidade expressa pela paisagem pode ser lida para extrair-se “formas de organização do espaço, estruturas, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias”. Isso é possível porque no entendimento geográfico, a paisagem, como “fisionomia do espaço terrestre” ou “aspecto característico de uma região”, é um produto objetivo de interações e constrictões naturais (geológicas, geomorfológicas, botânicas) e de um conjunto de realidades humanas (econômicas sociais e culturais). Assim, como um fato geográfico, mas também histórico, a paisagem significa um testemunho “impresso” da ação de causas naturais e humanas, sendo a superfície terrestre o “substrato plástico” sobre o qual os diversos agentes da impressão inscrevem seus efeitos.

Em outras palavras, a leitura e escrita geográficas consideram a relação sociedade e natureza, objeto de estudo da Geografia.

Por se tratar de um trabalho de construção do conceito de paisagem e lugar, a abordagem da geografia cultural permite estabelecer uma relação sujeito/sujeito tendo a paisagem como mediadora dessa relação.

Como afirma Berque (1984):

A paisagem tem uma marca que é ao mesmo tempo matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja da cultura que canalizam, em um certo sentido a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza (BERQUE, 1984 p.85)

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitados. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim, o lugar não pode ser considerado/entendido isoladamente. O espaço em que vivemos é o resultado da história de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidades.

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou da rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural. (SANTOS, 1988, p. 98).

Além de Santos (1988), a interpretação do geógrafo TUAN (1980, p.4) que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor. TUAN (1980 p.5) continua esclarecendo que “se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar” Para o autor a construção do elo afetivo entre a pessoa e o lugar promove uma relação topofílica com o espaço. O termo *topofilia* é um neologismo que define esta relação, como afirma TUAN (1980 p.107), dos “laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” O autor Costa (2017, p.124) completa que a experiência envolve “distintas maneiras pelas quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Elas envolvem o olfato, o paladar, o tato, a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”.

Pretendemos com esta abordagem discutir estas categorias presente nas obras de Calixto e Furtado e transpô-las como recurso metodológico para as aulas de Geografia, promovendo ao aluno a possibilidade que se desperte a importância do estudo da paisagem e do lugar.

1.1 Diferentes linguagens e a aula de Geografia

O uso de diferentes linguagens auxilia a construção do conhecimento de forma interdisciplinar, devendo relacionar-se ao cotidiano do aluno. Muitas linguagens já estão incorporadas no ensino de Geografia, porém cada uma transmite uma intencionalidade. Portanto é de suma importância que o professor esteja apto com os conceitos, pois eles devem levar a reflexão e problematização. Como orienta Rudnick (2012)

Estamos nos referindo às competências para fazer do elenco de conteúdos da geografia um conjunto de experiências que levem a uma reflexão problematizadora e a uma sistematização conceitual, por exemplo considerando as vivências dos alunos, ou seja, antes da abordagem teórica, dar sentido problematizado a ela estabelecer “laços” com aquilo que já se sabe para então produzir ou transformar o conhecimento. (RUDNICK 2012, p.20)

As linguagens podem ser caracterizadas como um recurso didático e, atualmente, seu papel no ensino, atua como mediadora no processo de ensino-aprendizagem, oportunizando melhorar o aproveitamento e interação do aluno com o conhecimento.

Dentro deste contexto cabe ao professor garantir que a aprendizagem seja alcançada de maneira que os estudantes agregam as competências dos conteúdos de Geografia e desenvolvam habilidades de uma reflexão problematizadora dando sentido a aprendizagem e autonomia para que as produzam ou transformem o conhecimento. Segundo Moretto (2001):

O papel do novo professor é o de usar a perspectiva de como se dá a aprendizagem, para que usando a ferramenta dos conteúdos postos pelo ambiente, estimule as diferentes inteligências de seus alunos e os leve a se tornarem aptos a resolver problemas ou, que, sabe, criar produtos válidos para seu tempo e sua cultura. (MORETTO (2001, p.29)

A construção do saber precisa ser estimulada, e por isso o uso de linguagens que retratem a diversidade do mundo, geram um vínculo despertando o desejo do saber.

Esta construção do saber geográfico é uma tarefa que exige não somente conhecimento teórico, o despertar, o querer saber é fundamental, pois os alunos não conseguem esquematizar os conhecimentos com atividades de memorização e leituras de livros didáticos. É preciso relacionar o mundo com a realidade do educando para fazer significado o ensino e aprendizagem.

Entretanto ainda representa um desafio para o professor de Geografia, conseguir incentivar seus alunos a se interessar pelo componente para que

possam compreender o espaço geográfico, assim como outros conteúdos. O docente poderá conseguir êxito no processo de ensino/aprendizagem mediante a articulação entre o conhecimento prévio do aluno e a construção de seus próprios conceitos, fomentando assim a formação dos conhecimentos científicos. Como explicita Morais (2011)

Ensinar a geografia de maneira que os alunos possam sentir-se interessados pela disciplina é um desafio constante a todos os professores, é necessária uma busca e reflexão constantes por meios que favoreçam o processo de ensino aprendizagem. Na busca por uma maneira de ensinar que possibilite aos alunos um aprendizado significativo da geografia, descobriu-se a importância do cotidiano de cada um para o entendimento e significação dos conteúdos (MORAIS 2011, p.3)

Diante disso, a utilização dos recursos nas aulas de Geografia por meio da linguagem artística, desenvolve no aluno a percepção de observar e analisar obras de arte e a fotografia configurando como uma atividade subjetiva, em que as experiências de cada um possam conduzir a uma compreensão ampliada de signos e símbolos.

Marquez (2006) aponta em seus estudos a importância de se fazer uso de obras de arte na sala de aula com vistas a ampliar o olhar de crítica e observação de uma paisagem entre outros fatores.

Nesse mesmo viés, Silva (2009) defende ser a linguagem artística uma possibilidade de se aliar marcas e símbolos de um contexto espaço/temporal de uma cultura ao ensino de diferentes componentes curriculares na educação básica. Partindo destes pressupostos o aluno poderá compreender o espaço geográfico em que está inserido.

Como afirmam Callai e Kaercher (1998)

O conteúdo de Geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos de geografia, significa uma consciência espacial das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo. CALLAI e KAERCHER (1998, p.93)

Desse modo, para se compreender os fenômenos geográficos é preciso utilizar da escala de análise, ou seja, a escala geográfica. Como enfatiza Callai (2005, p. 95.), “é fundamental que se considere sempre os vários níveis desta escala social de análise: ‘o local’, ‘o regional’, ‘o nacional’ e ‘o mundial’”. Assim, será capaz de explicar qualquer fenômeno em diferentes níveis desta escala, fomentando análises mais profundas.

Partindo dessas premissas, devem ser trabalhados os conhecimentos geográficos, de um jeito mais interativo e dinâmico, atraindo a atenção do estudante. Nesta conjuntura, o professor de Geografia pode fazer uso de diferentes linguagens para alcançar os objetivos propostos, não se prendendo ao livro didático, mas articulando-o a recursos variados como: a música, a poesia, história em quadrinhos, tirinhas, internet, televisão, filmes, vídeos, slides, obras de arte e fotografias. Conforme Rudnick e Sousa (2010.p 21), “o uso de diferentes linguagens nas aulas de Geografia mobiliza uma construção do conhecimento, de forma interdisciplinar e contextualizada”. Reichwald (2006) enfatiza que:

No bojo da renovação e dos novos caminhos trilhados, dialogar com as áreas do conhecimento, ler a geografia com base em textos variados das diferentes ciências, da mídia, do imaginário popular etc. É algo enfatizado com mudanças dos anos 80, em especial. A geografia passa a utilizar o saber sistematizado na linguagem escrita como referência para entender o espaço como resultado e elemento influenciador da realidade social. (REICHWALD 2006, p.69)

As ideias dessa autora se complementam com as de Santos, Costa e Kinn (2010) quando destacam que:

A utilização de outras linguagens, que não apenas a verbal, escrita e não escrita, e/ou de outros recursos técnicos, diferentes do papel e do quadro negro, é hoje inevitável e necessária na educação, porque a sociedade já está vivendo no meio técnico-científico-informacional desde os anos de 1970. (SANTOS, COSTA e KINN 2010, p.44)

Portanto, é notória a necessidade de o docente procurar renovar a cada dia sua prática, utilizando diferentes recursos e metodologias de forma crítica. Deste modo, a utilização de diferentes linguagens ajudará o aluno a refletir sobre informações apreendidas. Ademais o uso “de outras linguagens e recursos didáticos metodológicos pode aumentar o interesse dos alunos pela Geografia; com o interesse reavivado, torna-se produtivo investir e reinvestir no ensino” como afirmaram Santos, Costa e Kinn (2010 p. 46).

A utilização da fotografia como recurso para leitura e apreensão da paisagem, torna-se um poderoso instrumento didático que poderá apresentar resultados significativos para a aprendizagem. A fotografia eterniza uma paisagem com apenas um clique que poderá se transformar num objeto de estudo, proporcionando ao aluno o mesmo visual do espaço fotografado. Porém, é necessário superar alguns paradigmas quanto ao uso da fotografia em sala de aula. Sua utilização como mera ilustração de textos em livros didáticos, juntamente com outros métodos tradicionais que dão ênfase à memorização e a repetição pura e simples do que é ensinado vem se arrastando no tempo e precisam dar lugar a novas metodologias com a utilização de diferentes linguagens, entre as quais a visual.

Nas palavras de Asaki, Antoniello e Tsukamoto (2004):

[...] a utilização da fotografia pode estimular a observação e descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para tirarem suas próprias conclusões e elaborarem soluções para problemas da sua realidade, e não apenas como uma ilustração do conteúdo geográfico ministrado. (TSUKAMOTO 2004, p.183)

Mas o que é fotografia? Qual seu conceito enquanto recurso didático no ensino da Geografia? Podemos dizer que fotografia é o registro visual de um determinado espaço num momento histórico, do ponto de vista de um observador. Nas palavras de Kossoy (1999, p. 143), “ela não é, nem pretende ser um raio-X dos objetos ou das personagens retratadas”, no entanto, pelas possibilidades que oferece para leitura do espaço, certamente é um bom indicativo desta realidade.

Para Travassos (2001, p.), a fotografia pode ser entendida como “uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de ‘materialização’ de lugares nunca antes visitados por alguns.”

Os dados, fatos e informações registradas pela fotografia representam a materialização seletiva e excludente do espaço num momento histórico. Em outras palavras, a imagem foi selecionada pelo enquadramento da câmera segundo a importância definida pelo olhar do fotógrafo, excluindo-se aquilo que considera menos importante. Como o momento exato do clique também foi selecionado pelo fotógrafo, a imagem obtida é o resultado da materialização do espaço num tempo histórico.

Utilizada como recurso didático no ensino da Geografia, a fotografia desenvolve no aluno sua percepção visual sobre o espaço retratado. Ela não substitui textos ou outras fontes de informações geográficas, mas se agrega a estes recursos cabendo ao professor fazer uso de diferentes linguagens, tendo a opção de incluir a fotografia como mais uma possibilidade para tornar as aulas dinâmicas e prazerosas.

Por outro lado, a utilização da fotografia no contexto da aula não deve ser entendida como uma mera ilustração de textos escritos, como frequentemente ocorre nos livros didáticos, nem como a expressão da verdade absoluta de uma determinada época e lugar.

A observação de uma imagem fotográfica fornece pistas da realidade segundo o olhar de quem a produziu, cabendo ao professor a tarefa de estimular os alunos para descobrir o significado dos elementos presentes na imagem, que poderão ser revelados por meio de sua leitura.

Neste contexto a análise crítica da imagem torna-se um importante recurso que se bem explorado pode trazer uma grande contribuição na construção dos conceitos geográficos.

Nas palavras de Asaki, Antoniello e Tsukamoto (2004),

por mais que a fotografia seja produzida com certa finalidade, a sua representação vai conter um meio de informação e conhecimento, e o seu conteúdo irá ajudar o aluno a se constituir como um leitor crítico da paisagem, levando-o à compreensão de conceitos e acontecimentos, muitas vezes, abstratos e complexos. (ASAKI, ANTONIELLO, TSUKAMOTO 2004, p.194)

As autoras ASAKI, ANTONIELLO, TSUKAMOTO (2004) inferem ainda que quando se observa determinada imagem, “fica-se imaginando o que aconteceu no passado, o porquê, ou como será no futuro, e, por alguns minutos que seja, viaja e

começa-se a refletir sobre a imagem à frente (...).” Por outro lado, na análise de uma fotografia em uma perspectiva problematizadora podemos constatar que sua imagem não corresponde à verdade histórica, absoluta, mas à realidade aparente, impregnada de valores de quem as produziu. Por esta razão, o professor precisa estar atento para conduzir sua leitura por diferentes pontos de vista de modo a facilitar as múltiplas interpretações pelos alunos.

Conforme nos ensina Asari, Antoniello e Tsukamoto (2004, p. 180) é preciso levar em consideração que “uma mesma imagem sempre terá interpretações significativas diferenciadas entre dois ou mais observadores, mesmo a realidade registrada sendo fixa ou imutável.” Desta forma, o estudante precisa saber quem produziu a imagem que está sendo estudada, em que época, com qual objetivo e em que contexto.

Na proposta de Kossoy (1999 p. 143), “é justamente nas possibilidades que a imagem oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações que reside o seu fascínio.” Como mediador do conhecimento, o professor deve estimular o aluno a ter uma posição crítica incentivando-o a questionar não só os elementos mostrados na imagem, mas também o contexto que levou à sua produção ou seja a verdadeira intencionalidade.

A partir da discussão da importância de diferentes linguagens no próximo subcapítulo apresentaremos algumas produções de Calixto e Furtado que serviram de recursos imagéticos para a elaboração da metodologia desta dissertação.

1.2 A paisagem santista representada por Calixto e Furtado

A paisagem é um gênero bastante difundido nas Artes Plásticas. Porém a influência da perspectiva racionalista na ciência limitou a compreensão dos objetos de estudo a uma perspectiva material e desde então a Arte e a Ciência, que eram vistas anteriormente como indissociáveis, foram fragmentadas.

Somente no século XVIII é que há de fato uma mudança. A pintura passa a ser uma disciplina ensinada em academias e os pintores adquirem autonomia para pintar o que sua imaginação quiser ou então, paisagens, agora não mais como pano de fundo, mas imitações da natureza no plano principal (MYANAKY, 2003, p 27).

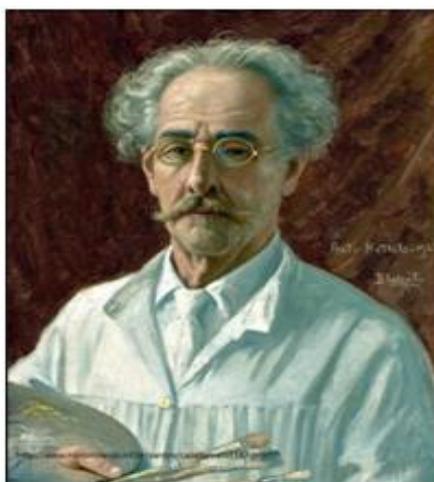
Os artistas usavam as pinturas como veículo para retratar de maneira mais fundamental e expressivamente realista a natureza da paisagem quando “[...]muitos artistas tomaram conscientemente rumos próprios, que os conduziam para além dos debates estéticos acadêmicos, levando-os a uma crescente valorização da observação imediata da Natureza”, segundo nos retrata Keller (2008, p.25)

Conforme destaca Mattos (2004), no século XIX a paisagem deixa de ser um dos gêneros inferiores na hierarquia das artes e passa à uma posição dianteira, sendo associado a novas concepções da natureza e a ideia do sublime adotada pelo movimento romântico.

O século XIX é o período da produção de Benedito Calixto para representar a paisagem santista. Este recorte temporal é fundamental para expormos a forma como este autor construiu sua produção. Em seguida, a fotografia de Sérgio Furtado será o outro recurso imagético para a discussão da paisagem e a construção do conceito de lugar.

Apresentamos os dois personagens que com suas técnicas promovem a discussão sobre a evolução da paisagem santista e seu conceito de lugar, Calixto e Furtado, respectivamente.

Figura 1 – Auto retrato



Fonte:<http://www.novomilenio.inf.br/santos/calixtnm.htm>

Figura 2 - Fotografia Sérgio Furtado



Fonte: <http://olhares.imagensaereas.com.br/>

1.3 Um pouco sobre Calixto

De acordo com o livro-documentário² “Calixto Digital”, lançado em 2014 Benedito Calixto de Jesus e de autoria da Fundação Benedito Calixto - Equipe BITcom Comunicação Digital, o artista nasceu na cidade de Itanhaém em 14 de outubro de 1853. Embora fosse comum na época que os filhos homens seguissem a profissão ele não manteve a profissão de marceneiro. Ainda jovem mudou-se para Santos onde pintava muros e placas de propaganda. Seu contato com a arte foi em Brotas, cidade de pequeno porte do interior paulista, onde com seu irmão onde trabalhava como restaurador de obras sacras.

Dentre as obras do início da carreira estão “Casamento Burguês” e “A Saída do Ninho”. Aos 28 anos, teve sua primeira exposição na sede do Correio Paulistano, ocasião em que não vendeu nenhuma obra mas recebeu elogios da crítica.

² Sobre este tema este material propõe grandes contruições. <https://docplayer.com.br/24515551-Pinacoteca-benedicto-calixto-calixto-digital.html>

Casado retornou a Santos para realizar a pintura do teto do teatro Guarany, trabalho que promoveu uma bolsa de estudos na França onde frequentou os ateliês do pintor impressionista Jean François Raffaelli e do pintor e fotógrafo Henri Langerock. Ainda em solo internacional, venceu um concurso com o quadro "Longe do Lar".

Figura 3 – Obra “Longe do lar”



Fonte: www.catalogodasartes.com.br/obra/DeDzBB/

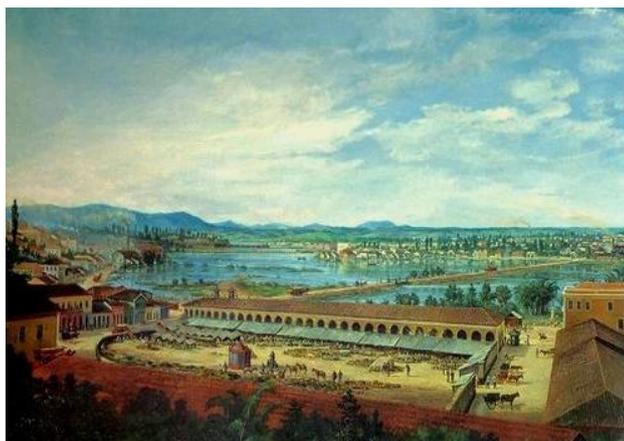
A leitura desta obra passa a sensação de que Calixto não estava feliz pois trata-se de sua autorrepresentação. Longe de casa, as cores sombrias em conjunto com desorganização do ambiente, a expressão de tristeza e de talvez um espelho sem reflexo, reflete o momento de vida que Calixto vivenciava.

A relação topofílica que Calixto tinha com a cidade de Santos, com seu espaço geográfico, é mais forte que seu aprimoramento artístico. Em 1884 volta ao Brasil trazendo um novo recurso uma moderna câmera fotográfica. Entusiasmado com o equipamento, torna-se pioneiro no Brasil em pintar a partir de fotos.

Calixto com a intencionalidade de registrar o progresso de Santos faz uso destas observações para criar obras, o crescimento econômico e urbano da cidade, graças a exportação do café do Oeste Paulista que passa a ser escoado para o Porto de Santos pela estrada Santos-Jundiaí propicia o surgimento de novas empresas como a Companhia Docas de Santos, responsável pela modernização do Porto de Santos, favorecendo a produção do artista com encomenda de novas telas. O pintor expõe em Santos e São Paulo, onde passou a residir na tentativa de ampliar a comercialização de seus trabalhos e sua inserção no meio artístico.

Com o quadro “Enchente na Várzea do Carmo” (1892) conquistou definitivamente a exigente crítica, que reconheceu na obra a exatidão com que Calixto representou a cidade de São Paulo e alguns de seus principais pontos, como o mercado, a Rua 25 de março, a fábrica de chitas e o casario do Brás.

Figura 4- “Enchente na Várzea do Carmo” (1892)



Fonte: <https://institutopoimenica.com/2013/01/16/inundao-da-vrzea-do-carmo-benedito-calixto/>

Dedicou-se também aos estudos históricos da região e à preservação de seu patrimônio, e publicou, entre outros, os livros *A Vila de Itanhaém*, em 1895, e *Capitanias Paulistas*, em 1924. Sempre ligado às origens e por dispor de amplo conhecimento sobre o litoral paulista, o artista também se dedicou à cartografia, realizando ensaios de mapas de Santos. E como historiador, escreveu sobre as capitânicas paulistas.

Em maio de 1927, na cidade de São Paulo, morreu em decorrência de um infarto aos 74 anos.

Após estudar a vida de Calixto fica notório que três fatores nortearam a vida e a sua arte: o mar, a família e a história, fatores estes que lhe condicionaram uma relação topofílica com o lugar.

Portanto, por meio da linguagem artística, observamos que as obras de arte agregam de forma subliminar algumas categorias geográficas. Segundo Mello (2016)

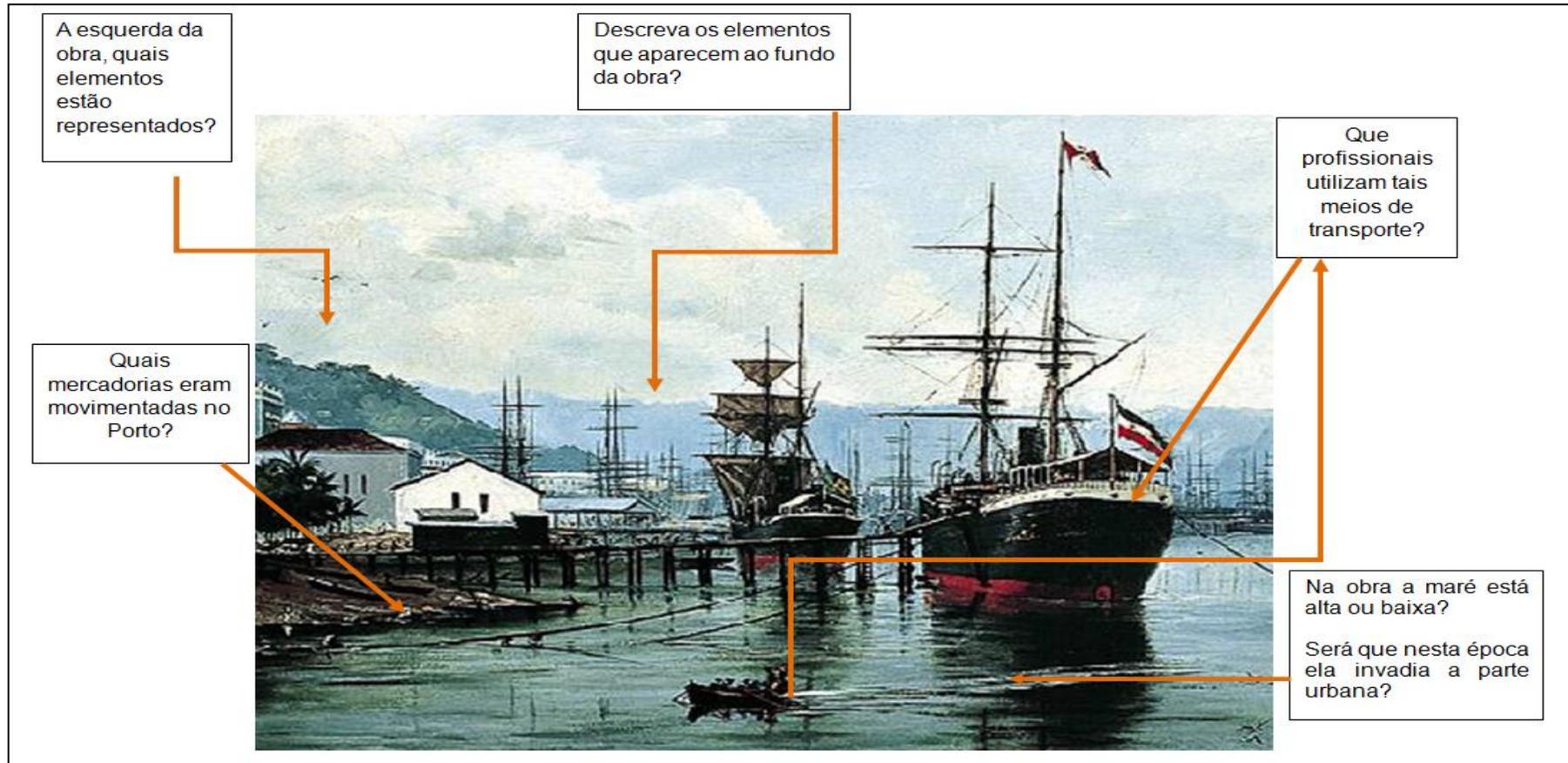
Os alunos devem ser treinados a identificar os elementos da paisagem, se o autor que a registrou o fez com uma intenção artística(...), se despertam sentimentos de pertencimento e também

se criam ou recordam uma atmosfera dos momentos fortes da nossa vida. (MELLO 2016, p.193)

Várias obras de Calixto como, por exemplo, o “Porto de Santos” de 1890, remetem ao desenvolvimento de Santos por intermédio do Porto, do litoral e da formação territorial de São Paulo.

As obras são ao mesmo tempo telas históricas e produto de um romantismo moderno que valorizava o contato com esses lugares. Dentro deste contexto podemos trazer para esta análise os conceitos de geografia paisagem e lugar, levando os alunos à reflexão a partir de alguns questionamentos:

Figura 5 - Esquema de estudo “Porto de Santos 1888-1890”³



Org.: OSHIDA (2018)

³Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/calixt34.htm>

Após a análise o professor poderá conversar sobre a importância da obra ressaltando que é uma cenografia documentária, pois retrata o vapor *Strassburg* que fazia a *Rota de Ouro* (Brasil) e Prata (Argentina/Uruguai) ancorado no porto de Santos, na altura do que depois seria o Armazém 4 . Salientar os detalhes na leitura como a esquerda da tela onde apresenta o armazém de café, o pontilhão de madeira para dar acesso a popa (ré), onde os carregadores de café com suas sacas no dorso, se dirigem para o *Strassburg*. Sugerimos que para concluir, seja observado que a parte vermelha do fundo do casco, encontra-se ligeiramente adernado (inclinado) para bombordo (lado esquerdo) e leva à popa a bandeira vermelha, branca e negra do império Alemão. Todos os detalhes devem ser lidos e observados em conjunto com os alunos, assim construindo um significado para a leitura da figura.

1.4 Um pouco de Furtado

O fotógrafo santista, Sérgio Furtado, especialista em fotos aéreas possui mais de quarenta anos de experiência com fotografia e em seu livro *Olhares: da tela a fotografia, um porto visto do alto* relacionou sua técnica com as telas de Calixto.

A Figura 6 apresenta a comparação entre a obra de Calixto no século XIX e a fotografia de Furtado no século XXI. O ângulo utilizado foi o mesmo em dois momentos distintos da história urbana de Santos.

Figura 6 - Obra de Benedito Calixto feita em 1898 -base para foto de 2014



Fonte:[http://olhares.imagensaereas.com.br/\[LG1\]](http://olhares.imagensaereas.com.br/[LG1])

O fotógrafo descreve a importância do ângulo na sua obra quando aponta que “A câmera é um complemento dos meus olhos; é minha forma de escrever. Escrever com luz, que é o significado de fotografia” (Furtado, 2014, p.13).

As imagens, captadas sobre a cidade de Santos nos últimos dez anos (2004 a 2014), principalmente no Porto, tão poeticamente retratado por Benedito Calixto, são comparadas no livro de Furtado, *Olhares: da tela a fotografia, um porto visto do alto*. Tal comparação é muito importante, pois por meio dos registros fotográficos sobre o porto podemos constatar a transformação da paisagem e do lugar utilizando os registros pictóricos de Calixto.

Além disso, esta comparação que promove discussões sobre a temporalidade também servem como recurso para a reflexão sobre a transformação da paisagem e do lugar nas aulas de Geografia, proposta defendida neste material.

1.5 A leitura fotográfica

Entre 1890 e 1927 Santos vivenciou seu momento econômico mais importante, graças à economia do café, e passou por grandes intervenções urbanísticas que redesenharam seu espaço e afirmaram seu caráter urbano e de porta de entrada para o país⁴. Partindo do conceito de que “ler” uma paisagem consiste em observar, analisar e interpretar suas diferentes expressões atribuindo significados aos diversos elementos que a compõem, elencamos a seguir, alguns passos que poderão ser seguidos para a leitura de paisagens pela fotografia, citados no artigo de Mussoi⁵ (2008), elencamos a seguir, alguns passos que poderão ser seguidos para a leitura de paisagens pela fotografia.

a) Observação

A observação é o passo inicial nas atividades que envolvem a leitura de imagem e consiste em procedimentos que visam reconhecer os elementos que compõem a paisagem, definir suas naturezas, identificar as unidades paisagísticas presentes, o ponto de vista do observador entre outros.

Pode ser feita de forma espontânea, isto é, realizada sem nenhuma interferência externa onde é o próprio observador que prioriza a observação segundo seus critérios e relata o que mais lhe chamou a atenção na fotografia, ou dirigida, quando realizada seguindo um roteiro previamente elaborado com objetivos previamente definidos, cujo encaminhamento poderá ser feito com perguntas como:

- O que a foto está mostrando?
- Que lugar é este?
- Em que época ocorreu determinados fatos?

⁴ Anais eletrônicos XXIII Encontro Estadual de História ANPUH-SP -ANA KALASSA EL BANAT

⁵ A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA.
Arno Bento Mussoi; Wanda Terezinha Pacheco dos Santos

- Quais os elementos constitutivos da paisagem?
- Quais foram construídos pela natureza?
- E pelo homem?
- Quais os que mais se destacam?
- Quais os que mais se identificam com nossa região?
- Quais são as alterações que observam nas paisagens apresentadas?
- Por que houve tais transformações?

A observação dirigida poderá ter caráter temático (quando encaminhada por meio de um roteiro específico com questões voltadas para um determinado tema) ou geral (quando tratar de todos os assuntos susceptíveis de serem observados).

Em nosso estudo a observação dirigida terá o caráter comparativo onde o observador poderá comparar imagens de um mesmo espaço feito em épocas diferentes para verificar o que mudou ou o que permanece inalterado.

A comparação também poderá ser feita com imagens de locais diferentes para ver o que é peculiar de cada um ou o que há em comum, etc. Dependendo da dinâmica que o professor adotar para sua aula, a atividade de observação poderá resultar na produção de um texto, um quadro informativo, um desenho, relatos orais, discussão em grupos, apresentação em seminários, etc.

b) Análise

Este procedimento tem por objetivo dar sentido aos elementos presentes na imagem ou encontrar explicações para o arranjo espacial. Analisar, portanto, uma fotografia é procurar fazer relações dos elementos identificados na paisagem entre si, ou no seu conjunto. Pode ser feita a partir da observação dos elementos presentes na paisagem, sejam eles naturais como relevo, cobertura vegetal e hidrografia e outros construídos pela ação humana como cidades, campos de cultivo, estradas e portos, etc. Quanto aos elementos naturais poderá, por exemplo, ser feita a relação entre as formas do relevo observadas na fotografia com suas respectivas origens geológica; entre a vegetação predominante com o clima; o volume de água do rio com sua bacia hidrográfica ou com o regime de chuvas etc.

Em relação aos elementos construídos pelo homem a análise poderá ser feita, por exemplo, entre as observações do uso do solo nos campos de cultivo ou

nas áreas urbanas com as atividades econômicas, entre as grandes obras de intervenção na paisagem natural com os interesses políticos ou econômicos regionais, nacionais e até internacionais.

c) Interpretação

A interpretação de uma paisagem é o último passo neste conjunto de procedimentos para leitura de imagem e consiste em procurar explicações para os diversos elementos observados, tanto de forma isolada como no seu conjunto, relacionando-os com seus conhecimentos geográficos anteriores. O exercício da busca de explicações é talvez o momento mais importante na leitura da imagem na medida em que possibilita ao aluno questionar sobre as possíveis relações entre os elementos da paisagem, cogitando possibilidades e refletindo sobre as razões do arranjo espacial no conjunto. Quando realizado numa perspectiva problematizadora, este procedimento pode conduzir o aluno a reconhecer também os elementos não visíveis da paisagem, que num primeiro momento não foram objeto de observação como aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais de uma paisagem.

A fotografia de Furtado pode ser uma excelente fonte de pesquisa para identificar as condições de vida da população, condições ambientais e de transportes. É possível fazer uma reflexão sobre outros temas importantes relacionadas com a qualidade de vida dos moradores como renda, desemprego, segurança, condições sanitárias, etc. A comparação entre as duas imagens uma de Calixto e a outra de Furtado, por exemplo, permite analisar e identificar aspectos da infraestrutura urbana como sistema de transportes, pavimentação de ruas, praças e áreas verdes. Pode-se, assim, refletir sobre o papel do Estado na implementação das políticas públicas, etc.

É preciso ressaltar a importância do papel do professor nos procedimentos de interpretação de imagens. Como mediador do conhecimento, o professor poderá orientar os educandos na formulação de hipóteses sobre as possíveis explicações e, em seguida tentar comprová-las por meio de pesquisas complementares, possibilitando ao aluno buscar seu próprio conhecimento.

É sempre importante destacar que uma fotografia não representa a verdade absoluta, mas apenas um ponto de vista, que deve ser complementado com outras fontes de informação para que a leitura crítica do espaço atinja os objetivos

esperados. Neste aspecto reafirmamos a importância do papel do professor como mediador, no sentido de despertar no aluno o interesse pela busca de informações complementares para construir seu próprio conhecimento.

No próximo capítulo apresentaremos os conceitos de paisagem e lugar segundo a legislação vigente a Base Nacional Comum Curricular e todo direcionamento que a legislação descreve abrangendo o aluno com uma educação integral e atuante politicamente. O capítulo também traz considerações a interdisciplinaridade da geografia com a história da arte, a descrição e os resultados obtidos na sequência didática.

3 Capítulo 2 A PAISAGEM E O LUGAR NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – OITAVO ANO

De todas as unidades temáticas da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, cinco norteiam o ensino de Geografia. Esses temas foram estruturados para possibilitar que o ensino do componente não seja apenas baseado na transmissão de informações ao aluno. Todos os estudantes do Ensino Fundamental devem ser incentivados a ampliar suas percepções de mundo e a compreenderem de maneira crítica as relações que compõem a realidade.

A BNCC⁶ de Geografia apresenta, por meio de competências e habilidades específicas, assim como por meio de cinco unidades temáticas, o cabedal para a construção da cidadania plena. Essas unidades necessitam ser notadas enquanto temas que se inter cruzam, não há hierarquia e também não há uma mais importante que outra.

Portanto, há um rompimento com aspectos que vem da linearidade explicativa do mundo. Nega-se às maneiras estanques ou separadas de analisar e entender a realidade. Elas são promotoras de encontros e cada uma em sua especificidade já significa um encontro.

O sujeito e seu lugar no mundo

- Foco do aprendizado: noções de pertencimento e identidade.

-Objetivos do Ensino Fundamental II: expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos, considerando temas políticos, econômicos e culturais do Brasil e do mundo; permitir que o estudante valorize sua individualidade e, ao mesmo tempo, possa se situar como cidadão ativo, democrático e solidário. Que se entenda como produto de uma sociedade localizada em determinado tempo e espaço, mas também produtor dessa mesma sociedade.

⁶ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>

Conexões e escalas

- Foco do aprendizado: articulação de diferentes espaços e escalas de análise, relações existentes entre os níveis local e global.

- Objetivos do Ensino Fundamental II: expandir o olhar para a relação do sujeito com contextos mais amplos, considerando temas políticos, econômicos e culturais do Brasil e do mundo; permitir que o estudante valorize sua individualidade e, ao mesmo tempo, possa se situar como cidadão ativo, democrático e solidário. Que se entenda como produto de uma sociedade localizada em determinado tempo e espaço, mas também produtor dessa mesma sociedade.

Mundo do trabalho

-Foco do aprendizado: reflexão sobre atividades e funções socioeconômicas e o impacto das novas tecnologias.

-Objetivos do Ensino Fundamental II: ampliar o olhar do aluno sobre o processo de produção do espaço agrário e industrial, em sua relação entre campo e cidade, destacando-se as alterações provocadas pelas novas tecnologias; estimular a reflexão sobre o impacto dessas mudanças nas relações de trabalho, na geração e na distribuição de renda; conduzir os estudantes no processo de compreensão das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, em relação aos variados tempos, escalas e processos históricos, sociais e étnico-raciais envolvidos; possibilitar aos estudantes o desenvolvimento das habilidades de ler, comparar e elaborar diversos tipos de mapas temáticos, assim como as mais diferentes representações utilizadas como ferramentas da análise espacial é importante que os estudantes usem esse recurso como suporte para fazer.

Com a BNCC, a Geografia é incorporada desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, uma mudança estrutural importante da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na nova abordagem proposta pelo documento, a ênfase recai sobre o **pensamento espacial e o raciocínio geográfico**.

Para se aproximar dos objetivos de aprendizagem, o professor também precisa se apropriar de conteúdos procedimentais.

A Base reforça a ideia da Geografia como um componente importante para entender o mundo, a vida e o cotidiano. Desenvolver nos estudantes o raciocínio geográfico, articulando alguns **princípios**, significa dotá-los de mais uma forma de perceber e analisar criticamente a realidade. (Castellar, S. 2018, s/n).

Quadro 1 – Descrição dos Princípios do Raciocínio Geográfico

Princípio	Descrição
Analogia	Um fenômeno geográfico é sempre comparado a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
Conexão	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
Diferenciação *	É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima) resultando na diferença entre áreas
Distribuição	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço
Extensão	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico
Localização	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
Ordem **	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Fontes: FERNANDES, José Alberto Rio; TRIGAL, Lourenzo López; SPÓSITO, Eliseu Savério. **Dicionário de Geografia aplicada**. Porto: Porto Editora, 2016.

*MOREIRA, Rui. A diferença e a geografia: o ardil da identidade e a representação da diferença na geografia. **GEoGraphia**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 41-58, 1999; **_____. Repensando a Geografia. In: Santos, Milton (org). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 35-49.

Como a Base é progressiva apresentamos o Quadro2⁷, que é um resumo elaborado por Castro (2019) com base no material oficial da BNCC de Geografia. O mesmo apresenta as principais temáticas que o documento exige a partir do sexto ano. Os princípios para a construção do raciocínio geográfico permeiam toda esta estrutura e se organizam e se desenvolvem conforme avança os anos de escolaridade do aluno. Logo, podemos considerar que no oitavo ano, o aluno tenha condições de identificar e interpretar o espaço através de vários princípios. Este tipo de construção é importante para a análise iconográfica cuja proposta perpassa a discussão das categorias geográficas, mote da nossa pesquisa.

⁷ O quadro 2 foi elaborado pela professora Maria da glória em reunião apresentada sobre discussão da BNCC de Geografia. A autora do quadro autorizou sua publicação nesta dissertação

UNIDADES TEMÁTICAS	Quadro 2 - OBJETOS DE CONHECIMENTO			
	6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO
O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil	Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais	A hegemonia europeia na economia, na política e na cultura
			Diversidade e dinâmica da população mundial e local	Corporações e organismos internacionais As manifestações culturais na formação populacional
Conexões e escalas	Relações entre os componentes físico-naturais	Formação territorial do Brasil	Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial	Integração mundial e suas interpretações: globalização e mundialização
		Características da população brasileira		A divisão do mundo em Ocidente e Oriente Intercâmbios históricos e culturais entre Europa, Ásia e Oceania
Mundo do trabalho	Transformação das paisagens naturais e antrópicas	Produção, circulação e consumo de mercadorias	Os diferentes contextos e os meios técnico e tecnológico na produção	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial
		Desigualdade social e o trabalho	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina	Cadeias industriais e inovação no uso dos recursos naturais e matérias-primas
Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	Mapas temáticos do Brasil	Cartografia: anamorfose, croquis e mapas temáticos da América e África	Leitura e elaboração de mapas temáticos, croquis e outras formas de representação para analisar informações geográficas.
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	Biodiversidade brasileira	Identidades e interculturalidades regionais: Estados Unidos da América, América espanhola e portuguesa e África	Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na Europa, na Ásia e na Oceania
	Atividades humanas e dinâmica climática		Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na América Latina	

No município de Santos, somente a Educação de Jovens e Adultos adequou em 2018 seu currículo conforme a BNCC, como também fez formações mensais para os professores que trabalham com esta demanda. Em contrapartida o estado de São Paulo, está construindo um novo currículo que deve ser implantado em conjunto com o municipal. Tal construção está sendo feita por meio de consultas abertas na internet e com encontros organizados pelas Diretorias Regionais e Secretaria da Educação para nortear e validar (ou não) as novas propostas curriculares, conforme orienta a gestão democrática.

2.1 A interdisciplinaridade nas obras de Calixto

A Geografia e a História apresentam-se de maneira interdisciplinar na sua essência teórica e prática, em vários contextos de abordagem escolar.

Segundo FAZENDA (1999, p. 66) “a indefinição sobre interdisciplinaridade origina-se ainda dos equívocos sobre o conceito de disciplina”. A polêmica sobre disciplina e interdisciplinaridade possibilita uma abordagem pragmática em que a ação passa a ser o ponto de convergência entre o fazer e o pensar interdisciplinar. É preciso estabelecer uma relação de interação entre as disciplinas, que seriam a marca fundamental das relações interdisciplinares.

Nesse sentido, Morin (2000, p.45) considera que “o parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem apreender o que está tecido junto”. Então essas premissas apontam que o caráter disciplinar do ensino formal dificulta a aprendizagem do aluno, não estimula ao desenvolvimento das inteligências múltiplas, de resolver problemas e estabelecer conexões entre os fatos, conceitos, isto é, de pensar sobre o que está sendo estudado.

Neste trabalho o eixo norteador que integra a História da Arte com a Geografia é o tempo, o espaço e sociedade. Segundo Ortega, Peloggia e Santos (2009), tempo e espaço nessa perspectiva são meios para a compreensão do homem das sociedades e dos sistemas políticos. Para esta compreensão é necessário compararmos estes conceitos como um método que fornece “pontos de apoio sem os quais nada seria possível”. Para Fernand Braudel (2004) a

convergência entre a História e a Geografia é tão melhor uma vez que não há nenhuma vantagem em separar uma da outra.

Neste trabalho no capítulo 2, descrevemos uma situação didática de leitura de uma obra Porto de Santos 1988-1890, o infográfico figura 2, em suas caixas de texto busca conceitos geográficos, ou seja, saberes prévios ou observações dos alunos.

Entretanto a Obra em referência não pode ser estudada sem o contexto histórico, portanto utilizaremos o infográfico para contextualizar a parte histórica.

Benedito Calixto teve uma intencionalidade em pintar o navio a vapor Alemão Strassburg, esta embarcação no contexto da época era moderna e com tecnologia avançada, se comparamos as outras duas embarcações que compõe a obra, fica notória a distinção. Calixto, pinta para deixar registrado que a cidade de Santos está em pleno progresso, que o Porto de Santos está recebendo embarcações modernas.

Ainda estudando a obra de Calixto podemos buscar entender o contexto intencional das armadoras em construir navios a vapor. O navio a vapor Alemão Strassburg pertencia a armadora NDL, após o término do conflito entre a França e Prússia em 1871, a economia europeia entra em recessão refletindo em todo comércio inclusive nas armadoras, buscando amenizar as dificuldades financeiras, entra em um novo mercado comercial, embarque de passageiros, isto porque a população europeia também sofre com a recessão e busca um recomeço em outros países, e o mais visado são os da América do Sul, tendo como destino os portos do Brasil e do Prata. O *Strassburg*, pioneiro da série de 13, realizou sua primeira viagem na *Rota de Ouro* (Brasil) e Prata (Argentina/Uruguai) no ano de 1881.

Dessa forma apresentando para o aluno que as disciplinas se conversam e, o mais importante, que os objetos estudados devem ser lidos respeitando seu período temporal e seu contexto histórico e geográfico.

2.2 História e Geografia nas Obras de Calixto

A interdisciplinaridade estava presente na obra de Calixto ao especializar-se em dois gêneros distintos na lógica das hierarquias da época: a pintura de paisagem e a pintura histórica. A pintura histórica possibilitava aos artistas o exercício de erudição ao produzir descrições de fatos históricos específicos, da mesma forma estava preocupadas com a transmissão de qualidades morais, por vezes, pedagógicas, além de uma aproximação das autoridades e instituições relevantes na economia das encomendas e nas decisões dos concursos públicos. Já a paisagem, naquela passagem para o século XX, surge como uma forma de demonstrar o virtuosismo do artista para com a compreensão da natureza, de sua luz com seus contornos e dinâmica; além de cortejar uma classe social emergente, ávida por uma pintura e com um gosto menos requintado.

O artista, desde o final do século XIX, preocupou-se em construir uma carreira voltada para organizações ligadas à esfera pública e seus interesses. Nesse aspecto, ele mirou no crescente mercado de arte voltado a enaltecer, de um lado, o passado local – daí sua inclinação para a história, arqueologia e antropologia – e, do outro, o progresso – especialmente a expansão urbana e o porto da cidade de Santos, pontos estes presentes na geografia nos conceitos de paisagem e lugar. Calixto era defensor do progresso para a sociedade santista.

Dentro deste contexto ao estudarmos as obras de Calixto devemos explicitar para os alunos que toda obra realizada teve uma intencionalidade. No caso de Calixto, era deixar registrado o progresso que Santos estava passando na virada do século XIX para o século XX, já que sua ligação com a elite era estreita.

Com isso não basta somente conceituarmos por meio de suas obras as categorias de “paisagem” e “lugar”, mas indicar que estudando de forma interdisciplinar o aluno constrói os conceitos geográficos justificando-os com base nos estudos históricos.

2.3 Transposição Didática

O tema a ser estudado faz parte da Geografia Humanista, que objetiva descrever e classificar os complexos de características ambientais que coincidem com comunidades culturais, explorar as histórias desses complexos e estudar a ecologia cultural, ou seja, o processo pelo qual os seres humanos manipulam seus ambientes. Os autores desta abordagem identificam cinco temas-chave que estruturam a disciplina: cultura, área cultural, paisagem cultural, história cultural e ecologia cultural. A cultura é empregada, portanto, de modo descritivo e como conceito analítico ou objeto de estudo.

Segundo os autores Wagner e Mikesell (1962, p.5) o geógrafo deveria abordar a cultura da seguinte forma:

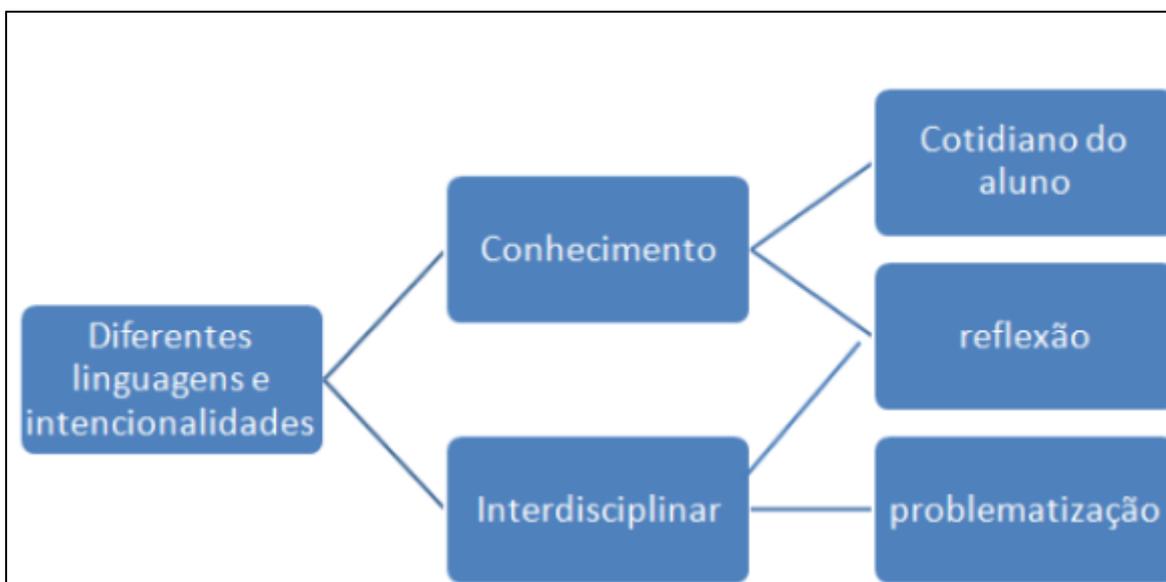
O geógrafo cultural não está interessado em explicar os mecanismos internos da cultura ou descrever em profundidade os padrões do comportamento humano – nem mesmo quando esses padrões de comportamento afetam a superfície terrestre –, mas sim em avaliar o potencial técnico das comunidades em usar e modificar seus habitats. Para fazer tal avaliação, a geografia cultural estuda a distribuição de culturas e elementos da cultura no tempo e no espaço. (WAGNER E MIKESELL 1962, p.5)

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Geografia é incorporada desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, como uma mudança estrutural importante. Na nova abordagem proposta pelo documento, a ênfase recai sobre o pensamento espacial e o raciocínio geográfico. Para se aproximar dos objetivos de aprendizagem, o professor também precisa se apropriar de conteúdos procedimentais. Dentro de este olhar, este trabalho apresenta a modalidade organizativa sequência didática.

A sequência didática é um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), expoentes sobre a relação entre linguagem, interação e sociedade, e cujas publicações no Brasil tornaram esse conceito conhecido, a “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. O quadro 03 foi

desenvolvido com o propósito de apresentar como se organiza e se adequa a este trabalho as diferentes linguagens e intencionalidades de uma sequência didática.

Quadro 3- Mapa conceitual, Rudnick (2012)



Fonte: (RUDNICK 2012, p.20), adaptado por OSHIDA (2018)

Objetivos nesta sequência didática

- Estudar a paisagem e lugar, temas da Geografia Escolar, a partir das obras de Benedito Calixto no período em que a cidade de Santos estava em plena construção da modernidade 1890 a 1927. Compará-las aos dias de hoje, especialmente ao ano de 2014, data das fotografias aéreas de Sérgio Furtado, relacionando-as com a paisagem e lugar.

- Discutir com os oitavos anos a interpretação das categorias geográficas paisagem e lugar a partir das linguagens artísticas e pictóricas.

Os alunos deverão perceber o contexto histórico da época e a expansão urbana do lugar alterando a paisagem, bem como o modo de vida da população e como consequência com o passar dos anos transformações que ocorrem em relação ao pertencimento do lugar.

Disciplinas Relacionadas:

- História

Análise da história urbana da cidade e da relação com o modo capitalista de produção, período de 1890 a 1927.

- Arte

Conhecer a biografia do artista Benedito Calixto e todo contexto histórico das suas obras.

Materiais Necessários

- Projetor multimídia;
- Folha de papel A4;
- Lápis;
- Lápis de cor;
- Xerox das Obras estudadas.

Conteúdos propostos**Factuais**

Abordagem onde será apresentado fatos, contextos, obras a fim de que o aluno inicie sua aprendizagem.

- Imagens das Obras de Benedito Calixto;
- Imagens aéreas do fotógrafo Sérgio Furtado;
- Croquis e mapas do período estudado.
- Biografia do artista Benedito Calixto
- Estudo do Meio a Pinacoteca Benedito Calixto

Conceituais

Espera-se que a partir da contextualização o aluno compare e relacione o concreto com o conceito, construindo sua aprendizagem.

- Cidade de Santos
- Paisagem e lugar
- Transformação do espaço geográfico

Procedimentais

Neste momento serão apresentadas estratégias, técnicas, métodos, procedimentos, ou seja, um conjunto de ações ordenadas para a realização de um objetivo, assim sendo, o que se espera que o aluno desempenhe com competência e habilidade.

- Comparar dois momentos temporais na cidade de Santos;
- Realizar a leitura cartográfica e imagética;
- Perceber a alteração da paisagem e do lugar;
- Construir criticidade e pertencimento sobre o lugar onde mora.

Atitudinais

Os conjuntos de valores amplos e éticos, atitudes e normas que geram a vida em sociedade.

- Ações de cidadania;
- Solidariedade;
- Valores éticos como “Ter” e “Ser”.
- Noção de pertencimento do lugar.

Tempo Sugerido

6 a 8 aulas de 50 minutos

Portanto, a sequência didática apresentada está permeada pelo objetivo deste trabalho que é o de apresentar um estudo por meio das obras de Benedito Calixto tendo como comparativo as imagens aéreas de Sérgio Furtado como recursos didáticos para a discussão das categorias de paisagem e lugar.

Para que a sequência didática alcance o objetivo esperado, deve haver a aprendizagem significativa que, segundo a teoria de Ausubel (2008), leva em conta a história do sujeito e ressalta o papel dos docentes na proposição de situações que favoreçam a aprendizagem. De acordo com este autor, há duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra: o conteúdo a ser ensinado deve ser potencialmente revelador e o estudante estar disposto a relacionar o material de maneira consistente e não arbitrária.

A essência do processo de aprendizagem significativa é que as ideias expressas simbolicamente são relacionadas às informações previamente adquiridas pelo aluno através de uma relação não arbitrária e substantiva (não literal) (AUSUBEL,2008, p. 605).

Em suma, a teoria de Ausubel (2008) destaca que o processo ideal ocorre quando uma nova ideia se relaciona aos conhecimentos prévios do indivíduo. Motivado por uma situação que faça sentido, proposta pelo professor, o aluno amplia, avalia, atualiza e reconfigura a informação anterior, transformando-a em nova.

Antecedendo o início dos estudos, foi oportunizado um espaço dialógico onde os alunos receberam as informações de como seriam realizados os estudos, após este procedimento foi aplicada uma sondagem diagnóstica, a fim de verificar os conhecimentos prévios dos alunos, para que as intervenções de aprendizagens fossem significativas. Algumas indagações foram realizadas para auxiliar no encaminhamento, tais como: O que vocês acham das cores e os traços dos desenhos? Qual é o tema do quadro? Conhecem o artista Benedito Calixto?

Para melhor compreensão de todas as etapas na busca por resultados construímos o Quadro 4 que aponta a proposta aplicada e seus objetivos.

Quadro 4 – Etapas de construção dos resultados

Etapas de construção dos resultados	Objetivos
Pré-teste aplicado no 8C – 06/11/2018	Verificar se as questões estavam bem construídas e conduzissem o aluno a uma interpretação adequada do questionário.
Sondagem Inicial com a sala objeto de estudo (figura 7)	Aplicação do questionário oficial da pesquisa
Sequência didática	Uso de imagens com obras de Calixto que retratam paisagens santistas. Para realizar a sequência didática a atividade foi dividida em oito momentos A saída de campo faz parte sétimo momento.

Resultados	Foram obtidos através do questionário aplicado na sondagem inicial (e do desenvolvimento da sequência didática (que complementa as informações obtidas na sondagem através do uso de imagens e de estudo de campo).
------------	---

Org. por: OSHIDA (2019)

2.4 Desenvolvimento da Sondagem Inicial

A etapa que antecedeu a sondagem inicial foi um pré-teste aplicado em outro oitavo ano, ou seja, não considerado objeto desta pesquisa e, por este motivo, optamos por não identifica-lo neste material.

Antes de iniciar com a contextualização foi aplicado um questionário para conhecer os saberes prévios dos alunos (Figura 7). Após categorizar e verificar os resultados a sequência foi conduzida objetivando, introduzir, aprofundar e consolidar os saberes.

Figura 7 – Sondagem inicial (frente e verso) – ICD (Instrumento de Coleta de Dados)

<p> <input style="width: 100%;" type="text" value="NOME"/> <input style="width: 100%;" type="text" value="07/11/2018"/> </p> <p style="text-align: center;">SONDAGEM INICIAL</p> <p>1-) A obra ao lado é o autorretrato de quem? Você sabe quem foi ele?</p> <div style="border: 1px solid black; height: 30px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 30px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 30px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 30px; width: 100%;"></div> <div style="text-align: center;">  </div> <p>2-) "Às vezes meu bisavô saía de casa sem gravata, tomava bondes errados, perdia horários e esquecia guarda-chuvas em lugares nunca mais sabidos". (Gilberto Calado Rios). Após ler o comentário, responda em que época o avô de Gilberto viveu? Justifique.</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <p>3-) Identifique o lugar retratado na obra ao lado, cite o elemento que justifica seu reconhecimento.</p> <div style="text-align: center;">  </div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div>	<p>4-) Analise a obra e responda:</p> <p>a) Na Geografia o que é paisagem?</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <p>b) A paisagem retratada é urbana ou rural? Justifique.</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <p>c) Quais são os meios de transportes apresentados na obra?</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <p>d) Você reconhece o lugar retratado na obra?</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <p>e) Onde o pintor se posicionou (localizou) para fazer a obra?</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <p>f) Observando a obra quais são os cheiros e sons que você imagina ter?</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <p>5-) O que vocês acham das cores e os traços dos desenhos?</p> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div> <div style="border: 1px solid black; height: 20px; width: 100%;"></div>
--	--

Fonte: OSHIDA (2018)

Para análise dos dados dos conhecimentos prévios dos alunos, foi criado um ICD, Questionário com perguntas abertas, para identificar as variáveis existentes. No quadro 5 apresentamos as indagações contidas no ICD e suas intencionalidades.

Quadro 5- Relação de perguntas feitas em relação às variáveis para a construção de um ICD (Instrumento de Coleta de Dados)- Sondagem Inicial

O que será avaliado ou medido (identificação e listagem das variáveis)	Quais são as propriedades dos conteúdos contidos nas variáveis
<p>5 questões abertas, com desdobramento:</p> <p>1) A obra ao lado é o autorretrato de quem? Você sabe quem foi ele?</p> <p>2) “Às vezes meu bisavô saía de casa sem gravata, tomava bondes errados, perdia horários e esquecia guarda-chuvas em lugares nunca mais sabidos”. (Gilberto Calixto Rios). Após ler o comentário, responda em que época o avô de Gilberto viveu? Justifique.</p> <p>3-) Identifique o lugar retratado na obra ao lado, cite o elemento que justifica seu reconhecimento.</p> <p>4) Analise a obra e responda:</p> <p>a) Na Geografia o que é paisagem?</p> <p>b) A paisagem retratada é urbana ou rural? Justifique.</p> <p>c) Quais são os meios de transportes apresentados na obra?</p> <p>d) Você reconhece o lugar retratado na obra?</p> <p>e) Onde o pintor se posicionou (localizou) quando pintou a obra?</p> <p>f) Observando a obra quais são os cheiros e sons que você imagina ter?</p> <p>5)O que vocês acham das cores e os traços dos desenhos?</p>	<p>1) Reconhecimento do artista e sua atuação social.</p> <p>2) Interpretação textual e leitura de linha temporal justificado por signos.</p> <p>3) Conceito de lugar e localização espacial.</p> <p>4.a) Conceito de paisagem.</p> <p>4.b) conceito de urbano e rural.</p> <p>4.c; 4.d;4.e;4.f) Leitura da paisagem e reconhecimento de elementos.</p> <p>5) Senso crítico e clareza das informações passadas de forma imagética.</p>

Org.: OSHIDA (2018)

Segundo Perovano (2016), a coleta de dados nos moldes da pesquisa qualitativa deve ser realizada no ambiente natural e cotidiano das pessoas envolvidas na investigação científica. Sobre a construção de um instrumento de coleta de dados, acreditamos que os questionários são os mecanismos mais conhecidos entre os pesquisadores e servem para coletar dados informações e medir ou entender as variáveis delineadas na pesquisa.

Para o autor o ponto positivo na aplicação do questionário é a coleta de respostas fáceis e rápidas, que permite a comparação simples das respostas dos sujeitos de pesquisa. Os quadros 5 a 8 foram elaborados segundo as considerações de Perovano.

O quadro a seguir informa os dados referentes às características dos alunos envolvidos na pesquisa em questão, tais informações são importantes para interpretação das respostas, pois infere a faixa etária, instituição educacional e espaço vivenciado.

Quadro 6 - Descrição dos sujeitos participantes

Quem serão avaliados?	Alunos do 8ºA ano, séries finais do ensino fundamental da Escola pública Estadual.
Qual o perfil dos alunos?	Os alunos têm em média a faixa etária 12 anos, são comunicativos e socializados.
Quais são os seus atributos?	Gostam de realizar leituras, cumprem com as atividades propostas e são curiosos.
Em que local foi aplicado a pesquisa?	Na sala de aula, durante a aula dupla de quarta-feira.

Org.: OSHIDA (2018)

Tendo sido utilizado o Instrumento de Coleta de Dados - ICD questionário, o quadro 07 descreve a elaboração e o cuidado nas perguntas para que obtivéssemos respostas adequadas para a compreensão dos dados coletados.

Quadro 7- Objetos de estudo

Qual a finalidade da coleta de dados?	
Como foi construído o questionário?	Baseado nos objetivos da pesquisa que é o estudo da paisagem e do lugar, por meio das obras de Benedito Calixto e das imagens de Sérgio Furtado, fotógrafo.
Que procedimento foi utilizado para avaliar as variáveis?	Foi utilizado o método qualitativo, os procedimentos de coleta de dados são observação e materiais visuais (imagem de obra Benedito Calixto e imagem aérea de Sergio Furtado).
Após a aplicação do Questionário os resultados serão significativos e aceitáveis para a pesquisa?	Sim, porque os resultados auxiliarão norteando a pesquisa e intervenções.
Quais são as evidências que o critério de conteúdo contribuirá para a pesquisa?	As evidências são a participação dos alunos e o contexto das respostas.

Org.: OSHIDA (2018)

O Instrumento de Coleta de Dados - ICD possui as questões de respostas abertas (qualitativas). Este tipo de pergunta não apresenta respostas alternativas, proporcionando ao respondente plena liberdade de resposta. Os respondentes utilizam as suas próprias palavras. Devem possuir uma justificativa e um objetivo, conforme descrito no quadro 8.

Quadro 8 - Desenvolvimento do estudo

Como será aplicado o questionário?	
O questionário será aplicado de forma padronizada ou aberta?	Será aplicado de forma aberta.
Quais são os recursos necessários para aplicação do questionário?	Autorização da Coordenação da Unidade Escolar, xerox dos questionários. Uma conversa prévia com os alunos sobre a pesquisa e sua importância.

Org.: OSHIDA (2018)

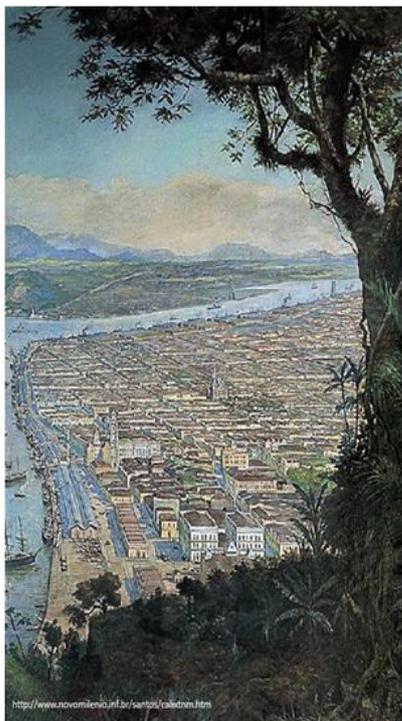
2.5 Descrição e resultados obtidos na sequência didática

Após a análise do material de Perovano desenvolvemos a sequência didática dividida em oito momentos que descrevemos a seguir:

1º Momento: Descrevendo a obra “Porto de Santos 1922”

Calixto preocupou-se em construir uma carreira voltada para organizações ligadas à esfera pública e seus interesses. Nesse aspecto, ele mirou no crescente mercado de arte voltada a enaltecer, de um lado, o passado local, daí sua inclinação para a história, arqueologia e antropologia e, do outro, o progresso que por meio da obra Porto de Santos 1922, onde mostra a Cidade de um novo ângulo: a vista do Morro do Pacheco com ênfase ao Porto. Com isso ele homenageia especialmente o urbanismo e o porto da cidade de Santos, que está em pleno progresso graças ao escoamento do café da porção oeste de São Paulo através da rodovia Santos-Jundiaí. Este fato histórico e o marco do progresso devem ser transmitidos aos alunos.

Figura 8- “Porto de Santos 1922”



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/calixtnm.htm>

Procedimentos: os alunos em grupos de quatro a cinco sujeitos deverão responder as seguintes indagações:

O que será que existe ao fundo da obra?

Esta obra está retratando o meio rural (área continental) ou urbano (área insular)? Por quê? Descreva.

Tais indagações podem levar o aluno a refletir para desenvolver a ideia de que na paisagem há uma sobreposição de escalas e de tempos. Esses questionamentos conduzem o estudante a uma descrição da paisagem, podendo fazer uma lista dos elementos que os identificam.

2º Momento: Análise do espaço e das atividades representadas na obra.

Procedimentos: Quais tipos de moradias estão retratadas na obra? O artista registrou meios de transportes? Quais? Na obra constam quais tipos de relevos? Os alunos deverão ir anotando todas as observações.

3º Momento: O contexto da paisagem

Sabendo que a paisagem é constituída de cores e formas, assim como sons e cheiros, indaguei aos alunos: Observando a obra quais são os cheiros e sons que vocês imaginam ter? Após as respostas obtidas indagar quais são as características da população no espaço retratado.

Aplicação

Em 21 de novembro de 2018, a classe foi organizada em cinco grupos onde cada um recebeu uma cópia em tamanho A4 em papel fotográfico.

O objetivo neste momento era buscar nos alunos a percepção e leitura da obra (Figura 8) , para isso foi utilizado um questionário norteador e algumas perguntas realizadas fora do instrumento para auxiliar o encaminhamento da leitura da obra.

1-) Esta obra está retratando o meio rural (área continental) ou urbano (área insular)? Por quê? Descreva;

2-) Quais tipos de moradias estão retratadas na obra? O artista registrou meios de transportes? Quais? Na obra consta quais tipos de relevos?

3-) Observando a obra quais são os cheiros e sons que vocês imaginam ter? Quais são as características da população no espaço retratado?

4-) Você considera que Benedito Calixto estava observando a paisagem de onde? A obra estudada pertence a que lugar de Santos? Os elementos retratados são do passado, presente ou futuro?

O grupo começou a observá-la e discutir com os colegas as possibilidades de respostas. Após o término de dez minutos, fiz a intervenção, solicitando que todos observassem novamente a obra e que neste momento todos nós fossemos (mentalmente) até o local da obra, quando propus a visita ao local mais alto. Os alunos disseram então que nós iríamos para o morro perto da árvore.

Após solicitei que fechassem os olhos e pensando na imagem quais cheiros eles poderiam citar? As respostas logo surgiram: terra molhada, cheiro de mato, cheiro de flores. Na sequência indaguei quais sons eles poderiam ouvir e as respostas foram: abelhas, pássaros, grilos, do vento, folhas, de navio, buzinas de carros.

Em seguida propus de forma hipotética que descêssemos do morro, solicitando algumas sugestões. As respostas foram: escadas, estradas, rapel e pela vegetação. Perguntei se tinha a possibilidade de pular, se eles achavam que era muito alto. Todos responderam que era alto e que seria melhor seguir as sugestões dadas. Continuando a sensibilização, sugeri que neste momento olhassem para a obra novamente e se imaginassem em algum lugar plano da obra. Isto posto, perguntei como seria a vida da população? A maioria respondeu que era muito boa, porque não tinha poluição e como tinha muitas casas era possível brincar nas ruas. Depois pedi para que o grupo concluísse às perguntas norteadoras do questionário.

4º Momento: Campo de visão da obra?

Sendo a paisagem tudo que o nosso campo de visão atinge, o ponto de vista de quem observa traz alterações diversas, tanto da percepção como do campo da visão. Indagação para o grupo: Você considera que Benedito Calixto estava observando a paisagem de onde? De acordo com as respostas a professora deverá explicar que conforme o ponto de vista do observador, a percepção que se

tem da paisagem varia: do alto se tem uma visão ampla, o que ocorre um plano das paisagens, ou seja, quanto mais alto estamos menos detalhes temos do espaço observado, porém uma maior abrangência

Se aproximarmos nosso campo de visão reduz. Por exemplo: se olharmos de um edifício ou um lugar que permite observarmos a cidade, se descermos e nos colocarmos na calçada nosso campo de visão é limitado.

5º Momento: Revelando o nome e ano da obra.

Nesta etapa onde os alunos já fizeram as anotações de suas observações, será questionado: A obra estudada pertence a que lugar de Santos? Os elementos retratados são do passado, presente ou futuro? Após várias hipóteses, espera-se que os alunos observem as embarcações, a ausência de edifícios altos e o trânsito, por exemplo. Neste momento, foi revelado o nome da obra: “Porto de Santos 1922”.

Aplicação

Para trabalhar os quarto e quinto momentos que são o “Campo de visão da obra”, disponibilizei novamente a mesma obra. Mas, desta vez, solicitei que olhassem pela janela da classe para baixo (ainda com o uso da imaginação). Eles disseram que viam o pátio, a quadra de futebol, mas só um lado. Pedi que olhassem para a frente, eles responderam que viam os telhados das casas e um prédio em construção abandonado. Depois solicitei que olhassem do lado esquerdo para baixo. Responderam que viam o canal e uma parte da avenida. Então perguntei: Se vocês estivessem na porta da escola, a visão seria a mesma que vocês tiveram agora destes locais? Um dos alunos respondeu que não teria, porque agora ele estava no segundo andar, então os ângulos e a visão não eram os mesmos, pois parece que sobrepõe umas com as outras. Vários alunos disseram que a localização é que determina a visão.

Então, indaguei:

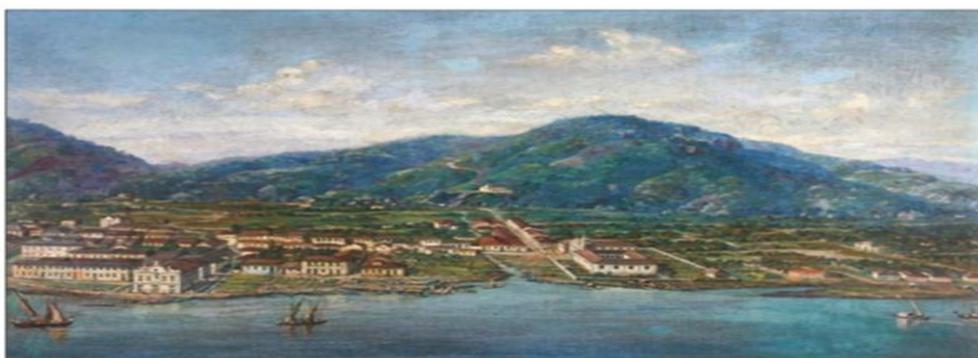
— Na obra “Porto de Santos 1922”, onde Calixto estava quando fez a pintura? Todos responderam que no morro, pois de lá era possível uma visão panorâmica. Foi daí que continuei:

—Para vocês o que é paisagem? A classe em sua maioria respondeu: é tudo que enxergamos independente do ângulo.

6º momento – Praticando, Identificando e reconhecendo o lugar

Nesta etapa será apresentada a segunda obra de Benedito Calixto “Santos 1922”.

Figura 9 - “Santos 1922”



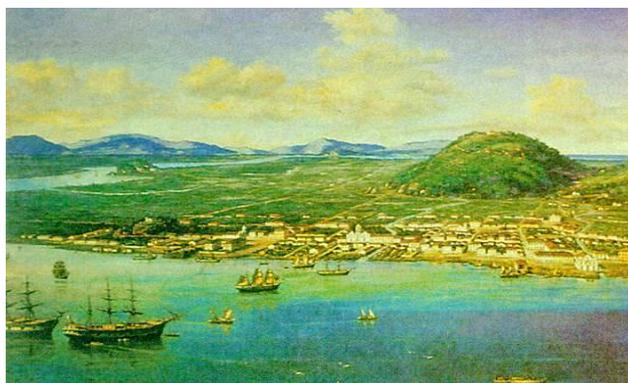
Fonte: Enciclopédia Grandes Personalidades da Nossa História, Editora Abril Cultural, São Paulo, 1969.

Nesta etapa os alunos deverão responder as indagações dos momentos anteriores, observando o campo de visão do pintor.

Aplicação

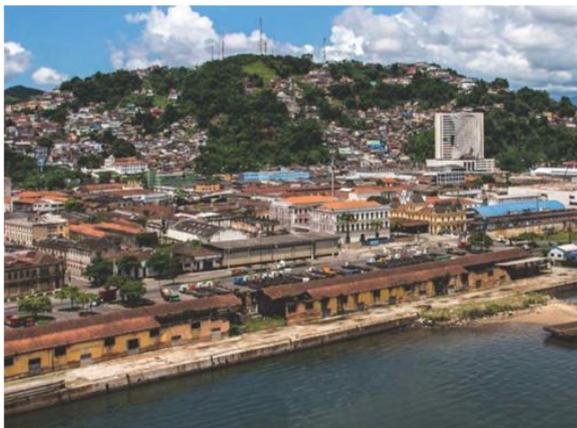
Após este procedimento apresentei a biografia de Sérgio Furtado, ressaltando que é um fotógrafo da nossa cidade. Em seguida, todos receberam uma folha onde continha as imagens da obra “Porto de Santos 1822”, Figura 10 e a figura de Sérgio Furtado retirada do livro “Olhares”, Figura 11, fotografada de seu helicóptero.

Figura 10- “Porto de Santos 1822”



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/>

Figura 11- Imagem aérea do Porto de Santos



Fonte: Livro "Olhares - da tela à fotografia"- CODESP

Foi dado um momento para que os grupos se apropriassem das imagens e discutissem. Na etapa seguinte, preencheram um quadro comparativo, conforme figura 12, entre as duas imagens.

Figura 12 - Atividade Comparativa

Observe a obras de Benedito Calixto "Porto de Santos 1822" e a imagem aérea de Sérgio Furtado Porto de Santos 2014. Complete a tabela com os elementos das respectivas obras:



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos.htm>



Fonte: Livro "Olhares - da tela à fotografia"

Porto de Santos 1822	Imagem área
População	População
Moradias	Moradias
Sons e cheiros	Sons e cheiros
Angulo de Visão do artista (.alto ou baixo)	Angulo de Visão do artista (.alto ou baixo)
Elementos Naturais	Elementos Naturais
Meios de Transportes	Meios de Transportes
Relevo	Relevo

a) Sabendo que ambas são registros do mesmo lugar em épocas diferentes, quais foram as transformações do lugar?
 b-) Após o estudo, o que você aprendeu?

Fonte: OSHIDA(2018)

Conforme figura 13, os alunos fizeram este momento de estudo em grupo formado por cinco a seis alunos. Após analisarem as figuras 10 e 11 e discutirem suas observações, responderam a atividade comparativa ilustrada na figura 12.

Figura 13 - Alunos em grupo comparando as obras



Fonte: OSHIDA (2018)

Após a análise das imagens contidas na Figura 12, indaguei o que eles percebiam nas duas imagens. Três grupos disseram que era o mesmo lugar só que em tempos diferentes. Dois grupos responderam que era o mesmo lugar, mas observado de ângulos diferentes. Ambos responderam que era o Porto de Santos.

7º Momento – Atividade prática

Saída de campo - Pinacoteca Benedito Calixto

Entendemos que conhecer a história é importante para a construção do presente, um processo para se chegar ao conhecimento geográfico historicamente produzido e socialmente acumulado.

Embora a relação entre Geografia e Museu seja pouco explorada no ensino, os espaços-lugares [museus] falam ou ocultam o conteúdo geográfico por intermédio dos tempos e espaços, podendo ser um instrumento dialógico viabilizador, amplamente utilizado como recurso na mediação do ensino de geografia em interdisciplinaridade e diálogo íntimo com outras ciências (SANTOS, 2016, KUNZ, 2016).

Dentro deste contexto, consideramos como parte da proposta metodológica, uma saída de campo na Pinacoteca Benedito Calixto, onde os mesmos vivenciaram uma encenação teatral sobre a vida e obra de Benedito Calixto e por meio de monitoria tiveram acesso às obras do artista.

Segundo Moraes (1997) para a Geografia em sua dimensão humana, o diálogo com os museus pode oferecer vias de compreensão da formação territorial dos lugares em diversas escalas – a presença ou ausência de determinado objeto em um museu pode dizer muito sobre um temário geográfico ou uma questão geográfica.

Para Anderson (2008) sua ocorrência ou ocultamento podem desvelar sobre dados de mobilidade populacional, debates étnicos, práticas econômicas, formas de sociabilidades, e, sobretudo, as dinâmicas de poder estatal como parte das “comunidades imaginadas” sob o capitalismo, de como este sistema se apropria de diversos recursos para garantir sua hegemonia: os objetos em si, as construções, as edificações dos museus, as suas exposições.

Numa visão geográfica da importância social e educativa das instituições museológicas, os objetos contidos nos museus se constituem numa ferramenta de leitura espacial, ao passo que carregam um conteúdo geográfico e ideológico a ser explorado no ensino como ferramenta pedagógica na construção do conhecimento,

além disso, conforme preconiza Santos (2016), contribui para reconstrução, preservação e difusão da memória da sociedade.

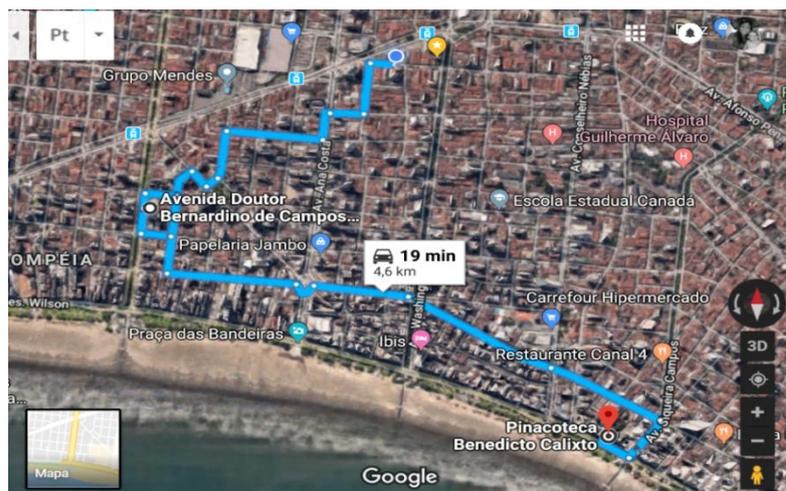
Dentro desta linha de pensamento Carvalho (2013), acredita que o fazer geográfico docente toma como ponto norteador o lugar experienciado enquanto possibilidade para o saber ensinar-aprender, tendo o aluno como principal sujeito no processo de ensino crítico e questionador das relações sociais. Portanto, há uma necessidade de fazer um resgate às memórias geográficas contidas nos elementos de pesquisas: objetos e museus, enquanto recursos necessários à construção de memórias geográficas.

Nesse sentido, Claval (2012) considera que a iniciativa em dialogar com os objetos e museus em interdisciplinaridade com a ciência geográfica, busca o reconhecimento de um saber geográfico crítico produzido socialmente, sob a perspectiva da "Geografia Cultural" como base teórico-metodológica partindo dos fatos históricos culturais e perceptíveis, onde os temas abordados trazem uma originalidade, que por vezes foram negligenciados.

No dia 23 de novembro de 2018 fizemos a saída de campo a Pinacoteca Benedito Calixto. Os alunos ficaram encantados com a beleza do casarão, da extensão do quintal 6.000 metros e das pinturas no teto.

Para minha surpresa somente dois alunos conheciam a Pinacoteca e mesmo assim não tiveram acesso ao espaço completamente, conforme figura 14, a Pinacoteca localiza-se a 20 minutos da escola e possui fácil acesso.

Figura 14 - Imagem do trajeto escola -Pinacoteca



Fonte: Disponível em:<https://www.google.com.br/maps/place/Pinacoteca>. Acesso em 15 de abr. 2019

Mesmo sendo um percentual elevado dos alunos que reside nas proximidades da unidade escolar, a maioria não sabia que o casarão era um museu e que o acesso era gratuito.

Figura 15 - Pinacoteca Benedicto Calixto



Fonte: Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto/photos

Mesmo sendo um percentual elevado dos alunos que reside nas proximidades da unidade escolar, a maioria não sabiam que o casarão era um museu e que o acesso era gratuito.

O primeiro momento de estudo foi com a contadora Eliana Greco que se caracterizou de Benedito Calixto e contou parte da sua história, ilustrada na figura 16.

Figura 16 - Contação de história de Calixto na saída de campo



Fonte: OSHIDA (2018)

Em seguida, os alunos foram divididos em dois grupos para vivenciarem o Museu com os monitores, conforme a figura 17.

O segundo andar da Pinacoteca é destinado somente às obras de Benedito Calixto. Os alunos reconheceram as obras, perceberam as sequências das obras “As marinas” e os diversos ângulos utilizados nos quadros das casas do centro.

Figura 17 - Alunos em Monitoria na Pinacoteca



Fonte: OSHIDA(2018)

Admiraram a máquina fotográfica utilizada como técnica para suas pinturas, seus pincéis, perceberam como o artista se empenhou pintando vários gêneros Nus artísticos, obras religiosas, mas o que marcou foi o respeito que Calixto tinha por Santos, conforme figura 18. Perceberam que nas outras obras via-se principalmente, autorretratos, corpos, santos religiosos, porém nas obras que abordavam o litoral, o autor colocava mais cores no céu, detalhava os pássaros e os navios.

Figura 18- Alunos conhecem a máquina fotográfica de Calixto



Fonte: OSHIDA(2018)

8º Momento: Agora você é o artista!!

Nesta etapa a professora inicia apresentando a biografia do artista, citando que Benedito Calixto antes de aprender técnicas nas escolas de Arte na França, era autodidata e uma das técnicas utilizadas era a fotografia. O desafio será os alunos utilizarem o celular para fotografarem uma paisagem e depois deverão transcrevê-la em forma pictórica, como também deverão apresentar a descrição do lugar e a sua intencionalidade de transmissão de mensagem ao leitor. Como resultado, a apresentação dos produtos será feita em uma exposição.

No final da sequência, espera-se que os alunos tenham construído o conceito de paisagem e lugar e percebido as transformações no espaço geográfico santista.

Aplicação

Após o 8º momento: Agora você é o artista!!, da sequência didática, onde o desafio proposto foi com que os alunos utilizassem o celular para que fotografassem uma paisagem e depois transcrevessem em forma pictórica com uma descrição do lugar e a sua intencionalidade. A sequência foi toda realizada, a única proposta que não conseguimos realizar foi a exposição, pelo fato da Unidade Escolar ter agendamentos a ser cumpridos como Conselho Escolar, Reunião com os responsáveis e Semana de Recuperação.

Após análise dos trabalhos dos alunos, pudemos tecer algumas observações: por meio dos desenhos, tivemos a oportunidade de saber não somente sobre a questão de aprendizagem, mas também sobre a vida, hábitos, localização da moradia de cada aluno, até porque aprendizagem e contexto social são intrínsecas. Apresentamos três resultados distintos:

O Aluno “A” fez seu desenho a partir de uma paisagem fotografada, em sua apresentação explicou que escolheu fotografar onde mora, “porque não tem mais vergonha”. Aprendeu que existem vários tipos de moradias e que o espaço geográfico se transformou com o aumento da população. Sua família possui condições de morar dividindo o espaço com outras famílias, conforme a figura 19.

Figura 19 - Fotografia tirada pelo Aluno "A" - Onde eu moro



Fonte: OSHIDA (2019)

O desenho do aluno "A" retrata uma forma coletiva de moradia (cortiço), apresentando características: varais de roupas expostos na passagem de uma moradia para outra situadas em um mesmo lote de terreno, de acordo com figura 20.

Figura 20 - Desenho do aluno “A” - Onde eu moro

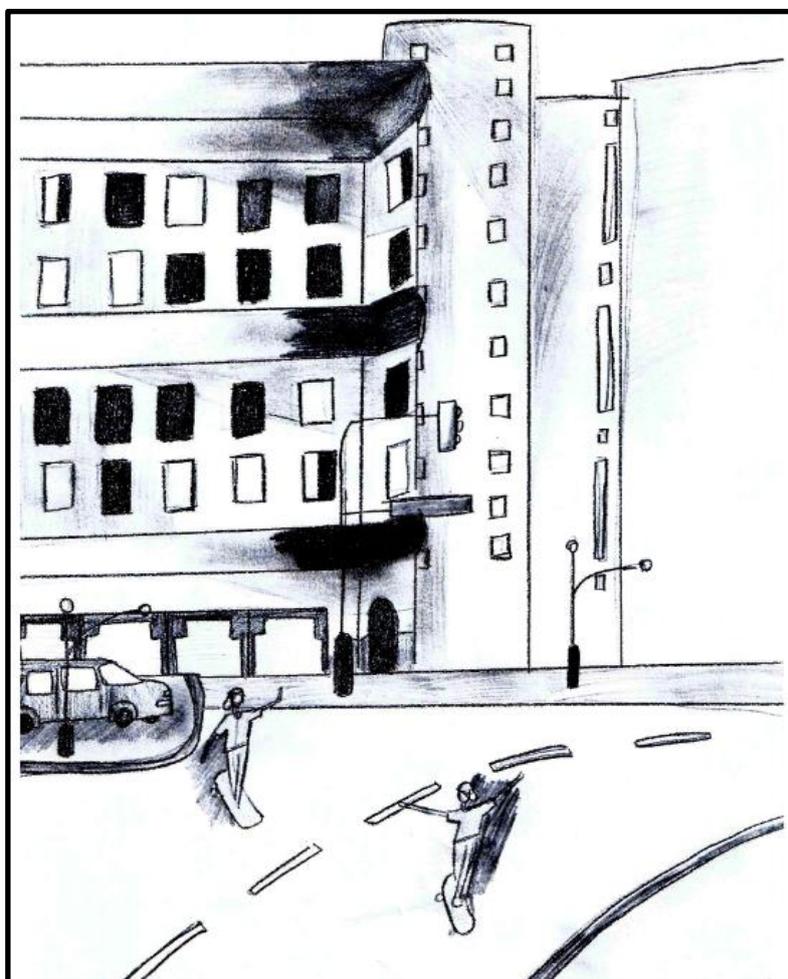


Fonte: OSHIDA (2019)

Após a apresentação do aluno “A” e analisando a aprendizagem por meio dos momentos da sequência didática e por meio das próprias palavras do aluno, onde não se refere mais a paisagem como um lugar bonito, sem problemas sociais e econômicos, percebemos que o mesmo compreendeu o conceito de paisagem, pelo contexto histórico estudado e o mais importante desenvolveu a habilidade e competência de ter pertencimento ao espaço vivido.

A aluna “B” não fotografou, por motivos particulares e escolheu como espaço desenhado um lugar onde ela se sente mais feliz, conforme figura 21. O local fica na orla da praia em frente aos prédios, próximo a Avenida Conselheiro Nébias.

Figura21 - Desenho Aluna "B" Meu lugar favorito



Fonte: OSHIDA (2019)

Conversando com a aluna ela explicou que não fotografou, porque morou por longo período no espaço desenhado. Lembra-se dos detalhes, que paisagem não é mais como acreditava ser somente um lugar bonito, por isso optou por desenhar um lugar onde passa bastante tempo e que se sente bem. Analisando o desenvolvimento da aluna durante os momentos da sequência e a sua explicação ficou claro que a mesma se apropriou do que foi ensinado.

Pelo transcorrer da sequência didática a questão social ficou invisível aos seus olhos, talvez por estar passando por problemas que vão além da sala de aula.

A aluna “C” pesquisou na internet imagens de paisagens, conforme figura abaixo.e desenhou baseado na mesma.

Figura 22 -: Imagem da Paisagem pesquisada aluna “C”



Fonte: OSHIDA (2019)

A aluna “C” desenhou baseado na mesma. Na sua apresentação afirmou que paisagem é algo bonito como as obras de Calixto.

Figura 23 - Releitura da paisagem “Aluna “C”



Fonte: OSHIDA (2019)

Após a apresentação foi revisto os conceitos estudados. Percebeu-se que em sua maioria o que predomina é a falta de atenção e que partes deles não entenderam a atividade proposta e mantiveram um forte condicionamento em copiar ao invés de criar. Sabemos que partes destes comportamentos são frequentes em sala, mas assim que notados devem receber intervenções.

4 Capítulo 3 Resultados da pesquisa

3.1 Categorização das respostas aplicadas na Sequência didática

O mote desta pesquisa é a discussão das categorias geográficas de paisagem e lugar. Atentamos-nos a trabalhar com os alunos os autores Tuan e Claval que são referências teóricas do nosso trabalho.

Data da aplicação do início da Sequência Didática 21/11/2018, estavam presentes 20 alunos.

Sobre o conceito de lugar Tuan (1983) e Claval (1999) “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Tuan (1983, p. 83) aponta que:

Espaço e lugar se relacionam, existem três tipos os principais de espaços “o mítico, o pragmático e o abstrato”, espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, lugar é mais concreto que espaço. (TUAN, 1983, p.19).

Para a interpretação das obras foram criadas questões norteadoras, ou seja, oralmente trabalhadas pela docente na sala de aula para facilitar a construção da leitura da obra pelo grupo de alunos.

Estas questões, descritas no Quadro 9 indicam a busca pelos resultados com base no objetivo da pesquisa: **Os alunos compreenderam o conceito de paisagem e lugar após a aplicação desta sequência didática?**

Para que pudéssemos avaliar tal problema desenvolvemos, com base nos resultados obtidos nos questionários, a construção das Tabelas 1 a 4.

Quadro 9 - Análise da obra Porto de Santos 1922

Questão norteadora	Resultados encontrados na obra conforme as Tabelas
Esta obra está retratando o meio rural (área continental) ou urbano (área insular)?	Tabela 1 - Conceito de lugar e localização espacial
Quais tipos de moradias estão retratadas na obra? O artista registrou meios de transportes? Quais? Na obra consta quais tipos de relevos?	Tabela 2- Elementos que compõem a paisagem
Os elementos retratados fazem parte de que linha do tempo: passado, presente ou futuro? ; Você considera que Benedito Calixto estava observando o lugar de onde?	Tabela 3 - Leitura da paisagem e reconhecimento de elementos
Pesquisa comparativa sobre o número de habitantes santistas em 1822 e 2014.	Tabela 4 - Leitura da paisagem e evolução urbana comparativa por meio das obras de Benedito Calixto - Porto de Santos 1822 e Imagem aérea de Sérgio Furtado de 2014.

Figura 24 – Porto de Santos 1922

Fonte: www.novomilenio.inf.br/santos

A questão norteadora, representada na tabela 1, “Esta obra está retratando o meio rural (área continental) ou urbano (área insular)?” foi desenvolvida com o propósito de investigarmos qual era a compreensão da categoria de lugar pelos alunos envolvidos. Com o resultado das respostas categorizamos da seguinte maneira: Área Continental; Área Insular e Em Ambas. De acordo com os resultados 85% das respostas atende corretamente o propósito do questionamento.

Tabela 1 - Conceito de lugar e localização espacial n=20

Categoria	Total	Porcentagem (%)
Área Continental	1	5
Área Insular	17	85
Em ambas	2	10
Total	20	100

Fonte: OSHIDA (2018)

Claval (1999) também discute a categoria de lugar pelo viés de sua transformação pelo uso da técnica, conforme o trecho a seguir:

os lugares nos quais estão inscritas as existências humanas foram construídos pelos homens, ao mesmo tempo pela sua ação técnica e pelo discurso que mantinham sobre ela. As relações que os grupos mantêm com o seu meio não são somente materiais, são também de ordem simbólica, o que os torna reflexivos. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham (CLAVAL, 1999.p.11).

As questões norteadoras, representadas na tabela 2: Quais tipos de moradias estão retratadas na obra?; O artista registrou meios de transportes?; Na obra constam quais tipos de relevos? Foram desenvolvidas com o propósito de investigarmos os conhecimentos dos alunos envolvidos sobre “Leitura da paisagem e reconhecimento de elementos, sejam eles humanizados ou naturais”.

A figura trabalhada foi a mesma da questão anterior, pois é uma continuidade de leitura e construção de conceitos, a partir das observações dos próprios alunos

Como resultado das respostas categorizamos da seguinte maneira: moradias (casas, prédios); meios de transportes (carros, navios, bondes e trens); tipos de relevos (montanhas e planícies) e Não apresenta Meio de transporte.

Os resultados apresentados na tabela 2 demonstram que 90% dos alunos desconheciam como era a vida urbana em Santos no século XIX. Referente a leitura geográfica física do espaço representado, 90% reconhece os dois tipos de relevos : planícies e morros.

Salienta-se que na Tabela 2, 90% dos alunos responderam que a população morava em casas e prédios. Entretanto nesta Tabela as respostas tomaram outra direção, os alunos entenderam que em 1822 ou 1922 cem anos de diferença, o hábito de moradia de Santos permaneceu sendo “casas” e que os “prédios” eram utilizados para comércio. Além desta análise, constataram que a altura dos edifícios era baixa e que não havia prédios na cidade.

Tabela 2- Elementos que compõem a paisagem **n=20**

Categoria	Total	Porcentagem (%)
Moradias (casas, prédios)	18	90
Meios de Transportes (Carros , navios ,bondes e trem)	18	90
Tipos de relevos (Montanhas e Planícies)	18	90
Não apresenta Meio de Transporte	2	10

Fonte: OSHIDA(2018)

As questões norteadoras, representadas na tabela 3: Os elementos retratados fazem parte de que linha do tempo: passado, presente ou futuro? ; Você considera que Benedito Calixto estava observando o lugar de onde? Foram desenvolvidas com o propósito de investigarmos como era a Leitura e Interpretação

imagética, dos alunos envolvidos e como eles reconhecem os signos da paisagem referentes a temporalidade representada na figura.

Como resultado das respostas categorizadas da seguinte maneira: Ângulo da visão do artista; Lugar retratado na obra (Porto de Santos); Linha temporal (Passado, Presente e Futuro) .

De acordo com os resultados 90% dos alunos reconheceram o lugar como sendo o porto de Santos. A temporalidade foi identificada como de outro século e que, hipoteticamente, Benedito Calixto estaria observando a paisagem santista do alto de um dos morros da área urbana.

Salienta-se que para o desenvolvimento da sequência didática, cada momento houve uma intervenção proposital com intuito de fazer os alunos refletirem, e utilizarem o imaginário, sua bagagem cultural e a identificação de elementos simbólicos da paisagem. A tabela 3 mostra esta proposta.

Podemos considerar que uma etapa muito importante foi a organização da sala de aula, todos trabalharam em grupo, tendo como finalidade a troca de saberes, o respeito a escuta, mas para que transcorresse de maneira harmônica, fizemos alguns combinados e ajustes nas condutas.

Nas análises de Macedo (2000):

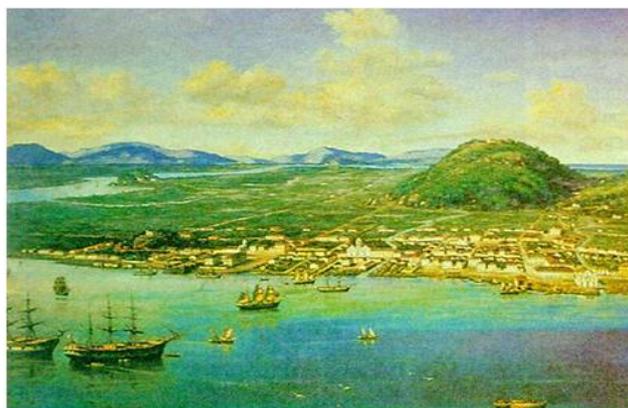
O trabalho por equipes supõe necessariamente a cooperação entre o todo e as partes, exigindo um “compromisso” constante de cada um dos elementos. Porém, trabalhar em equipe não é apenas propor situações grupais. A ideia de Piaget sobre esse tema é mais ampla porque considera as relações sociais como importante aspecto do contexto escolar. Nesses termos, cada um é responsável por si e pelo grupo ao mesmo tempo, ou seja, trabalhar em grupo significa aprender as consequências disso, o que implica respeito mútuo, troca de ideias e consideração pelo outro (MACEDO, 2000, p.36).

Tabela 3 - Leitura da paisagem e reconhecimento de elementos **n=20**

Categoria	Total	Porcentagem (%)
Ângulo da visão do artista (Morro)	18	90
Lugar retratado na obra (Porto de Santos)	18	90
Linha temporal (Passado)	18	90
Presente e futuro	2	10

Fonte: OSHIDA(2018)

Na aula seguinte, prosseguimos com a sequência didática, e nesta ocasião estavam presentes vinte e seis (26) alunos . Nesta ocasião foram apresentadas as figuras 25 e 26.

Figura 25 - Porto de Santos 1822 (Calixto)

Fonte: www.novomilenio.inf.br/santos

Figura 26- Imagem aérea Porto de Santos 2014



Fonte: Livro “Olhares – da tela a fotografia (Furtado)

Como resultado das respostas categorizadas da seguinte maneira: População ≥ 40.000 hab.; População ≤ 1.000 hab. moradias, Ângulo de visão (alto ou baixo) do artista (Calixto) ao pintar ou fotografar (Furtado).

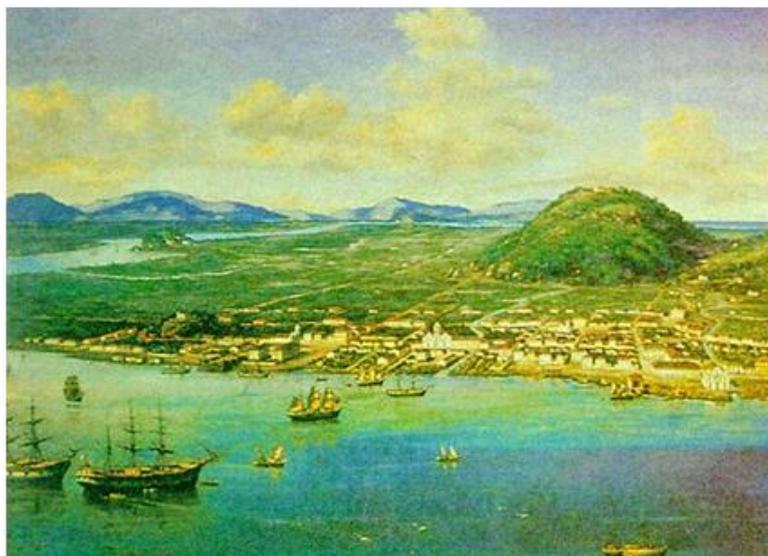
O número inicial do estudo da população parte das próprias respostas dos grupos, demonstrando que eles não sabiam o número total da população de Santos em ambas épocas, por este motivo foi proposto que os grupos fizessem uma pesquisa utilizando os próprios celulares, foi indicado o site do IBGE que disponibiliza um aplicativo.

Sobre o Ângulo de visão do artista ao pintar ou fotografar o lugar, 100% responderam que ambos estavam no alto, conforme figura 27. Cabe aqui demonstrar a intervenção problematizadora:

Figura 27– Hipótese de ângulo de visão - Calixto



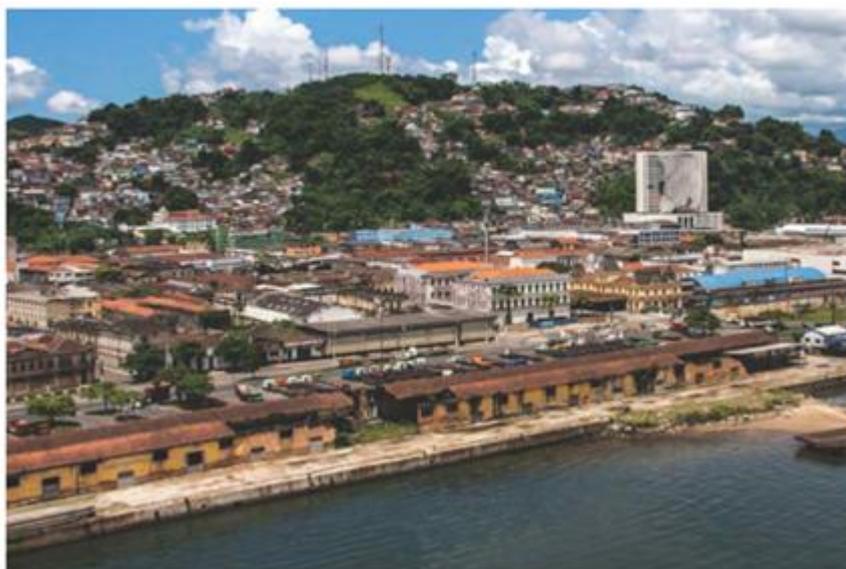
Hipótese sugerida
pelos alunos da
localização de Calixto
(ângulo de visão)



Fonte: www.novomilenio.inf.br/santos.

A figura 28, fotografada por Furtado, foi propositalmente tirada do mesmo ângulo registrado pelo técnica de Calixto.

Figura 28- Hipótese de ângulo de visão - Furtado



Ângulo de Visão
de Furtado

Fonte: Livro "Olhares – da tela a fotografia (Furtado)

As hipóteses sobre o meio de transporte utilizado por Calixto para registrar o ângulo da paisagem foram surgindo no decorrer da aula. Pelo fato de Furtado utilizar o helicóptero para capturar suas imagens aéreas, um dos grupos teve a curiosidade de pesquisar em que época este meio de transporte havia sido inventado. Foi então que descobriram, no século XV, Leonardo da Vinci, como seu idealizador. No Brasil, apenas as Forças Armadas tinham acesso a este meio de transporte, portanto, esta hipótese foi descartada. Várias hipóteses surgiram, mas a principal foi que Calixto estava em um balão.

A questão norteadora, representada na tabela 4, é uma atividade comparativa entre o mesmo lugar, mas registrado em tempos e por meio de profissionais diferentes. Objetivo era fazer o aluno refletir sobre o espaço ocupado, quantificar de forma estimativa a expansão urbana e a densidade demográfica de cada momento das imagens.

Tabela 4 - Leitura da paisagem e evolução urbana comparativa por meio das obras de Benedito Calixto - Porto de Santos 1822 e Imagem aérea de Sérgio Furtado de 2014. n=26

OBRA DE CALIXTO (1822)	TOTAL	(%)	FOTO AÉREA DE FURTADO (2014)	TOTAL	(%)
População ≥ 40.000 hab.	15	57,69	População ≥ 100.000 hab.	10	38,46
População ≤ 1.000 hab.	4	15,38	População ≤ 1.000 hab.	9	34,61
Moradias casas	18	69,23	Moradias Prédios residenciais e casas	24	92,30
Prédios de comércio	8	30,76	Cortiços	2	7,69
Não quantificaram	3	11,53	Não quantificaram	3	11,53
Não responderam	4	15,38	Não responderam	4	15,38
Ângulo de Visão Alto	26	100,00	Ângulo de Visão Alto	26	100,00
Total	78	299,97		78	299,97

Fonte: OSHIDA (2018)

É importante entendermos a importância das observações e as hipóteses dos alunos, pois neste momento estamos trabalhando a alfabetização cartográfica dos mesmos.

Segundo Passini (2012) a alfabetização cartográfica é uma metodologia que estuda os processos de construção de conhecimentos conceituais e procedimentais que desenvolvam habilidades para que o aluno possa fazer as leituras do mundo por meio das suas representações.

Portanto é a inteligência espacial e estratégica que permite ao aluno ler o espaço e pensar a sua geografia desenvolvendo o domínio espacial. Essa vivência possibilita ao aluno ressignificar o espaço de sua vivência, avançando do conhecimento espontâneo para o sistematizado.

Dessa forma as hipóteses de leituras da figura 23 são fundamentais para a alfabetização cartográfica, pois a referida leitura proporcionou a visão de diferentes perspectivas cartográficas auxiliando os alunos a estruturarem a construção do conceito de projeções cartográficas como também para o desenvolvimento do pensamento crítico. Segundo Passini (2012 p.70), é “possível desenvolver a descentração por meio de atividades que possibilitem ao aluno colocar-se na perspectiva do outro em relação aos objetos e fatos”.

Com a visita à Pinacoteca, através das contadoras de histórias da biografia de Calixto, o grupo de alunos descobriu que o artista foi pioneiro no uso da máquina fotográfica e que poderia tê-la utilizado para registrar a paisagem da obra. Neste caso, para que tal ângulo fosse registrado, foi necessário o uso de um barco. Mas, são hipóteses. Em nenhum livro estas possibilidades estão registradas. De qualquer forma, a discussão em sala de aula e a saída de campo despertaram a curiosidade pela pesquisa e levaram o grupo a descartar e (re)criar algumas análises sobre o pintor.

Segundo Carlos (2007):

a Geografia Urbana deve contemplar, em sua análise sobre o fenômeno urbano, uma crítica à formulação do saber sobre a cidade, porque é impossível separar a produção social do espaço da cidade da produção de um pensamento sobre a cidade (CARLOS, 2007 p.19).

Como escreve Lefebvre⁸, “a teorização não suprime a problemática do mundo moderno, ela contribui para colocar as questões com mais força”. Assim, a análise da cidade deve passar pela amplitude de uma dupla dimensão crítica que abarque tanto a crise teórica quanto a prática.

Para a pesquisadora Martins⁹ (2014)

“O espaço urbano em Santos é produzido para atender uma classe social abastada. Os altos preços dos terrenos fazem com que algumas áreas da cidade sejam valorizadas. A população de baixa renda e a classe média, por sua vez, não têm acesso a esses espaços. Elas são obrigadas, por conta desta valorização diferencial, a fixar suas moradias em áreas que não têm tanta infraestrutura urbana”, expõe a pesquisadora. (MARTINS, 2014)

A hipótese dos alunos referente ao número populacional apresentada nas Tabelas parte pela observação do espaço geográfico ocupado contido nas imagens estudadas na comparação. Diante de muitas dúvidas propus que pesquisassem sobre o número de habitantes santistas em ambas épocas. Nesta pesquisa teve maior intervenção e direcionamento na busca dos dados populacionais do século XIX, por conter textos históricos mais densos.

Entretanto a pesquisa sobre os dados atuais eles fizeram sozinhos. Concluindo que somente a cidade de Santos em 1900 possuía 50.393 habitantes, representando 92,6% da região, que era composta nessa época apenas por Santos e São Vicente.

Atualmente, segundo o IBGE (2018), a população estimada é de 432.957 pessoas. Estes dados auxiliaram os alunos a perceberem o crescimento

⁸ Henri Lefebvre, “Qu’est-ce que penser”, Paris, Éditions Publisud, 1985 p. 129.

⁹A dissertação de Maria Isabel Martins foi defendida junto ao Instituto de Geociências (IG) da Unicamp, sob a orientação do professor Lindon Fonseca Matias. O estudo integra projeto temático da Fapesp sobre mudanças climáticas nas regiões metropolitanas de SP. <http://www.cruesp.sp.gov.br/?p=7592>

populacional e entenderem a alteração de moradia de casas para edifícios além da evolução para uma região metropolitana.

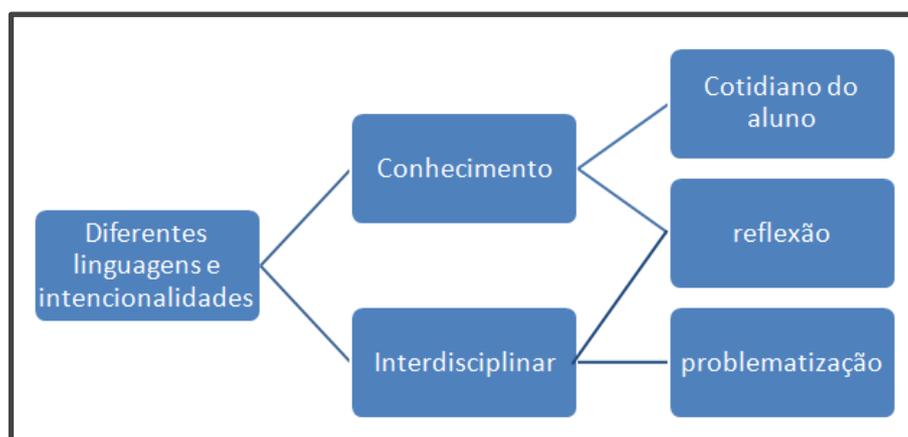
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos um recorte histórico da geografia humanística para nortear as pesquisas de leituras de diferentes linguagens na geografia. Para isso, utilizamos a análise comparativa de uma linha temporal, final do século XIX, por meio de obras de arte de Benedito Calixto e imagens aéreas de Sérgio Furtado.

A utilização de várias linguagens na geografia é importante para que os conceitos sejam aprendidos com significados e problematizados no cotidiano dos alunos.

Conforme o conceito de Rudnick (2012), conforme o quadro 10, apresentado neste trabalho no capítulo 1 no item 1.1 Diferentes linguagens e a aula de Geografia é apresentado a seguir no formato de mapa conceitual, que possui uma leitura de diagrama ou ferramenta gráfica que representa visualmente as relações entre conceitos e ideias.

Quadro 10– Escrita do conceito no formato de mapa conceitual



(RUDNICK 2012, p.20), adaptado por OSHIDA (2018)

O problema de nossa pesquisa: O uso da interpretação de obras de arte para a discussão da geografia é um recurso metodológico que pode colaborar na construção dos conceitos de paisagem e lugar? Foi respondido a partir dos resultados encontrados.

Para a construção do conceito paisagem e lugar e a importância humanística apresentamos as contribuições de Claval (2006) e Tuan (1974). Estes autores serviram de embasamento teórico para construirmos os objetivos desta pesquisa que discute a utilização de diferentes linguagens para o ensino das categorias de paisagem e lugar nas aulas de Geografia. Segundo Claval (1999):

os lugares nos quais estão inscritas as existências humanas foram construídos pelos homens, ao mesmo tempo pela sua ação técnica e pelo discurso que mantinham sobre ela. As relações que os grupos mantêm com o seu meio não são somente materiais, são também de ordem simbólica, o que os torna reflexivos. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham (CLAVAL, 1999.p.11)

No primeiro capítulo a discussão conceitual está em torno das teorias que envolvem a Geografia Humanística, difundida por Tuan nos anos de 1960. Nosso propósito foi realizar a transposição didática desta construção teórica para sua aplicação na sala de aula e, para tal condição, utilizamos a paisagem santista.

Um símbolo é um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que acumularam através do tempo. As experiências profundas muitas vezes têm um caráter sagrado, extraterreno, mesmo quando se originam na biologia humana. Quando os símbolos dependem de acontecimentos singulares, eles devem variar de um indivíduo para outro e de uma cultura para outra (TUAN, 1982, p. 166).

Ainda com TUAN, neste trabalho buscamos levar o conceito de paisagem e lugar para os alunos de uma forma significativa, onde os mesmos pudessem refletir sobre o pertencimento e atitudes na escola, em casa e principalmente na sociedade.

No segundo capítulo apresentamos a nova legislação a BNCC – Base Nacional Comum Curricular e todo direcionamento que a legislação descreve abrangendo o aluno com uma educação integral e atuante politicamente como

também a interdisciplinaridade contida na Geografia. E no capítulo terceiro a categorização da sequência didática

A metodologia da transposição foi uma sequência didática e os resultados foram apresentados por meio de tabelas. Os sujeitos da pesquisa fazem parte do 8º "A" de uma escola pública Estadual localizada em Santos. A aplicação da sequência foi realizada de 21 a 28 de Novembro de 2018, totalizando seis aulas. Além disso, realizamos uma saída de campo a Pinacoteca Benedito Calixto ainda em novembro, período de aula dos alunos.

O trabalho com as categorias paisagem e lugar, por meio de outras linguagens no caso deste estudo, as Obras de Arte de Benedito Calixto e imagens áreas de Sérgio Furtado, despertou grande interesse nos alunos, pois as aulas eram diferenciadas.

A cada momento da sequência didática foram reformulando os conceitos por meio da metodologia aplicada nesta pesquisa.

Tecer estratégias para que comparassem dois momentos temporais na cidade de Santos, construir criticidade e pertencimento sobre o lugar onde moram e despertar a percepção para se tornarem observadores, são ações ordenadas que tiveram muito empenho de todos. Culminando com a saída de campo onde os mesmos contextualizavam e relacionaram as obras aos conceitos estudados.

Podemos concluir que o instrumento para transpor os conceitos de paisagem e lugar, a Sequência Didática, obteve um resultado positivo pela aprendizagem demonstrada pelos alunos não somente na forma escrita, mas principalmente na questão da argumentação, interpretação das obras e questionamentos.

No tocante a ministrar as aulas por terem um planejamento e um estudo prévio dos conteúdos a ser ensinados, as estratégias e possibilidades, refletem em aulas produtiva confirmando a importância da formação docente contínua.

O produto construído, Revista Digital e um aplicativo para o celular, levam em consideração o descrito nos parágrafos anteriores, reafirmando que novas metodologias e linguagens devem estar presentes nas aulas.

6 PRODUTO DA PESQUISA

A proposta de pesquisar sobre as pinturas de Benedito Calixto tem com objetivo aprender e ensinar sobre a cidade de Santos, especificamente na virada do século XIX, onde temos como testemunha os registros pictóricos com muitos detalhes, de um passado recente que está ausente do contexto escolar.

Como professora de várias classes numerosas sempre busca entender as dificuldades de aprendizagem dos meus alunos. Considero a geografia uma disciplina interdisciplinar. Nos livros didáticos trabalhamos música, poesia, obras de arte, mas raramente relacionamos o conteúdo com o local vivenciado dos educandos, até mesmo porque seguimos um currículo municipal e estadual, onde fala-se muito pouco da geografia local.

A carência de alfabetização geográfica está cada vez mais presente, mesmo quando falamos do sexto ano Ensino do Fundamental II ao terceiro ano do Ensino Médio. E o interessante é que uma grande parcela dos alunos principalmente das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, já perceberam que em provas de grande escala como Saesp, a geografia está muito presente.

Diante de tantas observações vivenciadas e após estudar as obras de Calixto, percebi que uma sequência didática para estudar as categorias paisagem e lugar enriqueceria o ensino-aprendizagem dos alunos. Em contrapartida nas formações de professores de Geografia muitos utilizam somente atividades mecânicas, não realizam planejamento de aulas, não buscam saber os conhecimentos prévios dos alunos, não inovam as aulas, muitos utilizam as mesmas há anos, como se os alunos não mudassem.

Dentro deste contexto como produto da minha pesquisa apresenta dois recursos tecnológicos para os professores confeccionarem materiais didáticos oportunizando trabalharem com outras linguagens.

Acredito que dentro de um pensamento geográfico humanístico compartilhar saberes é muito importante, então o produto será um material didático multimídia pensando na sustentabilidade e nas linguagens que estão mais presentes na vida de nossos alunos. Assim trabalharemos com os recursos tecnológicos, possibilitando aos alunos o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's).

Produto 1 - REVISTA DIGITAL

Este material tem o objetivo de colaborar com as aulas de geografia, oferecendo métodos diferenciados para a transposição dos conteúdos.

O recurso tecnológico sugerido é uma revista eletrônica elaborada no site <https://www.flipsnack.com/>. O ambiente virtual é gratuito o professor deve primeiro se cadastrar para ter acesso, são disponibilizadas outras opções que são pagas. A revista apresentada foi confeccionada na versão gratuita, pois ela possui recursos que deixam o material desenvolvido com qualidade. O professor poderá ter até três aulas na plataforma utilizando a conta gratuita.



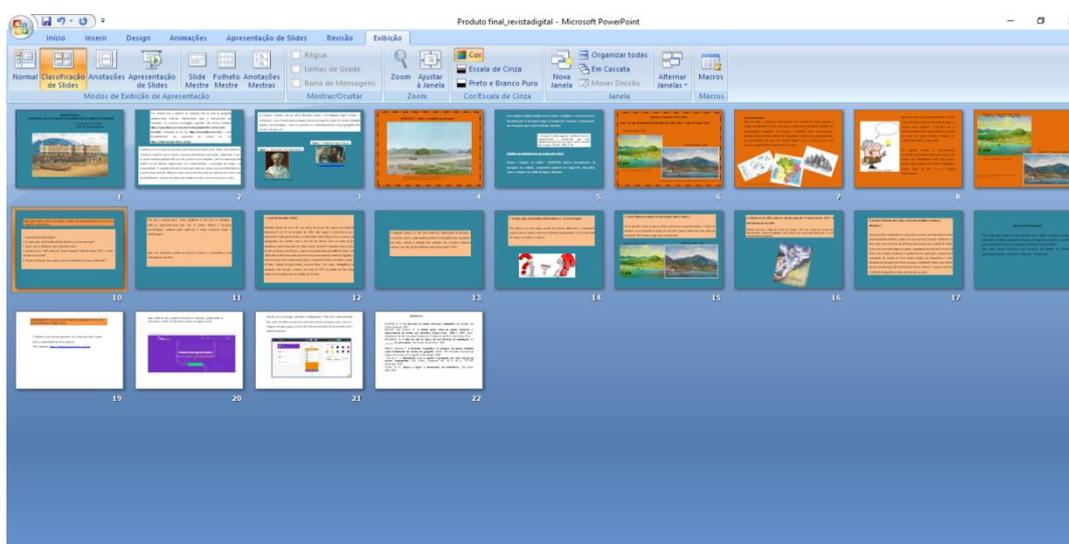
Fonte: <https://www.flipsnack.com/>

Inicialmente o professor deverá idealizar sua aula. Sugiro que crie slides, pois facilitará o *upload* para o site da revista, além de ter uma diagramação mais coesa, ou seja, não terá problemas de desconfiguração. Outro ponto importante é que como o limite das postagens é limitado, tendo as aulas em slides o professor poderá fazer *upload* quando quiser desde que sua plataforma esteja dentro do limite de dados permitidos pela plataforma Flipsnack.

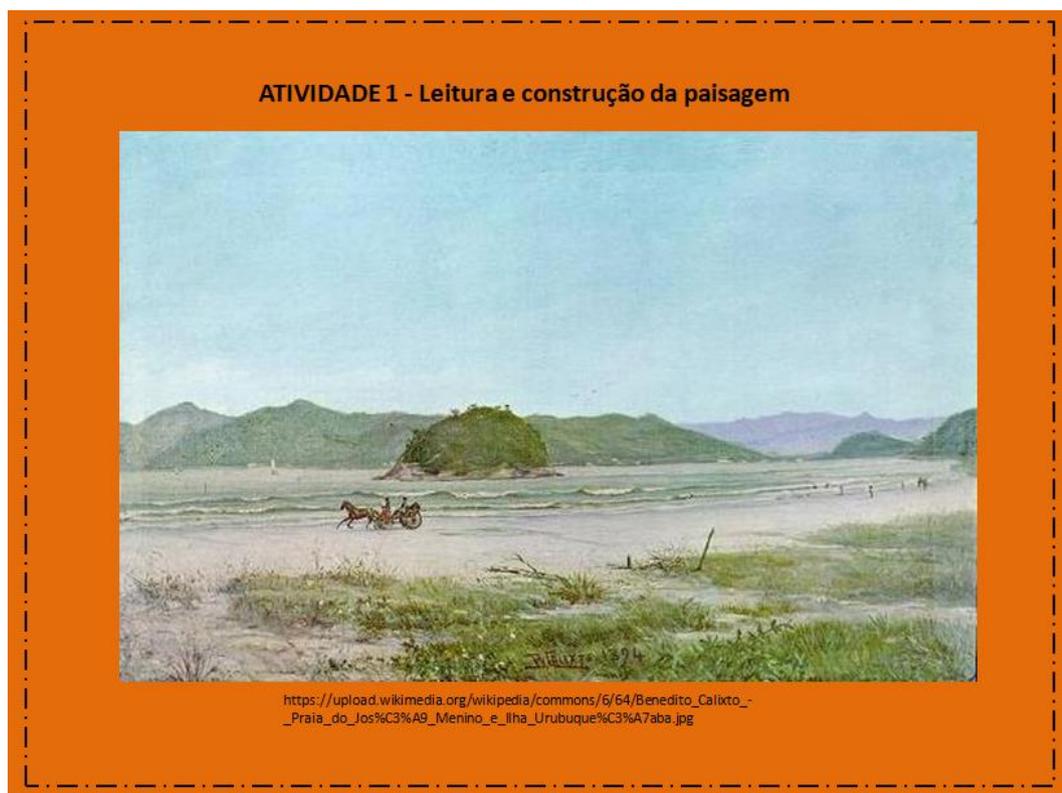
A elaboração da Revista também ajudará o docente a verificar as prioridades dos conteúdos, como também a linguagem, o correto é pouco texto e mais imagens, gráficos, infográficos, mapas, obras de arte entre outros. Sabendo que ao utilizar a linguagem não verbal os alunos sempre apresentam mais dificuldades, é importante trabalhar a construção de imagens em contrapartida o encadeamento do raciocínio.

Este recurso proporciona uma apresentação do conteúdo de forma mais dinâmica, indo de encontro com os materiais que os alunos vivenciam diariamente. Outro ponto importante é que os alunos também poderão utilizar o site para fazer seus trabalhos, com isso poderão desenvolver melhor o uso da internet, organizando seus conhecimentos, a percepção da escrita e da espacialidade.

O mais importante será dispor o conteúdo da aula em slides, veja o exemplo:



Fonte: OSHIDA (2019).



Fonte: OSHIDA (2019)

Esta sequência didática propõe levar os alunos a refletirem e reconhecerem as transformações na paisagem e lugar. O importante é transpor o conceito para uma linguagem que o aluno realmente apreenda.

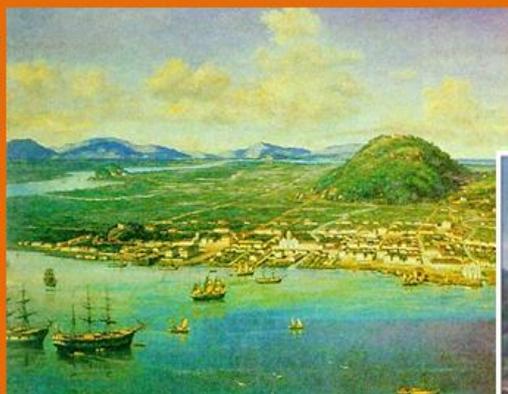
Este procedimento de transposição mais significativo está presente nos objetivos de aprendizagens de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), conforme segue:

Mapas e imagens de satélite – (EF05GE08) Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.

Recursos e materiais necessários

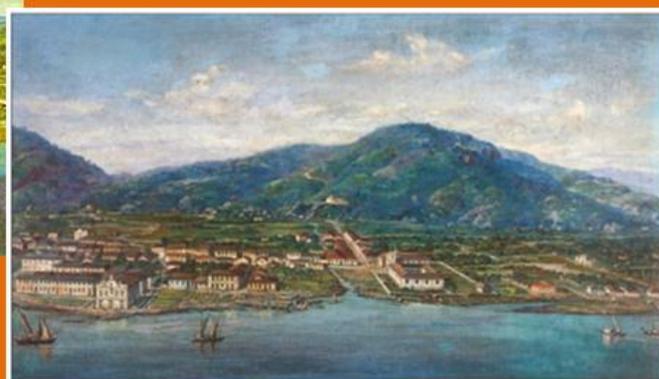
Obras de arte de Benedito Calixto Porto de Santos 1822 e Porto de Santos 1922.

Porto de Santos 1822



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/>

Porto de Santos 1922



Fonte: Enciclopédia Grandes Personalidades da Nossa História, Editora Abril Cultural, São Paulo, 196

Fonte: OSHIDA, 2019

Desenvolvimento

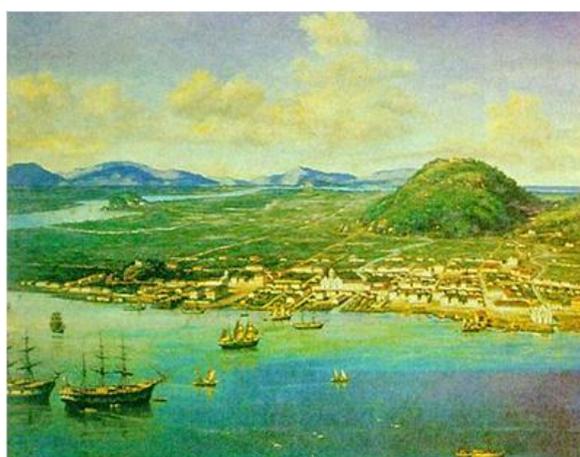
Antes da aula, o professor deve preparar uma seleção de mapas, plantas e croquis em diferentes escalas, para que os alunos observem formas distintas de representação cartográfica do espaço. É importante haver representações variadas, desde um mapa-múndi até uma planta de bairro. Os mapas poderão ser apresentados por meio de projeção digital, caso a escola possua esse recurso, ou poderão ficar expostos em local que os alunos tenham acesso.

Ao iniciar a aula faça questionamentos tais como: “Como é possível representar em uma folha de papel, o espaço onde vivemos?”. É possível que os alunos respondam que representamos o espaço por meio de mapas, plantas, imagens de satélite, fotos aéreas, entre outros.

Em seguida, deverá mostrar as representações escolhidas previamente para a aula e pedir aos alunos que identifiquem cada uma (mapa, planta, croqui, imagens de satélite e fotografias aéreas, obras de arte) e os espaços representados.

Nesta sequência trabalharemos com as obras de Calixto

Porto de Santos 1822



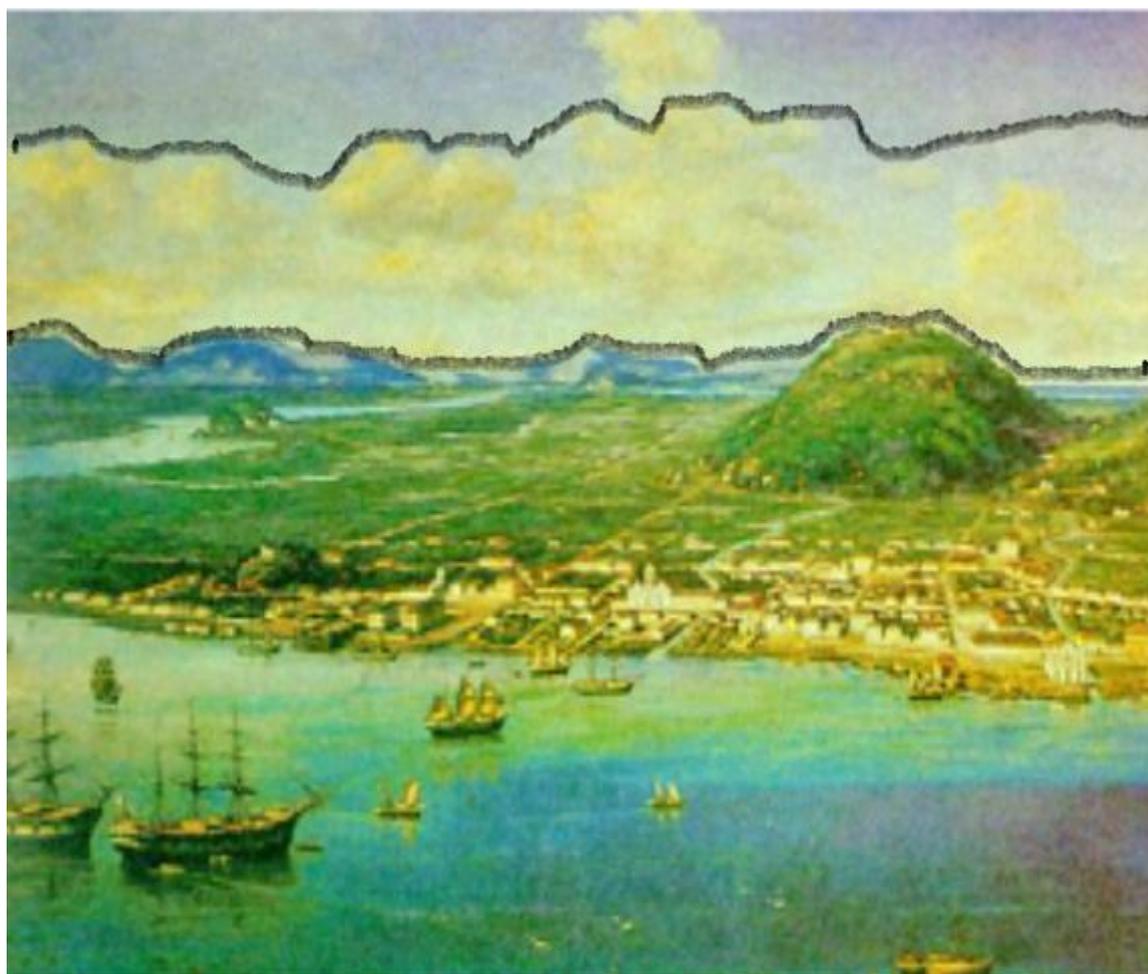
Fonte: www.novomillenium.com.br

Porto de Santos 1922



Fonte: www.novomillenium.com.br

A aula de observação deve ter momentos de pausa, ou seja, de reflexão, para isso o professor deve orientar os alunos a lerem a Obra de Arte no sentido horizontal, assim perceberão todos os detalhes apresentados pelo artista. Conforme exemplo abaixo:



Fonte: www.novomillennium.com.br

Após apresentar as obras aos alunos, o professor como mediador deve realizar as seguintes intervenções:

- 1 - Quem foi Benedito Calixto?
- 2 - As duas obras de Benedito Calixto referem-se ao mesmo lugar?
- 3 - Quais são as diferenças podem ser observadas em cada obra?

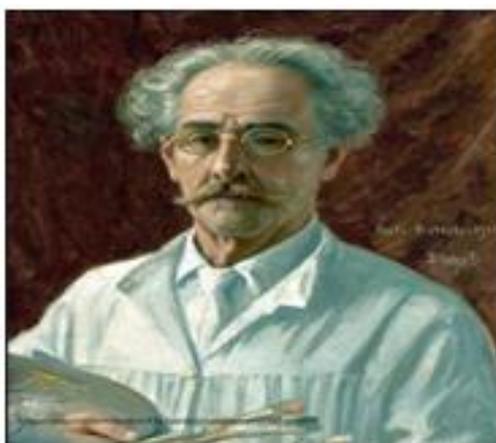
4 - Calixto nasceu em 1853, como ele pintou o quadro "Porto de Santos 1822" se nem mesmo era nascido?

5- Por que Calixto fez duas obras com o mesmo título em épocas diferentes?

Para que a aprendizagem tenha significado a aula deve ser dialógica, o professor problematizando para que os alunos reflitam e busquem possibilidades, portanto tanto o professor quanto o aluno constroem juntos a aprendizagem.

Após este momento o professor deverá esclarecer e encaminhar a aula retomando as questões:

1 - Quem foi Benedito Calixto?



Fonte: www.novomillennium.com.br

Benedito Calixto de Jesus foi um artista do século XIX, nasceu na cidade de Itanhaém-SP em 14 de outubro de 1853, não seguiu a profissão do pai, marceneiro, ainda jovem mudou-se para Santos onde pintava muros e placas de propaganda. Seu contato com a arte foi em Brotas com seu irmão onde trabalhava como restaurador de obras sacras.

Somente frequentou uma escola de Arte na França com 30 anos, viagem esta patrocinada pela **elite** de Santos. Em 1884 volta ao Brasil trazendo um novo recurso: uma moderna câmera fotográfica. Entusiasmado com o equipamento,

torna-se pioneiro no Brasil em pintar a partir de fotos. Calixto pesquisa muito escreveu livros e fez cartas cartográficas de Itanhaém, São Vicente e Santos.

Em maio de 1927, na cidade de São Paulo, morreu em decorrência de um infarto aos 74 anos.

A biografia poderá ser lida pelo professor, objetivando desenvolver a escuta dos alunos, como também poderá ser disponibilizada. Importante que todos saibam o contexto lido, portanto vale esclarecer algumas palavras que não são do cotidiano como, por exemplo, “elite”.

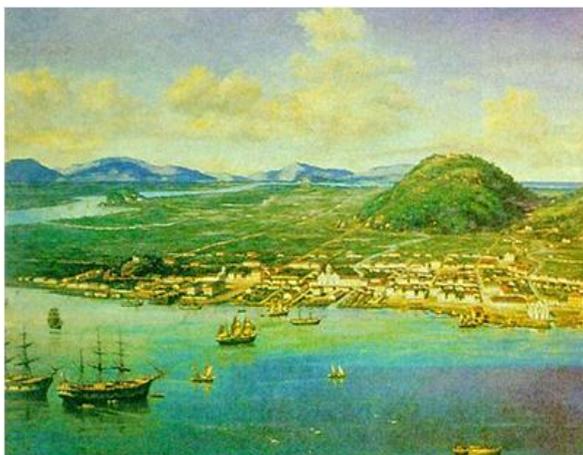
2 - As duas obras de Benedito Calixto referem-se ao mesmo lugar?

Sim, refere-se ao meu lugar, porém em épocas diferentes. É importante explicar para os alunos como era o cotidiano da população, no caso da cidade de Santos em ambas as épocas.

3 - Quais diferenças podem ser observadas entre as obras?

Nesta questão espera-se que os alunos percebam a expansão urbana, os tipos de moradias, neste intervalo de tempo de cem anos como a palheta de cores utilizada na obra de 1822 remete a algo mais envelhecido.

Porto de Santos 1822



Porto de Santos 1922



4 - Calixto nasceu 1853, como ele pintou o quadro “Porto de Santos 1822” se nem mesmo era nascido?

Calixto realizou a obra do Porto de Santos 1822 por meio da leitura de documentos. Como é citado em sua biografia, o pintor era um pesquisador, por isso era considerado historiador.

Outro ponto interessante é explicar para a classe o que vem a ser um historiador, um pesquisador para que haja compreensão é importante fazer comparações de acordo com a faixa etária: animações *Dexter*, filme *Tá Chovendo Hambúrguer* ou o Cientista Maluco e os filmes *Pantera Negra* e *Vingadores*, todos esses exemplos possuem cientistas e pesquisadores.

5- Por que Calixto fez duas obras com o mesmo título em épocas diferentes?

Nesta questão é importante ressaltar para os estudantes que toda obra tem uma intencionalidade histórica e política. Calixto faz as duas obras com cem anos de diferença para mostrar que a Cidade de Santos estava em crescente progresso, graças a exportação do café do Oeste de São Paulo. Caso o professor queira se aprofundar nas explicações poderá citar a construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí sua importância e toda alteração da paisagem que houve na época. É importante lembrar que Calixto, por ter uma formação diferenciada dos demais artistas, apoiava-se nas elites e retribuía divulgando os feitos por meio da sua obra.

TEXTO DE APOIO - HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS OBRAS DE CALIXTO

A interdisciplinaridade estava presente na obra de Calixto ao especializar-se em dois gêneros distintos na lógica das hierarquias da época: a pintura de paisagem e a pintura histórica. A pintura histórica possibilitava aos artistas o exercício de erudição ao produzir descrições de fatos históricos específicos, da mesma forma estava preocupada com a transmissão de qualidades morais, por vezes, pedagógicas, além de uma aproximação das autoridades e instituições relevantes na economia das encomendas e nas decisões dos concursos públicos. Já a paisagem, naquela passagem para o século XX, surge como uma forma de demonstrar o virtuosismo do artista para com a compreensão da natureza, de sua luz com seus contornos e dinâmica; além de cortejar uma classe social emergente, ávida por uma pintura e com um gosto menos requintado.

O artista, desde o final do século XIX, preocupou-se em construir uma carreira voltada para organizações ligadas à esfera pública e seus interesses. Nesse aspecto, ele mirou no crescente mercado de arte voltado a enaltecer, de um lado, o passado local – daí sua inclinação para a história, arqueologia e antropologia – e, do outro, o progresso – especialmente a expansão urbana e o porto da cidade de Santos, pontos estes presentes na geografia nos conceitos de paisagem e lugar.

Dentro deste contexto ao estudarmos as obras de Calixto devemos explicitar para os alunos que toda obra realizada teve uma intencionalidade. No caso de Calixto, era deixar registrado o progresso que Santos estava passando na virada do século XIX para o século XX, já que sua ligação com a elite era estreita. Com isso não basta somente conceituarmos por meio de suas obras as categorias de “paisagem” e “lugar”, mas indicar que estudando de forma interdisciplinar o aluno constrói os conceitos geográficos justificando-os com base nos estudos históricos.

Aferição de aprendizagem

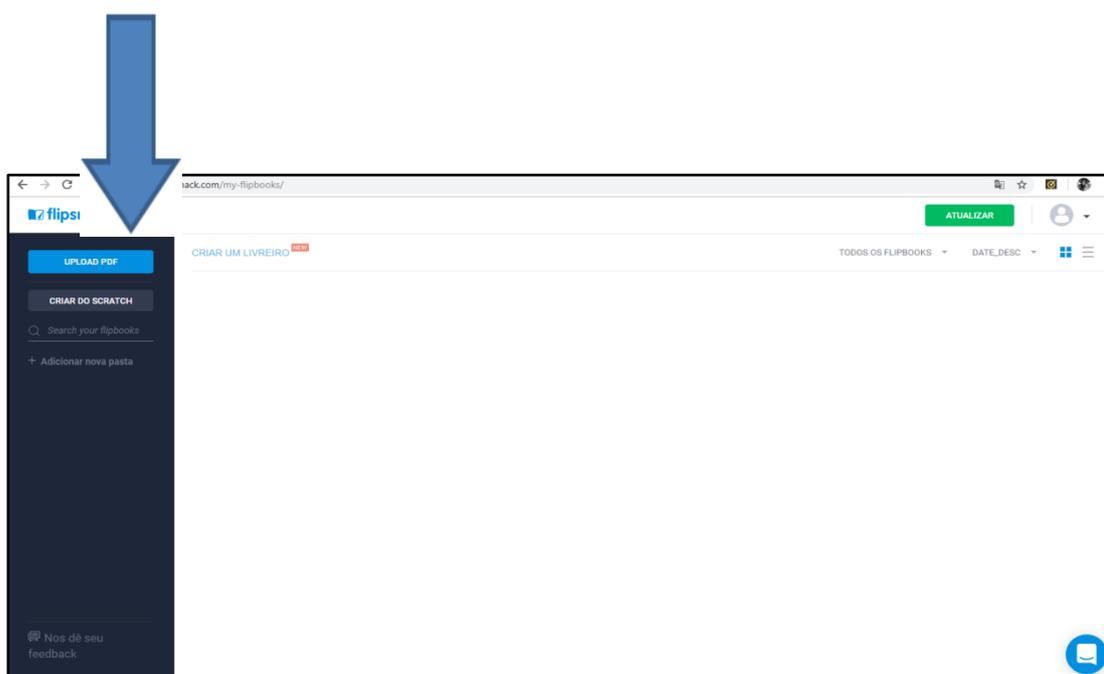
Como sugestão, o professor pode solicitar aos alunos que escolham um lugar do bairro onde residem e pesquisem, por exemplo, como era esse lugar no

século XIX, e qual foi a intencionalidade de haver as mudanças observadas nos dias atuais.

Após, todos devem socializar suas pesquisas em formato de seminário, objetivando trabalhar a oralidade e autonomia do educando.

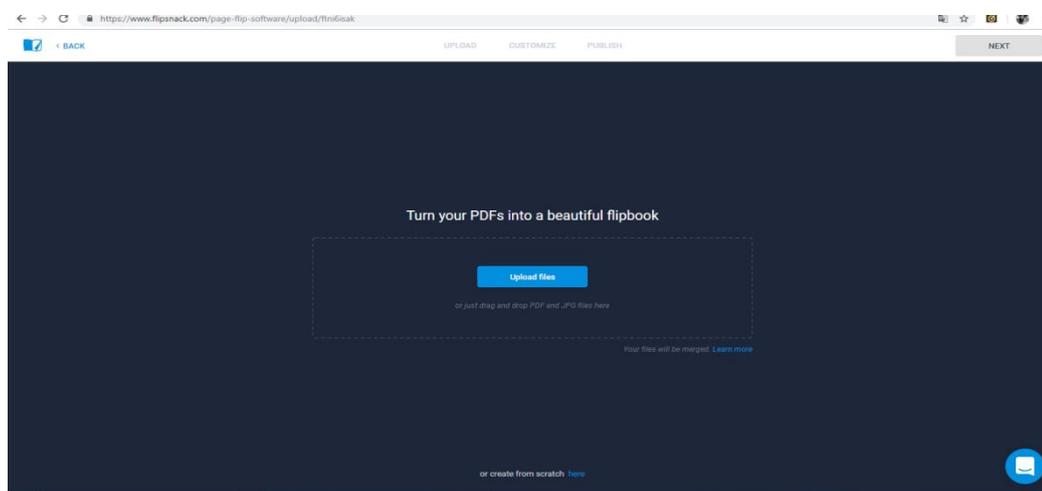
Outra opção é realizar a construção de uma revista digital da classe, o objetivo é que o aluno desenvolva várias habilidades: trabalhar em grupo, argumentar, ouvir opiniões e críticas, realizar reescrita, ter autocrítica. O professor deverá organizar a sala para a construção de uma ou mais revistas, prestando as orientações necessárias para que o trabalho desenvolva-se. Os grupos deverão fazer as triagens das imagens, fazer a revisão textual, criar o desenho da revista.

Com os slides estando prontos, formatados e salvo, o professor com acesso a plataforma poderá acessar e fazer o *upload*.



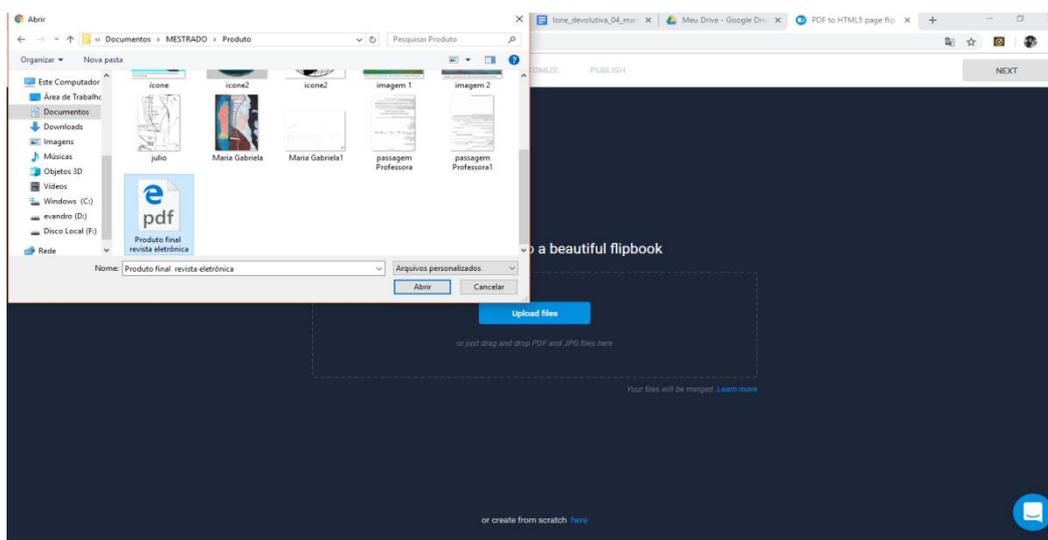
Fonte: <https://www.flipsnack.com/my-flipbooks/>

Inserindo o arquivo salvo em pdf



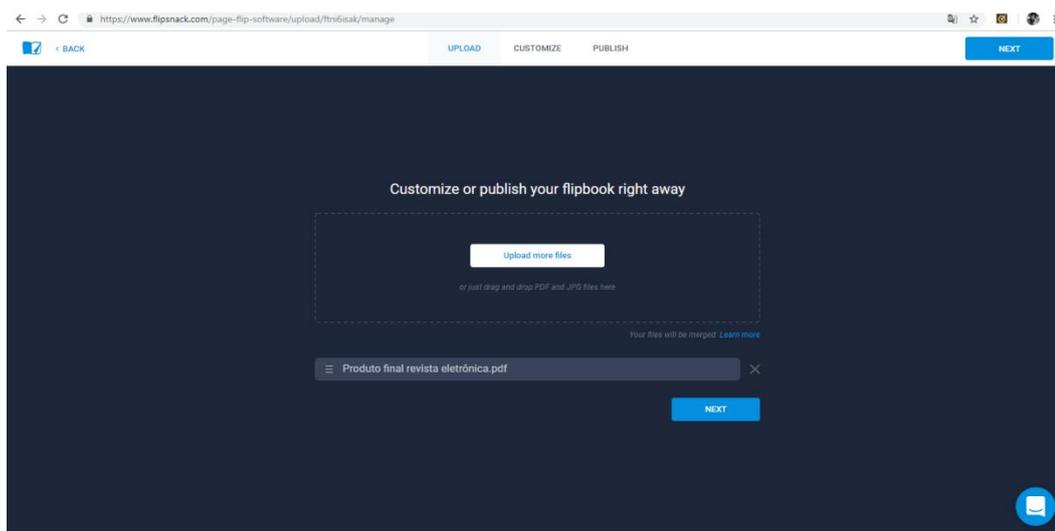
Fonte: <https://www.flipsnack.com/my-flipbooks/>

Caixa de diálogo onde foi salvo o arquivo em pdf.



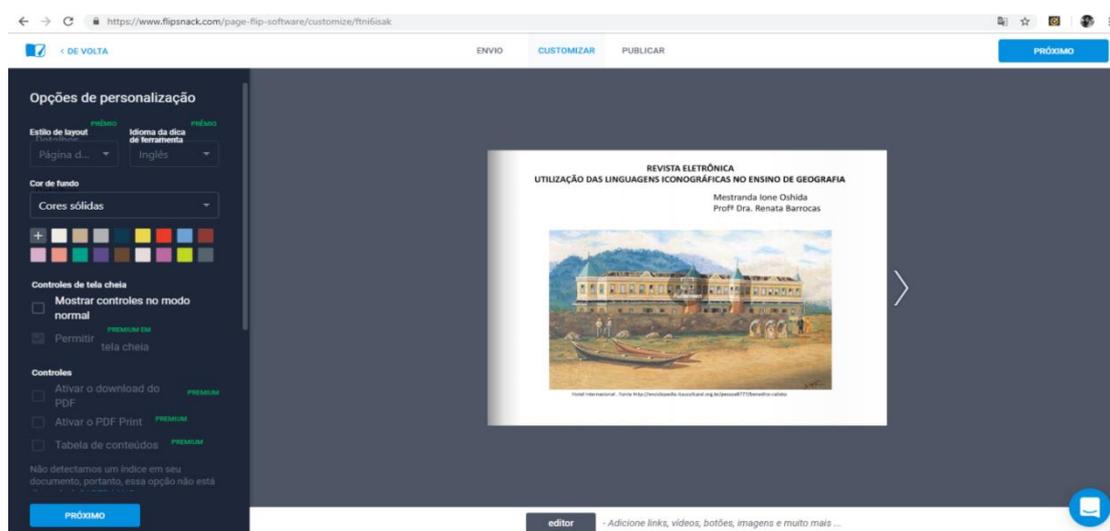
Fonte: <https://www.flipsnack.com/my-flipbooks/>

Barra de *upload* completa clicar botão *next*



Fonte: <https://www.flipsnack.com/my-flipbooks/>

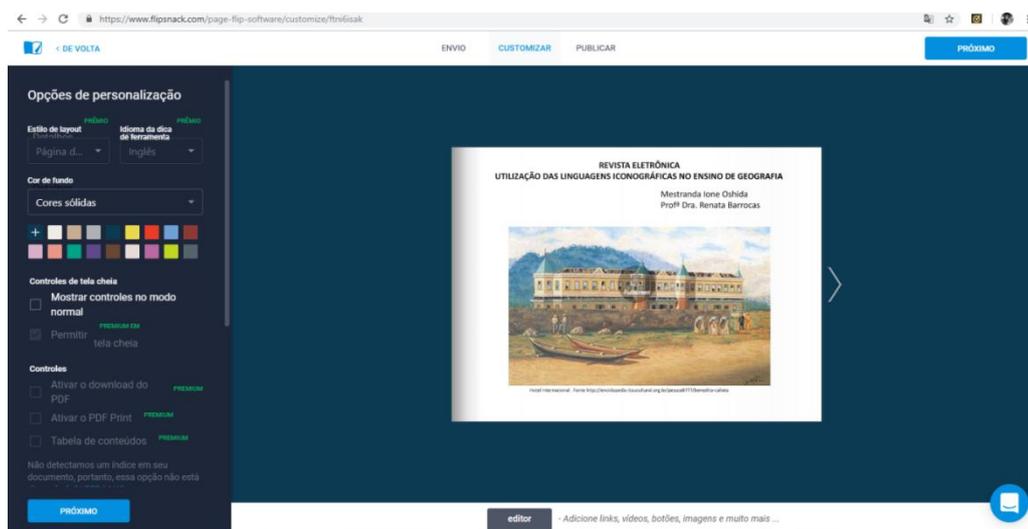
Configuração da Revista



Fonte: <https://www.flipsnack.com/my-flipbooks/>

Conforme apresenta a figura acima, os botões de opções de personalização configuram o plano de fundo da revista. Observe que foi clicado no verde petróleo, conforme apresenta na figura abaixo:

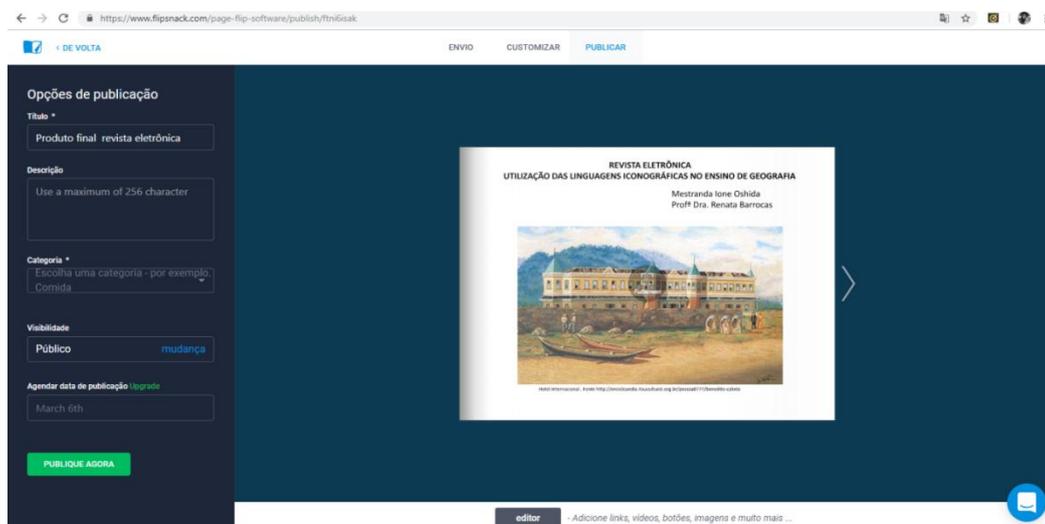
Cor de fundo alterada



Fonte: <https://www.flipsnack.com/my-flipbooks/>

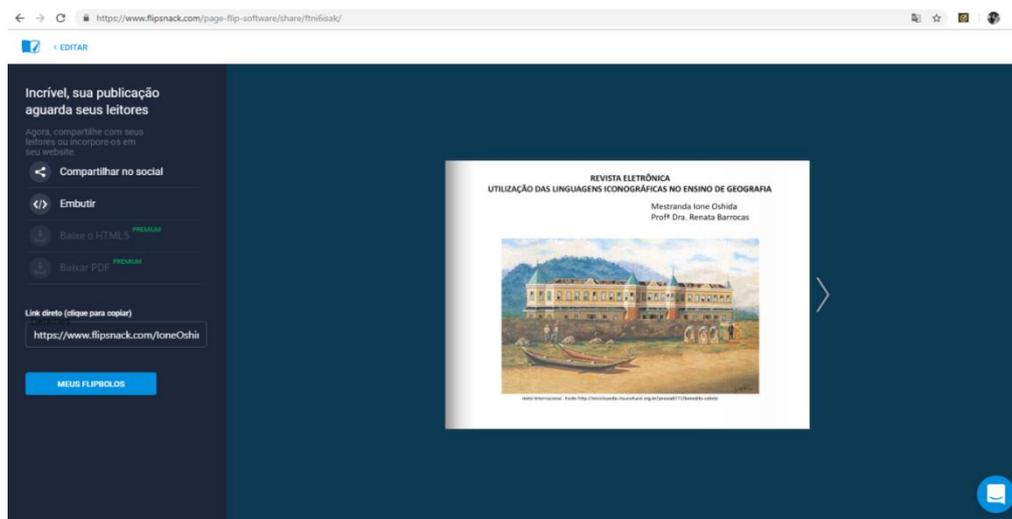
É obrigatório preencher, os campos Título, Descrição e Categoria, que no nesse caso é educação, conforme figura abaixo:

Dados para publicar



Fonte: <https://www.flipsnack.com/my-flipbooks/>

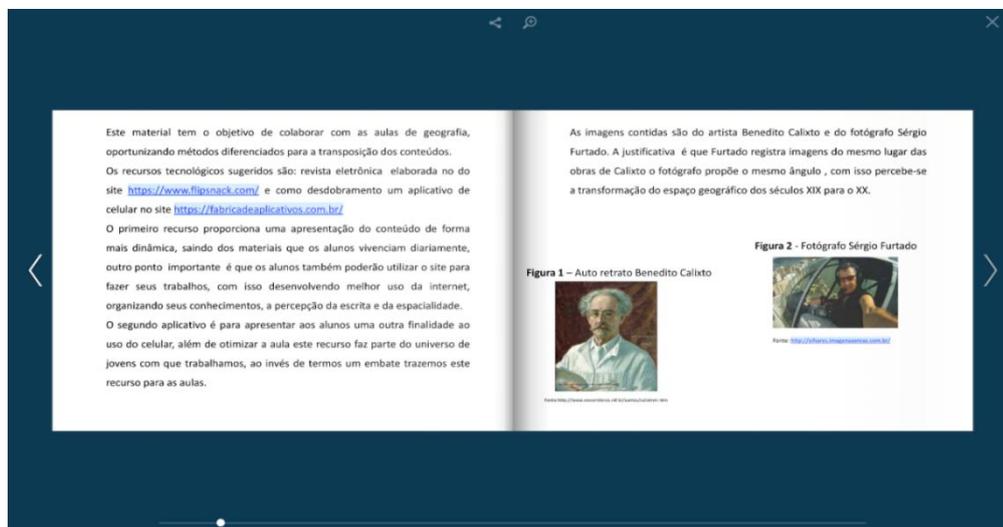
Publicação finalizada



Fonte: <https://www.flipsnack.com/my-flipbooks/>

Lembrando que o endereço da sua Revista Digital fica sempre disponível, conforme apresenta a figura.

Revista Pronta



Caso a escola não tenha laboratório de informática, o professor poderá fazer manualmente a revista e depois digitalizar. Importante que na etapa da avaliação todos tenham acesso ao que foi realizado, pois o aluno, neste momento, é o protagonista construindo o conhecimento, pois toda a pesquisa e confecção da revista foram construídas por eles, tendo o papel do professor de mediador.

Em ambas as opções professor e aluno estão ensinando, aprendendo e utilizando recursos tecnológicos e incentivando a escrita e a leitura de forma interdisciplinar.

Produto 2 - Aplicativo de Celular

O projeto de lei nº 860/2016 altera a lei 12.730/2007, indicados em Anexo, que proibiam o uso de celulares em escolas estaduais. Segundo o governo do Estado de São Paulo, até outubro de 2018, o sistema *wi-fi* e banda larga seriam instalados em todas as 5 mil escolas da rede.

Diante da recente aprovação da lei que permite o uso desses dispositivos com finalidade pedagógica nas escolas estaduais de São Paulo, educadores se perguntam como, de fato, incorporá-los nas aulas. Tendo o cuidado de não propor atividades que possam discriminar ou segregar os estudantes de acordo com o tipo de aparelho que possuem, é possível desenvolver práticas pontuais ou recorrentes que se valem do celular. Caso algum aluno não possua o aparelho, recomenda-se realizar as atividades em grupos.

Mesmo que um professor prepare a aula com atenção, é comum surgirem discussões e dúvidas que requeiram dados ou informações mais precisas. Este pode ser um bom momento para que os alunos consultem instantaneamente a internet e aprofundem o debate.

O professor pode propor algum tema ou desafio para que os alunos criem conteúdo audiovisual e apresentem o resultado nas aulas seguintes, discutindo tanto o contexto social, histórico ou político do que foi fotografado ou filmado, quanto para analisar a forma como esse registro foi realizado. Os estudantes também podem montar um banco de imagens sobre determinado assunto

abordado em sala de aula, produzindo imagens dentro e fora do ambiente escolar para elaborar um mural informativo ou para registrar informações durante uma atividade fora da sala de aula.

Com aplicativos como o Google Formulários, os professores podem criar testes rápidos de múltipla escolha para toda a turma. A vantagem é poder ver o resultado instantaneamente, com as estatísticas de quantos alunos escolheram cada resposta e abrir a possibilidade de debate logo em seguida.

É muito comum que os professores tragam notícias de jornais e revistas para discutir um assunto e analisar os discursos que o abordam. Com os celulares, todos podem ler o texto na palma da mão — com a vantagem de que não é preciso imprimir nenhuma folha.

Aplicativos como o *Google Maps* podem tornar mais concreta a visualização de fronteiras, territórios e espaços para os estudantes, especialmente nas aulas de História e Geografia. Outro potencial educativo dessas ferramentas é a criação de mapas colaborativos sobre diferentes temas e sob a perspectiva estudantil.

Em muitas escolas, é preciso reservar com antecedência uma sala especial com projetor para exibir vídeos ou agendar o uso de aparelhos de som. Celulares dispensam todo esse processo.

Precisa cronometrar uma experiência, apresentação ou uma atividade de Educação Física? Use o celular. Quer uma calculadora, um dicionário, um gravador, um tradutor, um calendário ou um escâner? Tudo está no mesmo lugar: no *smartphone*¹⁰.

O segundo aplicativo é para apresentar aos alunos outra finalidade ao uso do celular, além de otimizar a aula, este recurso faz parte do universo de jovens com que trabalhamos, ao invés de termos um embate, trazemos este recurso para as aulas. Para isso deverá haver rodas de conversa sobre a importância de saber utilizar o recurso com propósito e o quanto as aulas poderão ficar diferenciadas salientando sempre que a tecnologia não irá substituir as leituras mas apresentará oportunidades de pesquisas e aprendizagens mais dinâmicas.

¹⁰ Consulta site <https://educacaointegral.org.br/reportagens/7-maneras-de-usar-o-celular-em-sala-de-aula/>

Página inicial do site

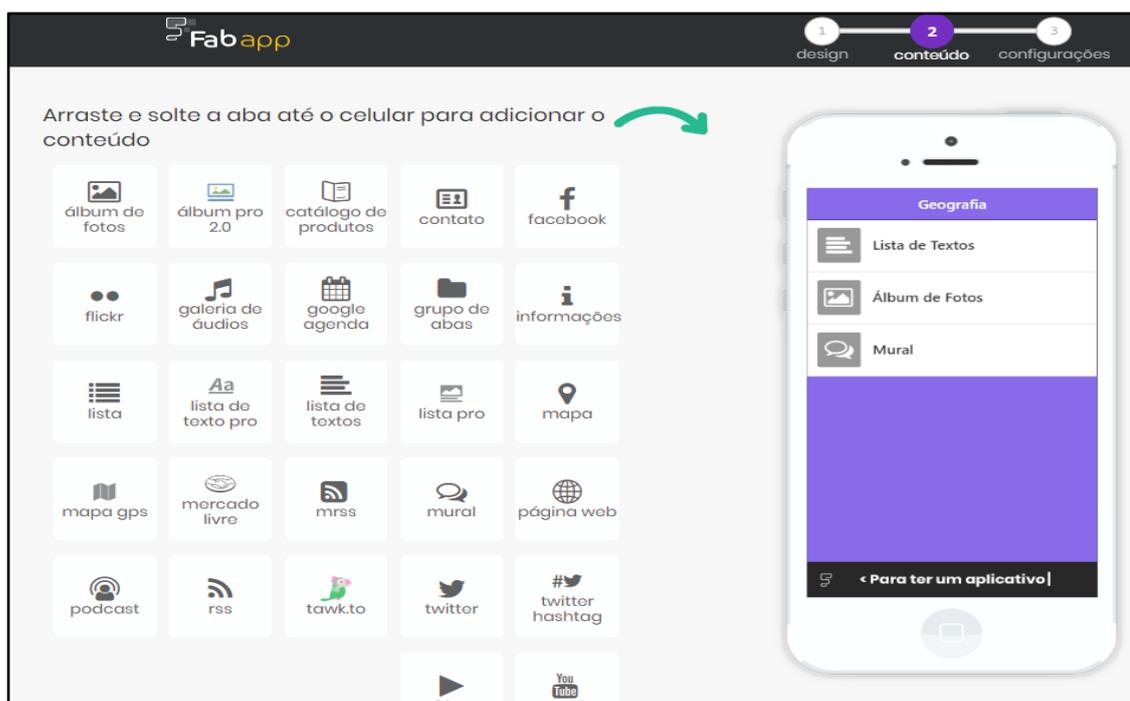


<https://portal2.fabricadeaplicativos.com.br>

Como o primeiro recurso tecnológico, aqui o professor deve se cadastrar no site, também é gratuito site <https://fabricadeaplicativos.com.br/>

Este site é bem simples, basta seguir os passos 1: designs, 2: conteúdo e 3: configuração. É só clicar e arrastar.

Página dos Conteúdos



<https://portal2.fabricadeaplicativos.com.br/applications/edit/1826908>

Segue abaixo um tutorial¹¹:

1 - CADASTRO

Para iniciar, entre no site da Fábrica de Aplicativos e faça o seu cadastro, clicando no botão "CADASTRAR" localizado no canto superior direito do navegador. Você pode fazer o *login* pelo *Facebook* ou fornecendo um email.

Entrando com o *Facebook* a sua conta já estará ativada, caso seja por email e senha, você deve confirmar seu cadastro por meio de um e-mail que será enviado automaticamente.



<https://portal2.fabricadeaplicativos.com.br>

2 - NOVO APP

Com a conta ativada a primeira tela que você irá acessar contém os seus aplicativos! Como é a primeira vez, não vai ter nenhum!

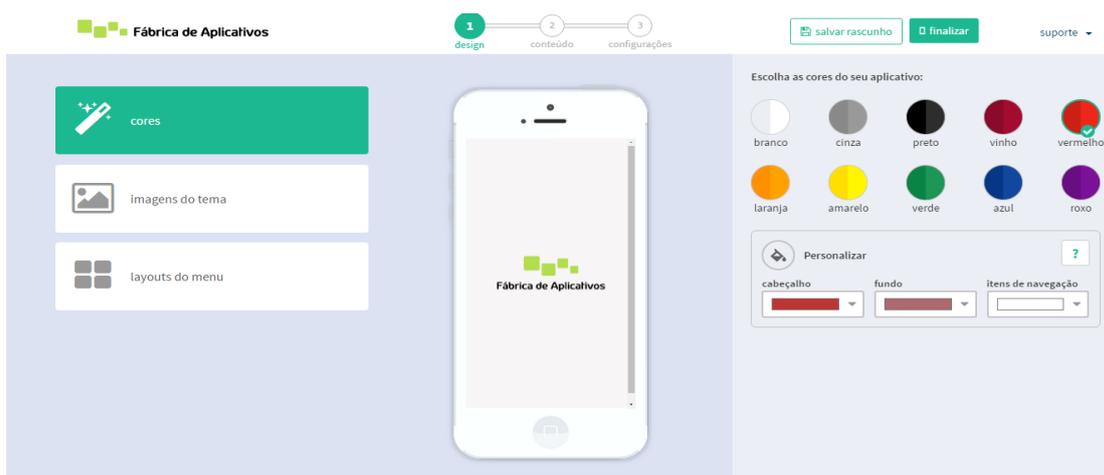
Portanto **clique em "NOVO APP"** e você será direcionado para a primeira tela, onde será a hora definir o visual do aplicativo!

¹¹<https://portal2.fabricadeaplicativos.com.br/applications/edit/1826908>



3 - VISUAL DO APP

Comece escolhendo a cor principal do seu aplicativo!



Depois personalize ainda mais seu app escolhendo as 3 principais imagens dele. É muito importante que elas sejam incríveis, pois assim seu app fica muito mais profissional!

Abertura

É a imagem que aparece quando se abre o aplicativo, sendo ela a primeira que os usuários vão visualizar. Resolução: *750 pixels* de largura x *1334 pixels* de altura.

Imagem do Cabeçalho

Fica no topo do seu aplicativo na tela de menu. Nela você pode inserir uma imagem que indique e demonstre qual é a sua marca ou a razão do aplicativo. Pode ser a sua marca ou até mesmo pode ser usada para propaganda. Resolução: *750 pixels* de largura x *188 pixels* de altura.

Imagem de Fundo

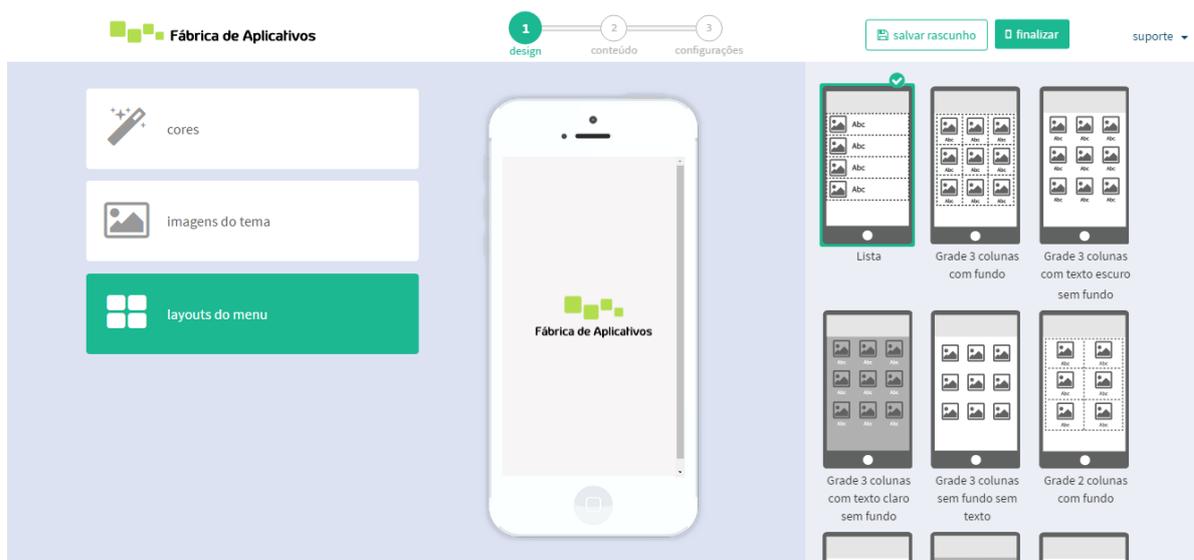
É a imagem que os usuários irão ver quando uma aba for clicada, no momento da transição entre uma tela e outra. Caso seu app tenha poucas abas,

ela aparecerá na tela principal (menu). Muitos *appers* utilizam a parte inferior desta imagem para comunicação direta. Resolução: *750 pixels* de altura x *1334 pixels* de largura.

IMPORTANTE: As imagens para serem aceitas e carregadas não precisam estar na resolução certa, porém para obter um resultado com um melhor design recomendamos que sejam ajustadas.

LAYOUTS DE MENU

- 1) Lista.
- 2) Grade 2 colunas - fundo, sem fundo com texto escuro, sem fundo com texto claro e sem fundo e sem texto.
- 3) Grade 3 colunas - fundo, sem fundo com texto escuro, sem fundo com texto claro e sem fundo e sem texto.
- 4) Grade 4 colunas - fundo, sem fundo com texto escuro, sem fundo com texto claro e sem fundo e sem texto.

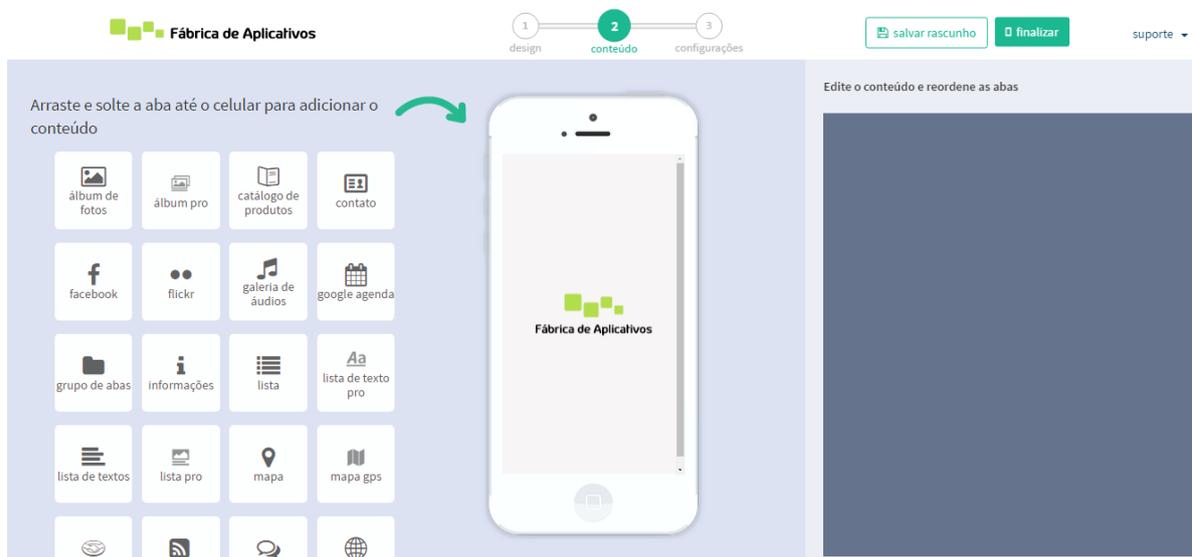


4 - ABAS E FUNCIONALIDADES

Após definir a cara do seu aplicativo com cores e imagens, clique em "Conteúdo". Você agora vai escolher as abas e funções que você deseja no seu app.

Hora da criatividade, planejamento e execução! Você será levado a uma tela (imagem abaixo) onde você vai editar seu app e ver as alterações em **tempo real no computador!!!** Para adicionar qualquer aba, basta clicar nela que um botão de

adicionar () irá aparecer, clique nele! Ou arraste para o *preview* do seu celular no centro da tela!



5 - INSERIR O CONTEÚDO

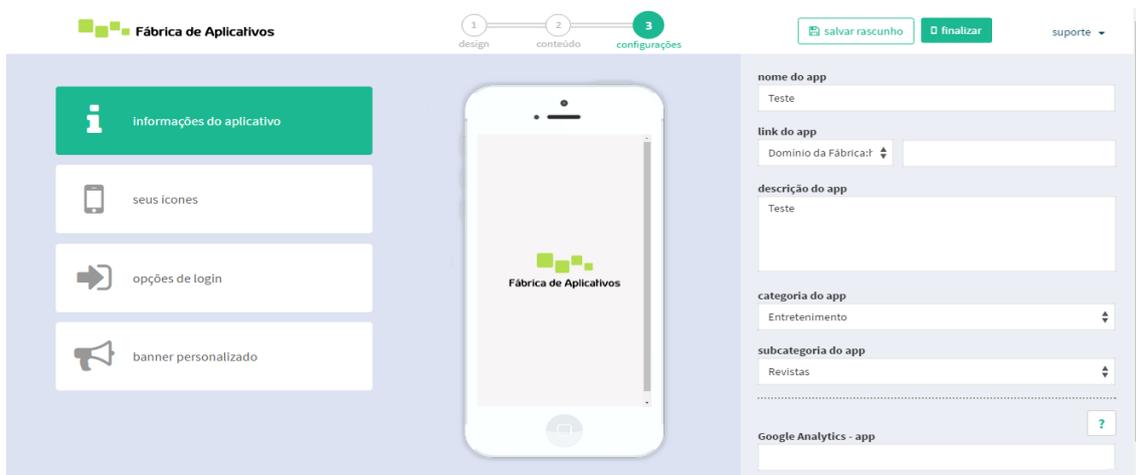
Agora, mão na massa! Insira seus produtos, textos, redes sociais, páginas web e crie um conteúdo maravilhoso que faça os usuários acessarem mais e mais seu app! Depois de preencher seu conteúdo, pronto! Clique no botão "3".

6 - QUASE LÁ

Seu app está praticamente pronto! Você deve agora:

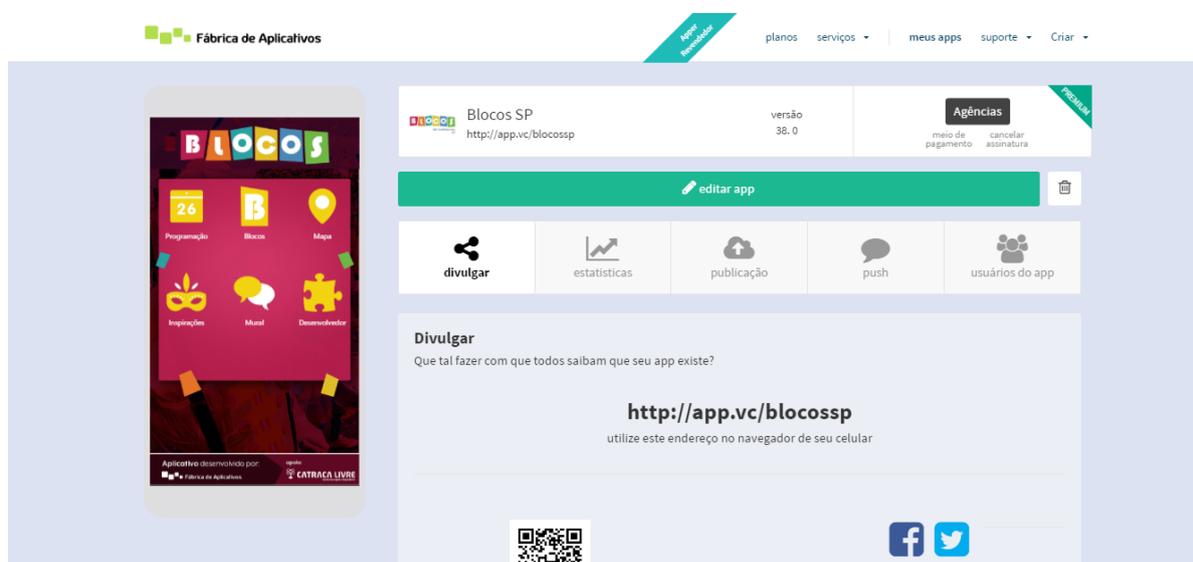
Escolher o ícone do Aplicativo - será o ícone que aparecerá no celular para o usuário acessar o APP.

Depois, inserir o nome do APP, Categoria, Subcategoria, *link* e descrição. Ao terminar todas suas alterações, você pode manter seu app em rascunho, clicando no botão no rodapé, ou "finalizar".



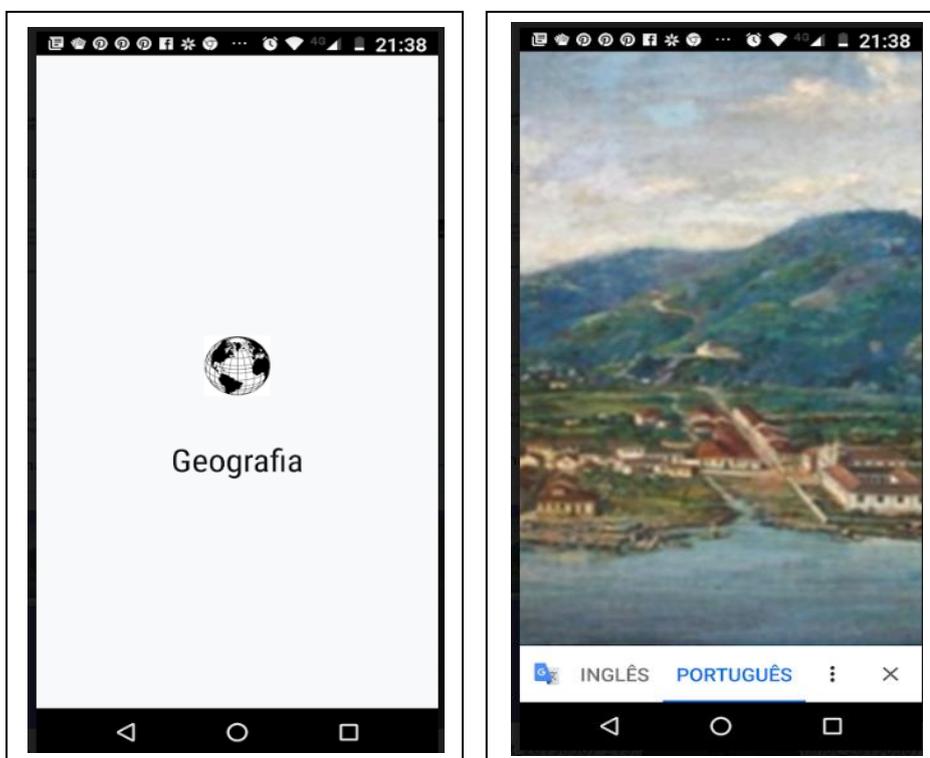
7 - DIVULGUE E PUBLIQUE SEU APP!

Seu aplicativo está pronto! Você agora pode usar o link (app.vc/nomedoseuapp ou applink.com.br/nomedoseuapp) ou o *QR-code* para promovê-lo! Compartilhe nas redes sociais, mande por *SMS*, *WhatsApp* e e-mail.



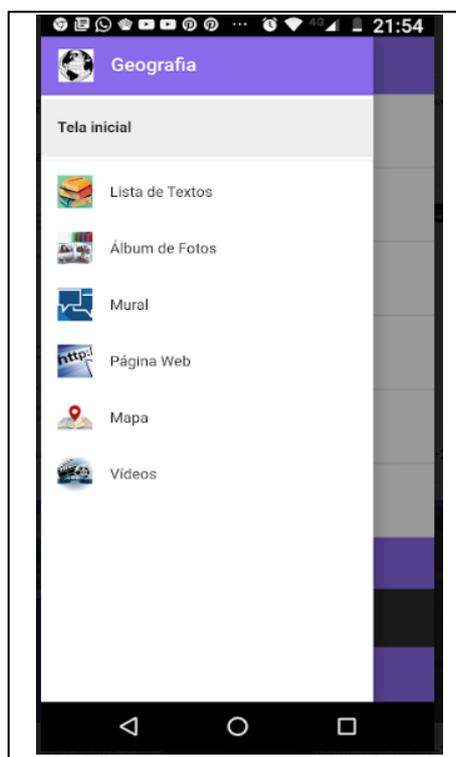
Em nosso aplicativo pronto deixamos duas páginas de abertura, uma que identifica a disciplina e na outra, a obra de Calixto Porto de Santos 1822.

Páginas de abertura



O aplicativo criado ficou com poucos ícones, porque a ideia é ir acrescentando de acordo com os desdobramentos das aulas. Excesso de ícones e conteúdos não é produtivo.

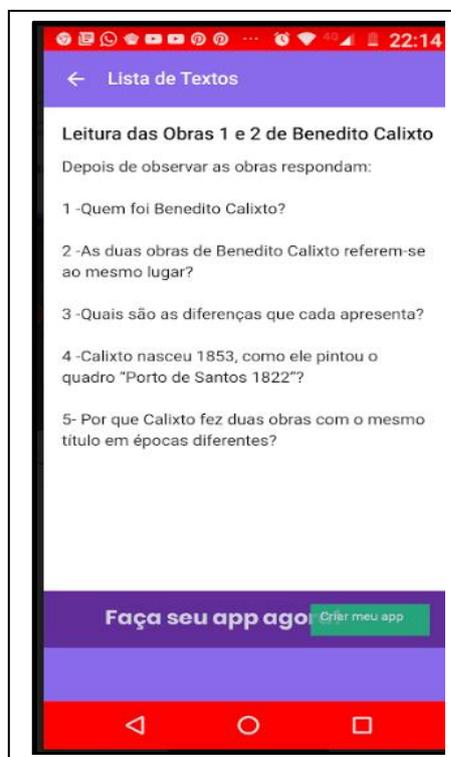
Tela inicial do app



Fonte: OSHIDA (2019)

Para iniciar a visualização basta clicar no primeiro ícone Lista de textos, a ordem dos ícones é importante para os alunos terem um encadeamento de ideais, lembrando que eles são da geração da tecnologia, mas estão neste momento utilizando para estudo e isto é um fato novo para eles.

Telas com os textos explicativos



Tela de visualização das imagens



Fonte: OSHIDA (2019)

Leitura

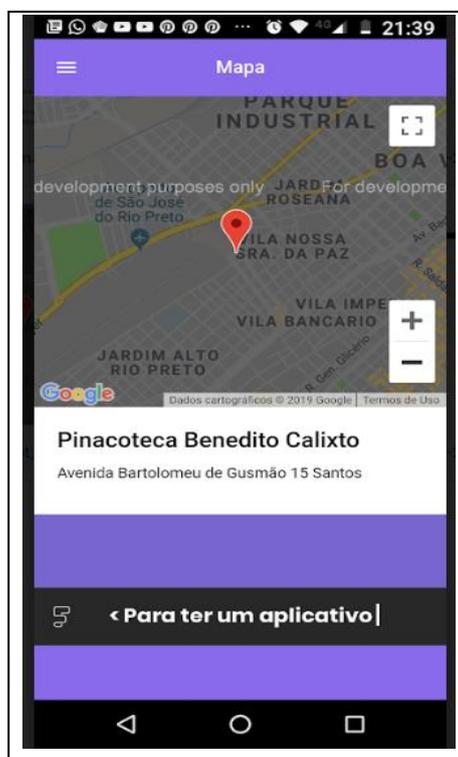


Fonte: OSHIDA (2019)

O aluno deve clicar em cima da imagem para ampliar, assim poderá realizar a leitura.

É importante o aluno entender a importância da leitura e interpretação seja dos textos escritos ou não verbais. O recurso do vídeo ressalta a memória auditiva e visual bem presentes nesta faixa etária.

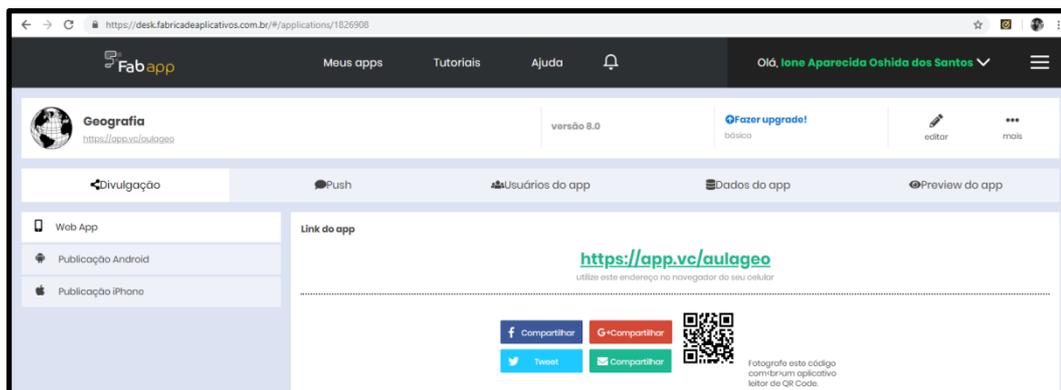
Mapas



Fonte: OSHIDA (2019)

A cartografia e localização também deve ser incentivada por meio do aplicativo tanto a inserção como a leitura. O reconhecimento do lugar é importante tanto para o raciocínio espacial como para o lógico.

No site ficará registrado seu aplicativo com endereço *URL* e *QR CODE*.



Fonte: OSHIDA (2019)

Após realizar o aplicativo cabem algumas considerações: a plataforma não possui muito recurso no que se refere a vocabulário, o professor deve adequar com sinônimos para que a frase fique com sentido, na inserção de sites, como utilizamos a versão gratuita, tivemos dificuldades, pois o site possui acesso aqueles que disponibilizam a divulgação no formato de anúncio.

Na questão de inserir imagens, estas devem ser inseridas nos formatos *JPG* ou *JPEG* e os vídeos o site possui um limite de *12 Mb*.

Mesmo com tantos detalhes, é válido para docente e discente. O professor que não tem muita habilidade com tecnologia pode iniciar com um ou dois ícones, seja de imagem ou texto e com o manuseio irá desenvolver a habilidade necessária. Outro ponto importante que toda atualização que o professor fizer, automaticamente será carregada nos aparelhos que tiverem os aplicativos instalados.

No caso do aluno, apesar deles terem mais facilidade com a tecnologia, a utilização do aparelho celular é meramente para jogos ou redes sociais. Inserir a tecnologia nas aulas fará com que os alunos despertem a curiosidade e interesse para desenvolver um aplicativo de sua autoria e para isso ele precisará utilizar a escrita, a pesquisa e a autocrítica.

Consideramos esta proposta viável como aplicação e com a metodologia desenvolvida esperamos que novas atividades sejam aplicadas nas aulas de geografia nos anos finais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

LÉVY, Pierre. *Cyberdémocratie*. Paris: Éditions Odile Jacob, 2002.

ROVERE, Maria Helena Marques. **Escola de valor: significando a vida e a arte de educar**. São Paulo: Paulus, 2009

http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf

Acesso em: 18 DEZ. 2018

http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/11/tecnologias_moran.pdf

Acesso em: 04JAN. 2019

.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASARI, Alice Yatiuo; ANTONELLO, Ideni Terezinha; TSUKAMOTO, Ruth Youko (org.) **Múltiplas Geografias: ensino – pesquisa – reflexão**. Londrina: Edições Humanidades, 2004.

AUSUBEL, D.P.; NOVAK, J.D. e HANESIAN, H.. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro, Interamericana. Tradução para português, de Eva Nick et al., da segunda edição de *Educational psychology: a cognitive view*, 2008.

BALNAT, Ana Kalassa El. **A Cidade pelos olhos do pintor: memória e representação de Santos em Benedito Calixto entre 1890 e 1927**. Anais eletrônicos do XXII encontro Estadual de História de ANPUH, São Paulo, 2014

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. In: _____. **Os pensadores**. São Paulo: Victor Civita, 1983.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da VERI, 1984.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

BRAGA, Altamiro E. **A Memória Geográfica: as imagens do espaço habitado como instrumento de ensino de geografia**. ENEG 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino Fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, ALINE; PUNARI, PEDRO PAULO. **Museu e Identidade Nacional: reflexões e propostas**. In: III SEMANA NACIONAL DE MUSEUS NA UNIFAL, IX SEMANA NACIONAL DE MUSEUS: MUSEUS E MEMÓRIAS; 2011; Minas Gerais. Anais... Minas Gerais: UNIFAL, 2011.

CARVALHO, Ana Conceição S. de. **Sergipe e sua Memória**. In: ANA, C. S. de C; ROSINA, F. R. (org.). Monumentos Sergipanos: Bens protegidos por lei e tombados através de Decretos do Governo do Estado. Aracaju: Sercore, 2007.

CARVALHO, Márcia E. S. **Ensino de geografia e formação docente: reflexões e ações para o cotidiano escolar**. In: O Fazer Geográfico: Teoria e Prática. (Orgs.) CARVALHO, E. S.; SANTOS, Ana R. dos. Editora FUS: São Cristóvão, 2013. cap. 7, p. 161-180.

CASTELLAR, Sonia M. V. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, 2005, p. 209-225. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a05v2566.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. In: Seminário Nacional Currículo Em Movimento, I, Belo Horizonte. Anais... I Seminário Nacional Currículo em Movimento, Belo Horizonte, p. 1-16, 2010.

_____. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 18º ed. Campinas, SP: Papirus, 2013

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural no Brasil**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p. 11-25. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>

_____. **As abordagens da geografia cultural.** In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. Explorações geográficas, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CARVALHO, Márcia E. S. **Ensino de geografia e formação docente: reflexões e ações para o cotidiano escolar.** In: **O Fazer Geográfico: Teoria e Prática.** (Orgs.) CARVALHO, E. S.; SANTOS, Ana R. dos. Editora FUS: São Cristóvão, 2013.

COSTA, F. R.; LIMA, F. A. F. **A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões.** Geografia Ensino & Pesquisa, v. 16, n.2, p. 105-116, maio/ago. 2012. 11235

COSTA, Otávio. **Memória e paisagem: em busca do símbolo dos lugares. Espaço e Cultura,** Rio de Janeiro, edição comemorativa 1993-2008, p. 149-151. Disponível em: <www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacocultura/article/view/6143/4415>. Acesso em: 20 mar. 2017.

DIAS, J. M. **Crianças e favelas: percepções, mediações e sentidos.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2010.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento.** In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** [Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro] Campinas, SP : Mercado de Letras, 2004, p. 95 – 128.

FABRÍCIA de O. **GEOGRAFIA E MUSEUS:** proposta de diálogos. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 259-273, jul./dez., 2016.

FEITOSA, M. M. M.; MORAES, C. L. G.; COSTA, J. J. S. **O entrelaçamento de fios entre a Geografia e a literatura: a construção de um saber múltiplo.** Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 185-193, jan./jul. 2012.

FERRONATTO, S. I. **Ler o mundo, compreender a palavra: ambiente alfabetizador como espaço de construções sociocognitivas.** 2005. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

FONTANA, Maire Josiane; FÁVERO, Altair Alberto. **Professor Reflexivo: uma integração entre teoria e prática.** REI – Revista de Educação do IDEAU (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai), v. 8, nº 17, 2013.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo.** Brasília, 2ª ed. Liber Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. In Col. Polêmicas do Nosso tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

GALVÃO, GEYSA KARLA ALVES. **A relação museu-visitante: o caso do Museu do Homem do Nordeste**. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA; 2011; São Paulo. Anais... São Paulo: ANPUH, 2011

GOUVÊA, G. Martins. **Imagens e Educação em Ciências**. Rio de Janeiro: DP& A, 2001

KAERCHER, N. A. **A geografia é o nosso dia a dia**. In: CASTROGIOVANI C. Geografia escolar: relações e representações da prática social .CALLAI, H. C.; SCHAFFER, N. O. (Orgs.). Geografia em sala de aula - práticas e reflexões. Porto Alegre, 1998. p.13-25

KARPINSKI, Cezar. **Paisagem e História: notas de leitura**. Espaço Plural, Cascavel, ano XII, n. 25, 2011, p. 26-36

KELLER, Susanne. **A respeito da compreensão da geografia pelos artistas viajantes nos séculos XVIII e XIX**. Revista Porto Alegre, v.15, nº25, NOV/2008.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

KUNZ, Sidelmar Alves da S.; CASTIONE, Remi. **ESPAÇO GEOGRÁFICO E INTERDISCIPLINARIDADE: natureza do conhecimento geográfico no saber escolar**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 259-273, jul./dez., 2016

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998

MACEDO, L.; PETTY. S, L, A.; PASSOS, C, N. **Aprender com jogos situações problemas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Editora Parábola, 2014.

MARQUEZ, R. M. **Arte e Geografia**. In: FREIRE-MEDEIROS, B.; COSTA, M. H. B. V. (Org.). **Imagens Marginais**. Natal: EdUFRN, 2006.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. Tradução de Maurício Waldmam. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Alice Fátima. Cinema e ensino de artes visuais: questões para reflexão. In: anais I CEAC, 2007, Santa Maria, Anais, 2007.

MATTOS, Claudia. **A pintura de paisagem entre arte e ciência: Goethe, Hackert, Humboldt**. Terceira margem. Revista do programa de pós-graduação em ciência da literatura. Ano VIII, N 10, 2004.

MELLO, D. M.; RODRIGUES, A. S.; MACHADO, N. N.. **Professora ou maestra, sempre aprendiz/O Entrecruzar de minha vida pessoal e a vida na escola em minha formação**. Pesquisa Narrativa: fenômeno estudado e método de pesquisa. In: ROMERO, T. R. S. (Org.). **Autobiografias na (Re)Construção de Identidades de Professores de Línguas: o olhar crítico-reflexivo**. São Paulo: Pontes, 2010.

MELLO, Laércio. **O uso de diferentes linguagens na leitura geográfica** (livro eletrônico. Curitiba: Intersaberes, 2016

MIRANDA, S. R. **Proposta curricular: História**. Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. Secretaria de Educação, 2010.

MORAES, J. G. V. **História e música: canção popular e conhecimento histórico**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203-221, 2000.

MORAES, Antonio Carlos R. O sentido formativo da Geografia. 2008. Disponível em: www.iea.usp.br/publicacoes/textos/sentidoformativoGeografia.pdf

MOREIRA, Marco António; BUCHWEITZ, Bernardo. **Novas estratégias de ensino e aprendizagem: os mapas conceptuais e o Vê epistemológico**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1993

MORETTO, V. P. **Prova: um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A Ed.. 2001.

MORAIS, Lucas Oliveira. **O ensino da Geografia: novos recursos velhos desafios**. V colóquio internacional "Educação e contemporaneidade" São Cristovão-SE/ Brasil. 21 a 23 de setembro de 2011.

NETO, Otávio Cruz. **O Trabalho de Campo como descoberta e criação**. In: DESLANDES, Suely F.; NETO, Otávio C.; GOMES, Romeu e MARIA, Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 51.

OLIVEIRA JR., W. M. **Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografia menores**. Proposições, Campinas-SP, v. 20, n. 3, p. 17-28, 2009.

PANIZZA, Andrea de Castro. **Paisagem**. 1 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2014. Coleção Como eu Ensino. 175 p. SANTOS, PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização Cartográfica e a Aprendizagem de Geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica** - livro eletrônico. Curitiba: Intersaberes, 2016.

PINHO, C. S.; FERREIRA, R. V. J. **O trabalho com as múltiplas linguagens no ensino de História e Geografia nos anos iniciais: ouvindo as crianças**. In: Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, 6 ed., Canoas. Anais... Canoas: [s.n.], p. 1-13, 2015.

POZO, Juan Ignacio. **A aprendizagem e o ensino de fatos e conceitos**. In: COLL, César et. All. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/calixt30.htm>

REICHWALD JÚNIOR, Guilherme. **Leitura e escrita na geografia ontem e hoje**. In: NEVES, Iara C. B. et al. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 7. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p. 67-72.

SANTOS, Rosselvelt José. COSTA, Cláudia Lúcia da. KINN, Marli Graniel. **Coleção explorando o ensino: Geografia**. In: **Ensino de Geografia e novas linguagens**. Brasília: MEC. Volume 22, 2010.

SANTOS, Fabrícia de O. **GEOGRAFIA E MUSEUS: proposta de diálogos**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 12, p. 259-273, jul./dez., 2016.

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia Aplicada em museus**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 2, p. 15-26, 1999.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. Hucitec: São Paulo, 1988

SANTOS, Roseane Maria Rudnick dos. **O ensino de geografia e suas linguagens**. Livro eletrônico; SOUZA, Sandra mara Lopes de. Curitiba: Intersaberes, 2012

SILVA, A. S. R. **A utilização de obras de artes no ensino de Geografia**. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 10, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ENPEG, s/p, 2009

SILVA, Vicente de P. da. **O ensino de geografia por meio de projetos de pesquisa: experiências em escolas públicas no município de Uberlândia – MG**. Revista Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 23-38, 2011.

SOARES, C. S. **As representações literárias e o ensino de História: discutindo História pela literatura**. In: Colóquio de História, V. Recife, 2011. Anais... Recife: UNICAP, p. 795-800, 2011.

SUCUPIRA, C. A. C. et al. Gestão da cadeia de suprimentos e o papel da tecnologia de informação. abr. 2003. Disponível em: <<http://www.cezarsucupira.com.br/artigos>>. Acesso em: 25 ago. 2004.

SUERTEGARY, Dirce Maria Antunes. **Espaço Geográfico Uno e Múltiplo**. Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. nº 93. Barcelona – Espanha: Universidade de Barcelona, 2001.

TEBEROSKY, A. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. **A fotografia como ferramenta de auxílio no ensino da Geografia**. In: Revista de Biologia e Ciências da Terra. 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia Oliveira. São Paulo: Difel, 1980

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. **Os Temas da Geografia Cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Introdução à Geografia Cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

SUCUPIRA, C. A. C. et al. Gestão da cadeia de suprimentos e o papel da tecnologia de informação. abr. 2003. Disponível em: <<http://www.cezarsucupira.com.br/artigos>>. Acesso em: 25 ago. 2004.

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Instituição

Esta pesquisa será realizada pela aluna IONE APARECIDA OSHIDA DOS SANTOS do curso de Mestrado Profissional da Universidade Metropolitana de Santos, localizada à Av. Conselheiro Nébias, 536 - Encruzilhada, Santos - SP, 11045-002, como uma das atividades que compõem seu aprendizado e formação profissional no curso de Mestrado Profissional em Práticas Docentes do Ensino Fundamental, orientado pela Prof^a. Dra. Renata Barrocas. Segundo preceitos éticos, informamos que sua participação será absolutamente sigilosa, não constando seu nome em qualquer outro dado que possa identificá-lo no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa. Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará em quaisquer danos, não caberá quaisquer bônus ou benefícios e não oferecerá nenhum risco à sua pessoa. A seguir, damos as informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer outra informação que você desejar pode ser fornecida a qualquer momento pela aluna ou pela professora responsável.

Tema da pesquisa: Geografia cultural na escola: a leitura geográfica nas obras de Benedito Calixto

Objetivos: Estudar as obras de Benedito Calixto no período em que a cidade de Santos estava em plena construção da modernidade 1890 a 1927, comparando-as aos dias de hoje com as fotografias aéreas de Sérgio Furtado, relacionando com o ensino de Geografia, nos conceitos de espaço geográfico e paisagem; Discutir com os oitavos anos a interpretação das categorias geográficas paisagem e lugar a partir das linguagens artísticas e pictórica.

Procedimento: Sequência Didática

Você tem total liberdade para recusar a participação assim como solicitar exclusão dos dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo. Agradecemos a participação enfatizando que a mesma contribuirá para a formação do aluno e para a construção do conhecimento atual na área de Práticas Docentes.

Ione Aparecida OSHIDA dos Santos

Prof^a. Dr^a. Renata Barrocas

RG 17.952.141-X

RG 23381589-2

Tendo ciência das informações neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
Eu _____ portador do

RG _____, autorizo a aplicação desta pesquisa nesta instituição, EE. Marques de São Vicente.

Santos, _____ de novembro de 2018.

Apêndice 2 - CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO ALUNO (A) COMO PARTICIPANTE

Eu, _____,

RG _____,

Abaixo assinado, concordo com a participação da aluna (o) _____ na

pesquisa “Geografia cultural na escola: a leitura geográfica nas obras de Benedito Calixto”, como sujeito. Tendo sido devidamente informado e esclarecido a E.E. Marques de São Vicente pela pesquisadora Prof^a Ione Aparecida OSHIDA dos Santos, sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Sendo garantido a retirada do meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo.

Santos, _____ de _____ 2018.

Nome: _____

Assinatura: _____